



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOSÉ RICARDO BELTRAMINI DE MELO

CORRESPONDÊNCIAS DE PIERRE BOURDIEU A RAYMOND

WILLIAMS: diálogos na história intelectual do século XX

CAMPINAS

2021

JOSÉ RICARDO BELTRAMINI DE MELO

**CORRESPONDÊNCIAS DE PIERRE BOURDIEU A
RAYMOND WILLIAMS: diálogos na história intelectual do século
XX.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO JOSÉ RICARDO BELTRAMINI DE MELO, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO.

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Melo, José Ricardo Beltramini de, 1995-
M491c Correspondências de Pierre Bourdieu a Raymond Williams : diálogos na história intelectual do século XX / José Ricardo Beltramini de Melo. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Williams, Raymond, 1921-1988 - Correspondência. 2. Bourdieu, Pierre, 1930-2002 - Correspondência. 3. Intelectuais - Correspondência. 4. Sociologia. I. Paixão, Alexandro Henrique, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Correspondences from Pierre Bourdieu to Raymond Williams : dialogues in the intellectual history of the 20th century

Palavras-chave em inglês:

Williams, Raymond, 1921-1988 - Correspondence

Bourdieu, Pierre, 1930-2002 - Correspondence

Intellectuals - Correspondence

Sociology

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Alexandro Henrique Paixão [Orientador]

Michel Nicolau Netto

Ugo Urbano Casares Rivetti

Data de defesa: 22-12-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4355-11>

- Currículo Lattes do autor: http://www.cnpq.br/cv/lattesweb/PKG_MENU.men

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CORRESPONDÊNCIAS DE PIERRE BOURDIEU A
RAYMOND WILLIAMS:
diálogos na história intelectual do século XX**

Autor: José Ricardo Beltramini de Melo

COMISSÃO JULGADORA:

Alexandro Henrique Paixão
Prof. Ugo Urbano Casares Rivetti
Prof. Michel Nicolau Netto

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

Ao final de um grande percurso marcado por diálogos e troca de saberes, encerro este trabalho sabendo que é fruto de um esforço individual amparado por um coletivo de ideias e olhares que não devem ser silenciados. Início com os agradecimentos ao meu orientador Alexandre Henrique Paixão por sua confiança em me entregar os achados de suas pesquisas para dar sequência. Sua orientação e ensinamentos é que possibilitaram dar vida a esta pesquisa. Estendo meus agradecimentos as professoras e professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação e aos docentes convidados da disciplina Atividades Programadas de Pesquisa de Mestrado I e II, que contribuíram direta ou indiretamente para o caminho que a pesquisa se enveredou.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Não posso me furtar aos agradecimentos também ao Ubirajara, funcionário da Biblioteca da Faculdade de Educação que em conjunto com Abia Luiza, ex-funcionária da biblioteca, conseguiram se mobilizar para realizar esforços internacionais, que contribuíram para parte da bibliografia base da pesquisa chegar às minhas mãos. Não podem faltar menções aos membros do grupo de pesquisa, coordenado por Alexandre Paixão, LECHESP: Hiago, Yasmim, Patrícia, Carla, Mariana, Emilio e aos antigos membros Isaaka e Rebeca que acompanharam o início e todo o desenvolvimento do trabalho, mostrando caminhos e possibilidades para esse texto.

Por fim, a leitura cuidadosa dos professores Antonio Carlos Dias Junior, Michel Nicolau e Ugo Rivetti membros da banca de qualificação e defesa que contribuíram fundamentalmente para o encaminhamento do trabalho.

RESUMO

A pesquisa está fundamentada nas correspondências de Pierre Bourdieu (1930-2002) para Raymond Williams (1921-1988), identificadas em pesquisas predecessoras. Partimos dos seguintes materiais empíricos: cartas localizadas no acervo da Universidade de Swansea, uma dedicatória dentro de um volume de *La Distinction* presente na biblioteca de Nottingham e um artigo de autoria de Raymond Williams e Nicholas Garnham. Com a existência das correspondências, fundamentamos a assertiva de que houve alguma espécie de vínculo intelectual entre os autores, cabendo na análise compreender, dentro dos contextos apresentados pelas fontes, qual a extensão e configuração que tais vínculos alcançaram. Apresentados os objetos de estudo e pergunta inicial, a hipótese central toma forma na pergunta: há um processo de *transferências culturais* em curso durante as correspondências dos autores? O método desenvolvido contemplou a análise das esferas intelectuais que permearam os autores, realizando um recorte a respeito do campo intelectual britânico e do campo intelectual francês, com o objetivo de localizar nossos autores-sujeitos em seus respectivos campos intelectuais. Aliados a estrutura intelectual que permeia cada autor, foi selecionado aspectos das trajetórias intelectuais que distinguimos como indispensáveis para considerar suas posições nos campos e propiciar a interlocução entre eles. O ponto em que a pesquisa se diferencia de outros trabalhos que circunscreveram os dois autores sob uma mesma ótica corresponde com a ausência um trabalho sobre as relações estabelecidas pelos autores: muitos os aproximam e os afastam, mas não trouxeram seus diálogos concretamente. Temos, como conclusão que, para além de trocas intelectuais entre Pierre Bourdieu e Raymond Williams, há um processo de transferência cultural no curso de suas correspondências.

Palavras-chave: Raymond Williams; Pierre Bourdieu; Correspondências; Cartas; Transferência cultural; Sociologia dos Intelectuais.

ABSTRACT

The research is substantiated in the correspondences of Pierre Bourdieu (1930-2002) to Raymond Williams (1921-1988), identifying in previous researches. We start from the following empirical materials: letters located in the Swansea University archives, a dedicatory within a volume of *La Distinction* present in the Nottingham library and an article by Raymond Williams and Nicholas Garnham. With the existence of correspondences, We justify the assertion that there was some kind of intellectual bond between the authors, fitting to the analysis to understand, within the contexts presented by the sources, which is the extend and configuration such bounds reached. With the objects of study and initial question presented, the central hypothesis takes form in the question: is there an ongoing process of cultural transfers during the authors' correspondence? The developed method contemplated the analysis of the intellectual realm that permeated the authors, making a cut about the British intellectual field and the French intellectual field, with the objective of locating our authors-subjects in their respective intellectual fields. Allied to the intellectual structure that permeates each author, we selected aspects of the intellectual trajectories that we distinguished as essential for considering their positions in the fields and providing dialogue between them. The point at which the research differs from other works that circumscribed the two authors under the same perspective corresponds to the absence of a work on the relationships established by the authors: many bring them closer and further apart, but they did not bring their dialogues concretely. We conclude that, in addition to intellectual exchanges between Pierre Bourdieu and Raymond Williams, there is a cultural transfer process underway of their correspondence.

Key words: Raymond Williams; Pierre Bourdieu; Correspondences; Letters; Intellectual transference; Sociology of Intellectuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Fundamentos Teóricos dos Correspondentes.....	23
Métodos.....	27
CAPÍTULO I	33
CAPÍTULO II	43
Artigo <i>Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An introduction</i>	66
CAPÍTULO III	79
Campo Intelectual: pontuações na sociologia britânica e na sociologia francesa.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	103
ANEXOS	104
Anexo I – L’Indice De Libri del Mese.....	104
Anexo II – Dedicatória.....	107

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se em uma série de materiais empíricos trocados entre Raymond Williams (1921-1988) e Pierre Bourdieu (1930-2002). A fonte primária corresponde a três cartas trocadas entre os autores e uma dedicatória de Pierre Bourdieu endereçada ao autor galês na primeira edição de *La Distinction*, datada de 1979. Além dos manuscritos, tornamos parte do material de análise um artigo redigido por Raymond Williams e Nicholas Garnham¹ a respeito da obra citada acima e uma introdução ao pensamento do autor francês. Com tais objetos de pesquisa procurou-se construir um panorama das trocas intelectuais dos autores ao mesmo tempo que se buscou traçar também vestígios de um movimento de transferência cultural que permeia a coletânea do material. O tratamento com tais objetos empíricos iniciou nas observações de suas particularidades, na tentativa de explorar as minúcias que cada um traz, apresentando os indícios da transferência cultural entre os autores. O segundo movimento foi remontar o processo intelectual que compõe o desenvolvimento dessa transferência cultural.

Outros pesquisadores já se ocuparam sobre as interações de Williams e Bourdieu e tais pesquisas nos indicam a importância de nos determos na relação entre esses dois sujeitos. A contribuição que buscamos definir é que para além da constatação de que os autores estavam interagindo, mostraremos as evidências dessas interações, possíveis de serem identificadas dentro das limitações do processo desta pesquisa, bem como qual a reverberação dessas comunicações encontradas. Através do compilado dos materiais diversos e a teoria que torna possível trabalhar tais materiais, a elaboração do trabalho investigativo a partir do material empírico constrói um debate intelectual entre os dois autores, empenhando-se em aproximar contextos diferentes, trajetórias e abordagens nem um pouco similares, contudo onde são elaborados modelos de interpretações que possuem pontos de confluência² que podem ser explicados, em partes, com a investigação de uma parte do material reunido para compor essa pesquisa. Deste modo, temos como ponto fundamental do trabalho evidenciar as trocas intelectuais entre Raymond Williams e Pierre Bourdieu concedendo um amparo empírico para

¹ É necessário agradecer ao professor Michel Nicolau Netto a indicação de Nicholas Garnham como um articulador dos estudos de Pierre Bourdieu na sociologia britânica. A indicação foi realizada durante a disciplina de Atividades Programadas de Pesquisa no ano de 2019, em seu primeiro contato com esta pesquisa.

² Aqui, entendemos que alguns autores já se ocuparam de aproximar termos e modelos teóricos de cada autor, a exemplo Calhoun em *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams* e Jackson & Rivetti em *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*.

tal assertiva, entendendo quais as funções e resultados de suas trocas em um primeiro momento. A recuperação das comunicações intercambiadas constitui objetos fundamentais para a atividade sociológica destes autores, os quais fomentam tradições de pesquisa nas ciências humanas e sociais.

Como um desdobramento que surge da matéria elementar da pesquisa, há a organização dos estudos relacionando os dois autores de modo que podemos pensar como uma gênese da fortuna crítica dos estudos entre Raymond Williams e Pierre Bourdieu. Ao longo da pesquisa, foram encontradas sete publicações de autores distintos que relacionam Raymond Williams com Pierre Bourdieu e vice-versa, sendo quatro trabalhos brasileiros e três autores britânicos. Todas as publicações serão apresentadas no primeiro capítulo da dissertação, tendo um espaço reservado para apresentação inicial de cada um dos trabalhos e quando necessário serão resgatados para a discussão com o material central desta pesquisa, as correspondências.

A pergunta central que se coloca para a realização desta pesquisa surge através do contato com as cartas que constituem parte do *corpus* de análise da pesquisa: Quais foram os efeitos deste movimento de correspondência entre os dois autores? Para além disso, a pergunta pode ser estendida para os resultados que tais cartas ocasionaram, bem como qual foi o desfecho da relação entre os autores. O material de análise compreende as correspondências enviadas por Pierre Bourdieu a Raymond Williams, porém, tais correspondências não circunscrevem a totalidade do contato entre os dois autores, mas possivelmente contém aquele que finaliza tais mensagens, já que a última carta data de 1987, já muito próxima ao falecimento de Raymond Williams. Ademais, colocamos qual o desenvolvimento que essas correspondências suscitam em cada um dos autores, entendendo as transferências culturais geradas através dos contatos. Dito isso, após apresentar algumas das transferências culturais que nosso material possibilita inferir, tencionamos apontamentos para desdobramentos de conteúdos presentes nos materiais empíricos, na medida em que cruzamos datas de publicações, intenções e projetos sinalizados em cartas, como, por exemplo, o projeto editorial que Pierre Bourdieu publica sob o nome de *Liber*³.

Antes de nos dedicarmos aos ofícios da análise do conteúdo do material, se torna necessário apresentá-los de forma inicial, visto que compreendem diferentes tipos e formatos de fontes. Ao iniciar pelas correspondências, todas de Pierre Bourdieu endereçadas a

³ *Liber* foi uma revista fundada por Pierre Bourdieu em 1989 que detinha como temática central a crítica literária, mas que não se furtou a trabalhar temas políticos e culturais dos países de seus colaboradores. Tinha como projeto ser veiculada em edições de diferentes línguas para cada país.

Raymond Williams, conservadas no arquivo Richard Burton Archives da Universidade de Swansea, a primeira datando de 1976 e encerrando com uma terceira carta com data de 1987, com uma carta intermediária no ano de 1977. Além das cartas, temos uma dedicatória em um volume de *La Distinction*⁴ da edição de 1979, ou seja, da primeira edição da obra, que está localizada na biblioteca de Nottingham. Por fim, acrescentamos ao material o artigo redigido por Raymond Williams e Nicholas Garnham sobre *La Distinction*⁵, na medida em que o artigo compõe a parte elaborada por Williams para estabelecer efetivamente um diálogo, bem como constitui a hipótese da transferência cultural.

A primeira correspondência data de 1976, contém informações a respeito de uma proposta de republicação para Raymond Williams e cumprimentos a respeito do artigo *Developments in the Sociology of Culture*⁶, declarando um encontro de ideias com o texto. Com a segunda carta temos um pedido de desculpa pela demora na resposta, seguindo com uma menção a respeito de um projeto de Williams denominado *Human Communication*⁷ no ano de 1977. A carta segue descrevendo ideias a respeito do novo projeto e para finalizar expressa suas considerações sobre o livro recém-publicado de Williams, *Literatura e Marxismo*⁸, e seu sentimento de isolamento onde está e como se surpreende com a concordância entre suas ideias. O terceiro volume das correspondências pode ser resumido à uma apresentação de um convite para participação na revista literária *L'Indice*, em que constam ao final da descrição do periódico os nomes de Pierre Bourdieu e Gian Giacomo Migone⁹, primeiro editor da revista que vem a se tornar a *L'Indice del libri del mese*¹⁰.

Temos também como hipótese de trabalho que Williams é um dos responsáveis por trazer a interpretação de Bourdieu que foi amplamente utilizada nas ciências sociais britânica, através do seu artigo de recepção da obra *La Distinction: critique sociale du jugement*¹¹, termo que se comprova com o cruzamento de alguns de nossos materiais empíricos com

⁴ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. Cit.* 1979.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Developments in the Sociology of Culture. Sociology*, vol. 10, no. 3, 1976, pp. 497–506.

⁷ Será concretizada sob o nome de *Contact: human communication and its history*. WILLIAMS, Raymond (Ed). *Contact: human communication and its history*. London: Thames and Hudson, 1981.

⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Toronto: Oxford University Press. 1977.

⁹ Uma breve passagem sobre quem é Gian Giacomo Migone estará presente na análise das correspondências, uma vez que o editor italiano não figura em um papel de destaque nas relações que conseguimos estabelecer entre Raymond Williams e Pierre Bourdieu. Migone, porém, compôs o quadro editorial da *Liber* durante os primeiros volumes da publicação.

¹⁰ Revista de crítica literária italiana, fundada em 1984.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. Cit.* 1979.

outras pesquisas realizadas.¹² Também há, ao longo do texto, indicações da relevância na elaboração de publicações posteriores, bem como tentamos indicar para uma relação entre os autores muito mais próxima daquela concebida por comentadores até então.

O ponto de partida dentro das cartas que instigou a elaboração dessa pesquisa constitui-se na primeira oração presente na carta de 1976 redigida por Pierre Bourdieu endereçada a Raymond Williams: “*I am most pleased with our meeting and hope that this may be the beginning of a continued Exchange.*”¹³. O trecho transcrito inicia o desencadeamento das interrogações a respeito das relações mantidas entre os dois autores, uma vez que são raras as menções por seu correspondente dentro das obras e artigos amplamente publicizados.

Tais autores centrais para a sociologia ocidental detêm diferentes fontes biográficas e alguns aspectos pertinentes serão ressaltados no decorrer da pesquisa, visto que as raízes e experiências educacionais de cada um são relevantes para suas produções futuras e contém significados contrastantes e, por vezes, antagônicos. A introdução aos moldes biográficos a começar pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu apresenta sua trajetória de vida marcada por embates com o campo intelectual francês, fundamentalmente aqueles que incorporavam a figura do intelectual sartreano, o “intelectual universal” quando ocupou seu espaço na esfera acadêmica. Seus anos de formações no Liceu de Pau e sua origem provinciana trazem conflitos inerentes as problemáticas que se tornaram elementos fundamentais em sua análise sociológica: seu olhar característico a respeito do que reformulará como seu conceito de *habitus* é um bom exemplo.

Bourdieu apresenta relatos de seu estranhamento durante os anos de formações ginasiais e no khâgne¹⁴, dos quais não compartilhava do mesmo *habitus* dos integrantes não-bolsistas, variando desde sua prática esportiva de preferência aos usos dos banheiros e integração no sistema de internato escolar. Sua formação superior é marcada por um caráter transitório, sendo iniciada em uma *Grande École* na graduação de filosofia e posteriormente a sua formação vai ao encontro de um movimento etnográfico que estava sendo cada vez mais reconhecido na França atrelado à figura de Claude Lévi-Strauss. Da etnografia, temos através

¹² ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964–1977*. High Educ Policy 2, 40–46, 1989. In: BOURDIEU, Pierre VOL I. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.

¹³ “Eu estou muito contente com o nosso encontro e espero que isto possa ser o início de uma troca contínua” (tradução minha).

¹⁴ Khâgne são programas de classe preparatórias literárias, conhecidos por serem a escola preparatória para o ingresso nas *Grandes Écoles*.

de Grenfell¹⁵ a consolidação de Bourdieu dentro da esfera institucional da sociologia na França.

Temos um Bourdieu que na década de 1970 tece críticas ao novo modelo de intelectual advindo dos novos meios de comunicação em ascensão, os “intelectuais celebridades” que se colocam em tais meios, como o rádio, a televisão ou as revistas de notícias e lazer da mesma forma que os “intelectuais públicos” antes se posicionavam: filósofos – ou auto intitulados filósofos – assumindo convicções e discursando publicamente enquanto reivindicavam um caráter de autoridade pela posição social e intelectual na qual se encontravam, ainda que sua formação não o qualificasse para a temática pronunciada. A posição de Bourdieu sobre o papel do intelectual muda conforme seu amadurecimento acadêmico e engajamentos políticos. Por um lado, ele opõe o trabalho do sociólogo com o do intelectual: “I think that sociologists do not have a realistic vision of their trade... They do not know how to distinguish between what is a strategy coming from the necessity of the moment, and what is personal investment’ (Bourdieu and Grenfell 1995b: 25)”¹⁶. Enquanto em contrapartida nos últimos anos de sua atuação profissional discursa em programas de rádio e entrevistas, como vemos em seu documentário *La sociologie est un sport de combat*¹⁷.

Na década de 1980, Bourdieu inicia suas manifestações dentro desses campos de debate: tem seu espaço em programas de rádio e programas televisivos, se tornando um intelectual eleito por determinados grupos por se enquadrar enquanto um “intelectual marginal”, devido a sua trajetória de vida, assim como pela temática que seus trabalhos como *Os Herdeiros*¹⁸ ou *A distinção*¹⁹ dispõem do apreço do público leitor geral. Sua fala em uma das filmagens reunidas no documentário já citado especifica seu posicionamento perante o modelo de intelectual engajado nos moldes de Sartre e diante do novo protótipo de intelectual público que surgia com o “intelectual celebridade”: “um intelectual engajado é o que intervém no espaço público, que pode ser o espaço político, mas sem abandonar as exigências ordinárias de sua atividade de pesquisador”²⁰.

¹⁵ GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur*. London; New York, NY: Continuum. 2004.

¹⁶ “Penso que sociólogos não tem uma visão realista de seu ofício... Eles não sabem como distinguir entre o que é uma estratégia vindo da necessidade do momento, e o que é investimento pessoal.” (tradução minha) GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur*. *Op. Cit.* 2004, p. 23.

¹⁷ *La sociologie est un sport de combat*. Direção: Pierre Carles. Produção: Annie Gonzalez e Veronique Fregosi. Paris (FR): 2002.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les héritiers : les étudiants et la culture*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1964.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. *Op. Cit.* 1979.

²⁰ *La sociologie est un sport de combat*. *Op. Cit.* 2002.

Sua indicação para a cátedra deixada por Raymond Aron no Collège de France permeia a transição que o autor faz entre um modelo de recusa ao intelectual público francês, amparado fortemente pelo modelo de Sartre, com a atuação e falas fora das universidades. Sua nomeação concorre com a de Alain Touraine, sendo Touraine também um rival, no campo da sociologia, como Bourdieu descreve:

‘Between Touraine and me there is an irreconcilable Division. This opposition is at a scientific level. There cannot exist in sociology people who have an absolute exclusive approach to the discipline. If I am right, what he does is not sociology. It’s him or me’ (ibid.: 46.)²¹.

Posteriormente, já na década de 1990, recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), obtendo assim a condecoração máxima para um pesquisador francês.

Como um candidato não pertencente em sua origem às camadas destinadas aos cursos de humanidades, sobretudo no curso de filosofia de uma *Grande École*, assim como seus primeiros trabalhos após a formação abordarem temáticas marginais ao que estava convencionado no campo intelectual, realiza uma trajetória de ascensão na academia se estabelecendo institucionalmente ao mesmo tempo que realizava os contatos exteriores à ela, construindo uma rede de relações: seus correspondentes americanos e, posteriormente, na década de 1970, os intelectuais britânicos. Em entrevistas reunidas no filme citado traz a violência simbólica para sua fala, em específico denotando o caráter de distinção que o sotaque, que a fala adquire. Traz o seu próprio exemplo sobre o sotaque e a língua de sua região de origem (Occitânea):

Quando se vem de um meio humilde, e de uma região dominada, forçosamente tem-se vergonha cultural. Tinha vergonha do meu sotaque corrigido na ENS, etc. Quando voltava para terra natal, quando chegava lá e ouvia este sotaque, isso me horrorizava. Ainda hoje, quando ouço certos sotaques, me dá arrepio, ora esse era o meu sotaque.²²

Este elemento biográfico retomado através do filme apresenta novamente o estranhamento que Bourdieu identificava dos espaços escolares que frequentou. Tal estranhamento pode-se

²¹ “Entre Touraine e eu há uma divisão irreconciliável. Essa oposição está em um nível científico. Não pode existir na sociologia pessoas que tem uma abordagem exclusiva absoluta para a disciplina. Se eu estou certo, o que ele faz não é sociologia. É ele ou eu” (tradução minha). Hamon and Rotman apud GRENFELL, Michael. *Op. Cit.* 2004, p.20-21.

²² *La sociologie est un sport de combat. Op. Cit.* 2002.

aventar ser um ponto em comum das raízes galesas de Raymond Williams, considerando o ambiente rural que o correspondente galês nasceu. Porém, de forma oposta a Williams, Bourdieu não trazia a educação e os meios para sua inserção neste contexto social, fator que pode ser considerado fundamental para sua elaboração particular do conceito de *habitus*²³.

O destinatário das correspondências, Raymond Williams, transita também sobre diversas áreas: da formação superior inicial em letras, desenvolvendo trabalhos na crítica literária e na dramaturgia e adentrando à crítica social que se constituiria como uma das formas da sociologia inglesa. Williams encontra-se em um epicentro de um novo paradigma, tanto no campo intelectual britânico como para o cenário político: está submerso na criação do movimento *New Left*, sendo um daqueles que inicia também o periódico *New Left Review* que incorpora quase a totalidade da nova crítica marxista que está sendo fortalecida por aqueles que constituíam uma nova juventude de intelectuais.

Com a publicação de *Cultura e Sociedade*²⁴ em 1958 a projeção de Williams se torna exponencial. O livro se mostrou um sucesso de vendas, classificando-se como um legítimo *best-seller*:

The essay [Culture is ordinary] came out in October 1958 in the near wake of *Culture and Society* which Chatto and Windus issued for thirty shillings in its first big print and austere format in September. The book was, from the outset, a publishing phenomenon. It made Raymond Williams's name overnight. It ended the family's financial concerns at a stroke, its earnings eclipsing his salary. It was, in an idiom all could understand, a best-seller. It was reviewed in all the broad-sheet papers, magazines weekly and quarterly, in the provincial press and in academic journals. [...] Within a few months he had read over 50,000 words of commentary on his book.²⁵

Escrito durante seu período lecionando como tutor de adultos, o livro nasce das próprias aulas²⁶, sendo o responsável por lançar seu autor no círculo intelectual do país. É significativo atentar para o local de onde Williams irá se inserir no contexto intelectual, pois, as margens das metrópoles intelectuais (Londres, Cambridge e Oxford), *Cultura e Sociedade* obteve

²³ Aqui pode ser pertinente lembrar de seus estudos sobre a trajetória acadêmica dos estudantes das Grandes Écoles: BOURDIEU, Pierre. *La Noblesse d'État: Grandes écoles et esprit de corps*. Edition di Minuit. 1989.

²⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

²⁵ “O ensaio [Cultura é algo comum] veio à tona em outubro de 1958 no rastro de *Cultura e Sociedade* o qual Chatto and Windus publicaram por trinta xelins em sua primeira grande impressão e formato rigoroso em setembro. O livro foi desde o começo um fenômeno editorial. Fez o nome de Raymond Williams da noite para o dia. Finalizou as preocupações financeiras da família de uma vez, seus ganhos eclipsaram seu salário. Foi, em um idioma que todos poderiam entender, um best-seller. Foi comentado em todos os grandes jornais, revistas semanais e trimestrais, na imprensa provincial e nos periódicos acadêmicos. [...] Em poucos meses ele tinha lido mais de 50.000 palavras de comentários sobre seu livro.” (tradução minha) SMITH, Dai. *Raymond Williams: a warrior's tale*. Cardigan. UK: Parthian 2008, p. 453-454.

²⁶ Tal descoberta é de Alexandre Paixão, ao estudar os manuscritos das aulas para educação de adulto de Raymond Williams. Os resultados desta pesquisa estão reunidos em: PAIXÃO, Alexandre. *Raymond Williams e a Educação Democrática*. Campinas: SP. Educação & Sociedade n°. 145, p.1004 – 1022, 2018.

traduções para diversos idiomas, inclusive o japonês²⁷, desde os primeiros momentos de sua publicação. O livro também chega à marca de 250.000 exemplares vendidos ao final da década de 1960²⁸.

A partir da publicação de *Cultura e Sociedade*²⁹, Williams articula conjuntamente com dois dos principais nomes do que intitulavam a *New Left* – E. P. Thompson e Stuart Hall – a criação da *New Left Review* (NLR) no início da década de 1960. Tal grupo foi responsável por diversos movimentos, desde cunhos teóricos como a busca por renovar o marxismo inglês com a revista NLR até movimentos políticos, como, por exemplo, na elaboração do *New Left May Day Manifesto*³⁰ em 1967. Sua aproximação com o marxismo marca também a volta à Universidade de Cambridge em 1961, onde permanece após concluir estudos de pós-graduação e receber um convite para docente em estudos dramáticos. Sobre a reunião fundadora da *New Left Review* em Londres de 1959, Williams apresenta que o grupo era diferente, embora haja uma continuação do trabalho. Mas a reunião foi mais do que a fundação de uma revista, era necessária uma nova posição política: “Muitas pessoas perceberam que seria necessária uma nova posição política e que em tal revista se encontraria uma nova orientação política.”³¹. Segundo ele, a expressão da “nova esquerda” não foi inventada por eles naquele momento, mas algo conduzido através das circunstâncias.

Após a primeira publicação de grande sucesso, há em 1961 a publicação de *The Long Revolution*³², na qual o autor considerou uma continuação do debate estabelecido em *Cultura e Sociedade*³³. A recepção da obra não ocorreu como sua antecessora, trazendo questões ao marxismo e críticas ao engajamento que estava em curso pelos socialistas ingleses. É criticado por pessoas do seu círculo intelectual mais próximo: Edward Thompson publica ambos os artigos *The Long Revolution (part 1)*³⁴ e *The Long Revolution (part 2)*³⁵ em 1961, logo após o lançamento do livro, na revista *New Left Review* como forma de resenha do trabalho realizado, estabelecendo a crítica do corpo editorial da NLR sobre o livro.

²⁷ WILLIAMS, Daniel. *Introduction: Raymond Williams in Japan. Keywords: A Journal of Cultural Materialism* 9, no. 1 (2011): 40-48. Disponível em: <https://cronfa.swan.ac.uk/Record/cronfa12020>.

²⁸ O’CONNOR, Alan. *Raymond Williams, Writing, Culture, Politics*. U.K.: Blackwell Pub, 1989.

²⁹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. Cit. 2011.

³⁰ HALL, Stuart; WILLIAMS, Raymond; THOMPSON, Edward. *New Left May Day Manifesto*. London: May Day Manifesto Committee, 1967.

³¹ WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2015 p.100.

³² WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Middlesex: Penguin, 1984.

³³ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. Cit. 2011.

³⁴ THOMPSON, Edward. *The Long Revolution (Part I)*. *New Left Review* v. I/9 May-June, 1961.

³⁵ THOMPSON, Edward. *The Long Revolution (Part II)*. *New Left Review* v. I/10 July-Aug, 1961.

Redator recorrente para a NLR, Williams define suas posições acerca do marxismo que dominava o grupo intelectual e todos aqueles que estavam de alguma maneira ligados a revista: através de artigos como *Base e Superestrutura na teoria marxista cultural*³⁶ e *Problemas do materialismo*³⁷, como exemplos. Em tais textos, o autor expõe a respeito dos aspectos e aparatos teóricos que o marxismo disponibilizou para elaborar suas principais chaves teóricas, como Burke em *O que é história cultural?*³⁸ vem a situá-lo: “No lugar de estudar a relação entre estrutura x superestrutura Williams prefere estudar o que chamou de ‘relações entre elementos no modo de vida como um todo’.”³⁹.

Raymond Williams traz, assim como seu correspondente, os marcadores sociais que os acompanharam durante os anos de formação: enquanto para o autor francês estavam na elegância do sotaque e diferença entre os alunos que viviam nos internatos x alunos que residiam fora dos liceus, Williams entende cedo a diferença entre a casa de chá⁴⁰ na Universidade de Cambridge com suas origens operárias e projetos políticos. Como o autor apresenta em *Recursos da Esperança*⁴¹ seu impacto ao entrar no campo acadêmico já havia sido diferente, relatando: “Não me senti diminuído pelas construções históricas, porque venho de um país com vinte séculos de história visivelmente inscritos na própria terra.”⁴². Para complementar suas diferenças de experiências com o universo acadêmico e escolar, ao falar sobre Cambridge apresenta uma academia pertencente ao que já estava aclimatado: “eu, estudante bolsista em Cambridge, não era uma nova espécie de animal que havia galgado uma posição única.”

Seu posterior estabelecimento institucional na academia acontece enquanto já reconhecido como um intelectual à esquerda britânica, diferentemente de Pierre Bourdieu, uma vez que o lugar do autor galês estava determinado no campo intelectual britânico – através de suas publicações como *Cultura e Sociedade*⁴³ e artigos publicados, como os presentes na *New Left Review*.

³⁶ Publicado originalmente na edição nº 82 (November–December 1973) da *New Left Review*.

³⁷ Publicado originalmente na edição nº 109 (May–June 1978) da *New Left Review*.

³⁸ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2008.

³⁹ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Op. Cit. 2008, p.37.

⁴⁰ Este espaço denominado como “casa de chá” por Williams se constituía como a parte mais antiga da universidade que apresentavam e representavam a *cultura* como forma distinta de pertencimento social: é um cultivo no modo de comportamento e na fala, por exemplo.

⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review*. Tradução André Glaser. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2013, p.21

⁴² WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Op. Cit. 2015, p.6

⁴³ No original: WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. Chatto and Windus, UK. 1958.

Outro fator biográfico importante em ambos os autores foram suas experiências de guerra. Para além das contribuições significativas para o início de suas produções no âmbito da etnografia e sociologia, os anos de serviço militar obrigatório na Argélia implicam também em um posicionamento crítico aos intelectuais franceses marxistas que se mostravam coniventes com os processos que ocorriam no país. Estudando sobre os Kabyles, Bourdieu apresenta as desordens de níveis simbólicos e estruturais em uma sociedade que ainda vivia permeada por sua tradição em meio aos processos dos sistemas de dominação da colonização francesa. Sua crítica está voltada principalmente a Sartre e Fanon que não estavam considerando a estrutura interna e os seus sistemas simbólicos que haviam sido destruídos. Grenfell, citando Bourdieu, apresenta a forma com que nosso autor francês compreendia a origem dos movimentos de oposição a colonização francesa:

‘the political question which occupied revolutionary intellectuals at the time was the choice between the Chinese and the Soviet route to development. In other words, it was necessary to know whether the peasants or industrial workers were the revolutionary class’⁴⁴. Both Sartre and Fanon took the line that it is from the repressed that the Revolution is generated. However, for Bourdieu, the topographical facts, at least as far as Algeria was concerned, did not confirm this theoretical reasoning.⁴⁵

Tais posicionamentos contextualizam a criação do Comité International de Soutien aux Cadres Algériens (CISA) no início da década de 1990 em defesa de intelectuais argelinos, chamando atenção a violência que estes intelectuais estavam sofrendo, decorrentes, em partes, da situação colonial na qual o país estava submerso.

As experiências de guerra e seus desdobramentos na vida e obra de Raymond Williams detém significados e reverberações significativas. Em *A Política e as Letras*⁴⁶ o autor galês traz relatos diretos sobre seu tempo de serviço militar durante a segunda guerra. Para além de serviços obrigatórios, em ambos os casos, Williams traz nos relatos sobre a guerra uma brutalidade e desumanização que impele seus participantes: “O que se perde é a dimensão mais significativa do humano – isso é uma trivialidade sobre a guerra, mas é também uma verdade absoluta. Funcionamos com um nível de agressividade animal.”⁴⁷

⁴⁴ ‘A questão política que ocupou os intelectuais revolucionários naquele tempo foi a escolha entre a rota chinesa e a soviética para o desenvolvimento. Em outras palavras, era necessário saber se os camponeses ou operários industriais eram a classe revolucionária’. (tradução minha). BOURDIEU, Pierre. *Entre amis*. AWAL: *Cahiers d'Etudes berbères*, p.8 Apud GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: agent provocateur*. Op. Cit. p.50.

⁴⁵ Tanto Sartre e Fanon entenderam o raciocínio que é dos reprimidos que a Revolução é gerada. Entretanto, para Bourdieu, os fatos topográficos, pelo menos no que concernia à Argélia, não confirmavam esse raciocínio teórico. (tradução minha).GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: agent provocateur*. Op. Cit. p.50.

⁴⁶ WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review*. Op. cit. 2013.

⁴⁷ WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review*. Op. cit. 2013 p.44.

As experiências de guerra vivenciadas antes de seu período de produção prolífera, Williams está em seus últimos anos da graduação quando é chamado ao fronte de batalha. O impacto da guerra reverbera imediatamente após sua formação, através da sua prática profissional voltada a acolher aqueles ex-combatentes na educação de adultos. Será dentro da prática de ensino que desponta *Cultura e Sociedade*⁴⁸, obra que se encerra na distinção entre as sementes de vida e sementes de morte,

Escrevi este livro porque creio que a tradição que ele registra é uma contribuição importante para nosso entendimento comum e um incentivo importante para suas extensões necessárias. Há ideias e modos de pensar que têm neles as sementes da vida, e há outros, talvez na profundidade de nossas mentes, que têm as sementes de uma morte geral.⁴⁹

O início da investigação sobre as relações entre Raymond Williams e Pierre Bourdieu teve como marco a procura e estudo de outros trabalhos em que essa temática tenha sido abordada de alguma forma: nas formulações a respeito das trocas intelectuais entre os autores, na comparação conceitual e/ou metodológica de conceitos fundamentais nas teorias elaboradas por eles ou em que, de alguma maneira, foi feita uma pesquisa onde os sujeitos-objetos tenham tido seus escritos de alguma forma relacionados. Com isso, iniciamos uma tentativa de delinear um campo de estudos que relacionam dois importantes escritores das ciências sociais.

Quanto a pertinência da temática de trabalharmos as relações entre Pierre Bourdieu e Raymond Williams, temos que para além das contribuições oriundas do contato entre os autores, buscamos entender também as repercussões que esse contato ocasionou para cada um. Atualmente, Pierre Bourdieu ocupa grande espaço dentro da sociologia brasileira, ao passo que Raymond Williams tem sua volta a centralidade em movimentos recentes. A respeito da presença de Williams no cenário acadêmico brasileiro, a pesquisa *Sobre Raymond Williams e a perspectiva de natureza: a circulação transatlântica de o campo e a cidade no Brasil (1989 – 2019)*⁵⁰ realizou o levantamento estatístico da presença de Raymond Williams nos acervos universitários brasileiros e a frequência em que o autor aparece em ementas de disciplinas e trabalhos publicados pelas universidades. Tal pesquisa resgata, entre outras coisas, a pertinência de se estudar o autor galês na atualidade. A presença do autor galês no cenário brasileiro não se restringe apenas a área de circulação, sendo realizados resgates de

⁴⁸ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. cit. 2011.

⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. cit. 2011 p.361.

⁵⁰ MALANDRIN, Hiago. *Sobre Raymond Williams e a perspectiva de Natureza: A circulação transatlântica de O Campo e a Cidade no Brasil (1989 –2019)*. (Processo nº 2019/00323-0).

componentes de sua fortuna crítica, relegados a deslembração, como nos estudos da educação de adultos, por exemplo, ou de sua produção literária.

Para exemplificar os estudos relacionados a fortuna intelectual de Raymond Williams, o exemplo de estudo sobre a educação de adultos dentro do escopo do autor galês foi realizado por Alexandre Henrique Paixão, no artigo *Raymond Williams e a Educação democrática*⁵¹, dentro do grupo de pesquisa LECHESP (Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise). Outro trabalho que está sendo realizado dentro do grupo de pesquisa relacionado com as obras do autor galês é a pesquisa *Para uma análise e tradução do livro Communications de Raymond Williams*⁵². Aos estudos intrinsecamente preocupados com a fortuna teórica do autor cito a exemplo o trabalho *Crítica e modernidade em Raymond Williams*⁵³ para mencionarmos produções exteriores ao LECHESP.

Através da análise detida sobre autores que estudaram diálogos intelectuais e hoje se tornaram referência para tal estudo, entendemos que o trabalho se compreende enquanto transferências culturais que permeiam os autores mais do que diálogos propriamente ditos. Entretanto, optamos pela descrição de diálogo, pois a transferência cultural subentende-se o debate e se circunscreve sob um mesmo movimento teórico de abordagem do objeto. Tendo compreendido o material empírico enquanto parte de um diálogo, decorrente de perceber nosso objeto como um movimento de diálogo, tratando-o especificamente como relacionado as transferências culturais, faz nítida uma apresentação, com uma fundamentação sobre o conceito de influência cultural apresentado por Michel Espagne⁵⁴. O diálogo intelectual, portanto, toma a forma com a qual podemos interpretar os objetos da pesquisa para possibilitar então a localização das transferências culturais.

A hipótese que alçamos para pontuar as relações intelectuais entre os autores temáticos é através das transferências culturais. Pensar sobre transferência cultural dentro de um contexto de diálogos de correspondências possibilita-nos seguir as formas com as quais o pensamento sociológico nacional (seja ele britânico ou francês) se fortifica com os elementos forasteiros. Tal encaminhamento para o trabalho ocorre, visto de nossa parte, por uma ausência de material para compor o corpo de pesquisa; uma ausência de material empírico

⁵¹ Paixão, Alexandre Henrique. *Raymond Williams e a Educação democrática*. Educação & Sociedade, v. 39, n. 145, 2018 pp. 1004-1022.

⁵² Pesquisa de mestrado em andamento de Yasmim Camardelli (Processo FAPESP nº 2020/04285-3).

⁵³ RIVETTI, Ugo Urbano Casares. *Crítica e modernidade em Raymond Williams*. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo.

⁵⁴ Estamos amparados aqui fundamentalmente nos artigos de Espagne traduzidos para o português, sendo o texto *Transferências culturais e história do Livro* presente na Revista *LIVRO* e *A noção de transferência cultural* publicada na Revista Jangada.

propriamente dito que possibilitaria a reconstituição do diálogo intelectual, ou seja, a contraparte das correspondências, aquelas redigidas por Williams que nos dariam maiores pistas a respeito do projeto editorial que encabeça e realiza o pedido de participação de Pierre Bourdieu⁵⁵.

Portanto, temos como o primeiro dos objetivos apontados ao longo do trabalho a caracterização dos laços estabelecidos entre Pierre Bourdieu e Raymond Williams através do material empírico reunido, o qual acompanhou e resultou em um desdobramento para pensarmos em seguida outro tema central que envolveu a relação entre os dois autores: a introdução de Pierre Bourdieu enquanto sociólogo da cultura para o campo intelectual na qual a sociologia britânica procurava constituir-se ocorreu pelas palavras de Raymond Williams e Nicholas Garnham. Tais fatores estão atrelados na medida em que está também atrelado o vínculo entre os dois autores ao projeto editorial que Pierre Bourdieu concebe e apresenta na última correspondência e posteriormente realiza através da revista de crítica literária *Liber*⁵⁶.

Este trabalho está segmentado em três capítulos distintos, conjuntos com uma introdução e conclusão, havendo subdivisões dentro dos capítulos de modo a organizar a leitura das partes. Com isso, podemos ressaltar que a dissertação está inserida dentro de um Programa de Pós-Graduação em Educação, numa linha de pesquisa de história cultural, debatendo dois autores de maior importância para a sociologia e ciências sociais do que propriamente para a área historiográfica. Temos, portanto, ao longo da seção da metodologia, o espaço para esclarecer as escolhas e direções metodológicas mobilizadas nesta investigação, entendendo de antemão quais pesquisas foram ponderadas como referências importantes para o desenvolvimento do trabalho, bem como formas para abordar o material empírico.

No primeiro capítulo a ser apresentado, o foco inicial foi analisar os conceitos e termos fundamentais na fortuna teórica de cada um dos autores temáticos dessa pesquisa, pois há a presença de tais fundamentos em alguns dos trabalhos que os aproximam ou comparam, bem como serão importantes para entendermos alguns nexos realizados por esses textos finalizados e para apontar fundamentos que possam nos indicar às tais transferências culturais. Os textos descritos no capítulo são devidamente apresentados em cada uma das seções destinada a tal finalidade, como, por exemplo, as aproximações entre *habitus* e *estrutura de sentimentos*. Postos conceitos como *estrutura de sentimentos*, *habitus*, assim como uma breve

⁵⁵ Tal projeto editorial é um dos objetivos da segunda correspondência. O projeto editorial em questão é *Contact: human communication and its history*, publicado em 1981 pela editora Thames and Hudson.

⁵⁶ *Liber: Revue européenne des livres*. Editada no Brasil: BOURDIEU, Pierre e MICELI, Sergio (orgs.) *Liber 1*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

descrição a respeito de *campo* e *campo intelectual* por seu autor de origem antes de adentrar ao primeiro capítulo, será possível verificar que os trabalhos reunidos não se detiveram em uma seleção de material empírico como apresentada aqui. Com isso, trazemos um dos aspectos de singularidade desta pesquisa ao estabelecer os vínculos entre Williams e Bourdieu embasados em uma gama de objetos diversos.

Com o segundo capítulo há a presença e o protagonismo de nosso material empírico. As subdivisões exercem a função de diferenciar cada tipo de fonte: iniciamos com as cartas encontradas no arquivo galês, seguindo para a dedicatória localizada na biblioteca de Nottingham, tendo como último tópico o artigo intitulado *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An introduction*⁵⁷, que além do que o título nos remete, mantém como uma de suas direções apresentar o livro *La Distinction*⁵⁸ para o até então novo público anglo-saxão. Com as cartas, se segue a apresentação do conteúdo detendo-se no corpo do texto para estabelecer as relações do seu conteúdo e os apontamentos, nos inspirando no trabalho realizado por Erich Auerbach no ensaio *L'Humaine Condition*⁵⁹, que tem como característica marcante a apresentação de trechos das cartas de Montaigne apreciando-as com as suas ponderações de forma intercalada aos trechos de Montaigne. Ao expor a pequena dedicatória de Pierre Bourdieu à Raymond Williams, submetemos ao contexto das cartas, bem como a crítica do tempo e eventos contemporâneos a data da dedicatória, de forma que com o pequeno excerto possamos acessar de forma panorâmica o processo de transferência cultural. O encerramento do capítulo fica ao encargo do artigo escrito a quatro mãos. Tal artigo foi incorporado ao material enquanto um documento histórico em primeiro momento para compor a contraparte e estabelecer de fato um diálogo, onde aparecem escritos dos dois autores temáticos para compô-lo. Tal artigo, porém, abre espaço para a formulação de uma nova hipótese: há uma linhagem interpretativa de Pierre Bourdieu no contexto intelectual inglês que é concebido por Williams e Garnham. Como forma de desfecho da pesquisa, o terceiro capítulo traz o enfoque ao apontar o caráter de transferência cultural e indicar onde encontramos tais traços. Desse modo trataremos com nosso material empírico juntamente com as biografias de cada sujeito, uma breve reconstrução de seus círculos intelectuais imediatos e, logicamente, com passagens detidas em suas obras publicizadas.

⁵⁷ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Media, Culture & Society, 2(3), 209–223. 1980. In: BOURDIEU, Pierre VOL I. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Op. cit. 1979.

⁵⁹ AUERBACH, Eric. *L'Humaine Condition*. In: *Mimesis*. São Paulo – SP. Editora Perspectiva. 1971.

Porém, um ponto importante que o campo intelectual de diferentes nações apresenta diz respeito às características próprias da configuração de cada um: as transformações do trabalho intelectual com o desenvolvimento da noção de categoria de intelectual. No entanto, tal análise não é pretendida, ao menos em um primeiro momento da pesquisa, pois necessariamente uma pesquisa que compreenda esse conteúdo demandaria outro recorte temporal além do qual foi realizado para a seção do texto que realiza a recuperação parcial do campo intelectual britânico que permeia Raymond Williams durante sua carreira e do campo homólogo francês no qual Pierre Bourdieu está inserido. Um exemplo das possibilidades de trabalho para esse empreendimento está contido em *The Long Revolution*⁶⁰. A seguir, para iniciar o capítulo a respeito da linha de estudos entre os dois autores, apresentaremos de forma sucinta alguns conceitos centrais de Williams e Bourdieu, respectivamente.

Fundamentos teóricos dos correspondentes

Os conceitos são variados, à medida que assim necessitam ser. Trataremos de apresentar *estrutura de sentimentos* – de Raymond Williams –, *habitus* e o conceito de *campo* de Pierre Bourdieu – principalmente no que tange o *campo intelectual* – pois a finalidade de elencá-los no debate a ser construído com os autores nacionais e internacionais que já se ocuparam e realizaram discussões a respeito dos dois autores traz a necessidade de compreender a terminologia utilizada pelos sujeitos da pesquisa. Contudo, as apresentações não serão extensas e não pretendem findar toda sua discussão, assim como não resolvem problemáticas ou ambiguidades presentes ao decorrer de toda a produção escrita dos autores-sujeitos da pesquisa, pois tal feito – de mapear toda a discussão teórica de conceitos centrais de cada autor – por si só renderia um material extenso e um volume de trabalho ímpar, cabendo a uma outra pesquisa tamanho trabalho.

A começar com a estrutura de sentimentos, temos a aproximação com a literatura como principal fonte: a reconstrução das estruturas de sentimentos é mais acessível através da arte e da literatura de um período histórico específico, embora possa ser possível de se acessar

⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Penguin: Harmondsworth. 1961. No livro, Williams traz sua contribuição para esse debate, ao longo da 2ª parte da obra, com uma análise do cenário educacional e literário do público leitor britânico através do olhar histórico, identificando uma estrutura de sentimentos dominante juntamente com um estudo abordando as mudanças do fazer intelectual da década de 1960 com o advento das novas tecnologias (evolução do maquinário de tipografia) dentro dos espaços que ocorrem a produção intelectual britânica, aliado a um amplo trabalho quantitativo sobre a circulação e consumo dos jornais britânicos ao longo da 3ª seção da obra mencionada

em livros de história social ou cultura de pensamentos. Para Raymond Williams, é dentro desse formato de trabalho escrito que são gerados os símbolos com os quais a comunicação humana se configura, tornando-se a raiz de todas as culturas. E aqui cito uma das diversas formulações que o autor galês desenvolve para seu conceito, presente na obra *The Long Revolution*⁶¹, por entender que é nessa obra, e seção em específico, que contém o cuidado em dedicar-se a elaborar uma definição da *estrutura de sentimentos* e em explicá-la nas formas de suas aplicações:

The term I would suggest to describe it is *structure of feeling*: it is as firm and definite as "structure" suggest, yet it operates in the most delicate and least tangible parts of our activity. In one sense, this structure of feeling is the culture of a period: it is the particular living result of all the elements in the general organization.⁶²

In some respects, the structure of feeling corresponds to the dominant social character, but it also an expression of the interaction described. Again, however, the structure of feeling is not uniform throughout the society; it is primarily evident in the dominant productive group.⁶³

Temos as *estruturas de sentimentos* sendo formadas, ou transformadas, através do agente que ele identifica como as gerações. A *estrutura de sentimentos* de uma determinada geração pode-se transmitir à próxima, mas a futura geração terá formado a sua própria estrutura, pois responderá à *estrutura de sentimentos* herdada de sua maneira específica, singular. Sua descrição de tal processo está na obra supracitada:

One generation may train its successor, with reasonable success, in the social character or the general cultural pattern, but the new generation will have its own structure of feeling, which will not appear to have come 'from' anywhere. For here, most distinctly, the changing organization is enacted in the organism: the new generation responds in its own ways to the unique world it is inheriting, taking up many continuities, that can be traced, and reproducing many aspects of the organization, which can be separately described, yet feeling its whole life in certain ways differently, and shaping its creative response into a new structure of feeling.⁶⁴

⁶¹ WILLIAMS, Raymond. *The long revolution. Op. Cit.* 1984.

⁶² O termo que eu sugiro para descrever é *estrutura de sentimentos*: é sólido e definitivo como “estrutura” sugere, ainda que opere da mais delicada e menos tangível parte de nossa atividade. Em certo sentido, essa estrutura de sentimento é a cultura de um período: é o resultado vivo particular de todos os elementos da organização comum. (tradução minha). WILLIAMS, Raymond. *The long revolution. Op. cit.* 1984, p.64.

⁶³ Em alguns aspectos, a estrutura de sentimento corresponde à característica social dominante, mas também uma expressão da interação descrita. Novamente, porém, a estrutura de sentimento não é uniforme em toda parte da sociedade; é primeiramente evidente no grupo de produção dominante. (tradução minha) WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution Op. cit* 1984, p.80.

⁶⁴ Uma geração pode treinar sua sucessora, com razoável sucesso, no caráter social ou no padrão cultural geral, mas a nova geração terá sua própria estrutura de sentimento, que não parecerá vir ‘de’ qualquer lugar. Por aqui, de forma distintamente, a organização em mudança é promulgada no organismo: a nova geração responde em suas próprias formas para o mundo único que está herdando, tomando muitas continuidades, que podem ser rastreadas, e reproduzindo muitos aspectos da organização que podem ser descritos separadamente, mesmo

Para aquelas *estruturas* que deixam de existir, cabe ainda o seu entendimento através do resgate. O processo de reconhecer a *estrutura de sentimentos* que se sucedeu é realizado com o acesso através da cultura documental, uma das três formas possíveis de acesso à cultura para Williams:

Once the carriers of such a structure die, the nearest we can get to this vital element is in the documentary culture, from poems to buildings and dress-fashions, and it is this relation that gives significance to the definition of culture in documentary terms. This in no way means that the documents are autonomous. It is simply that, as previously argued, the significance of an activity must be sought in terms of the whole organization, which is more than the sum of its separable parts.⁶⁵

Quando a estrutura de experiência não se transmite da mesma maneira, ou não são mais transmitidas, a forma para se acessar novamente é através da cultura documental. Porém, isso não significa que os documentos são artefatos autônomos, que bastam para realizar a recuperação. São necessários, mas devem ser recolados dentro de um contexto, de uma estrutura organizada para que cada parte documentada consiga projetar tal *estrutura de sentimento*.

Partindo da noção de *campo intelectual*, e trabalhando notadamente com o campo literário, Pierre Bourdieu identifica que o elemento que funda o trabalho da escrita dentro de um “constrangimento estrutural” do campo se dá através da articulação da crítica social com a crítica genética textual para possibilitar o entendimento sobre o que é a produção literária, não se fixando apenas a uma obra enquanto um sistema que compreende a si mesma. A noção de campo permite, postula Bourdieu, “apreender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade.”⁶⁶ Assim sendo, temos *campo* como uma noção advinda de suas pesquisas a respeito do *campo intelectual*. Com as suas palavras, seu processo de concepção teórica de *campo* ocorre na medida em que:

[...], foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do « campo intelectual » como universo relativamente autónomo de relações específicas: com

sentindo certamente toda sua vida em direções diferentes, e formando sua resposta criativa em uma nova estrutura de sentimento. (tradução minha). WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution Op. cit.* 1984, p.65.

⁶⁵ Uma vez que os portadores de tal estrutura morrem, o mais próximo que podemos chegar desse elemento vital é na cultura documental, de poemas de construções e vestidos de moda, e é essa relação que dá significância para a definição de cultura em termos documentais. Isso de nenhuma forma significa que os documentos são autônomos. É simplesmente que, como argumentado anteriormente, o significado de uma atividade deve ser buscado em termos de toda a organização, que é mais do que a soma de suas partes separadas. (tradução minha). WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution Op. cit.* 1984, p.65.

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2004, p.173.

efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual - sobretudo as interações entre os autores ou entre os autores e os editores tinham disfarçado as relações objectivas entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais interações.⁶⁷

É esta categoria que torna possível então classificar diferentes posições dentro de um mesmo universo de valores e símbolos, uma vez que se acompanhe as relações específicas que moldam o microcosmos de relações sociais determinadas a partir de um princípio unificador, será possível determinar as diferentes parcelas de poder ou domínio que cada agente, ou grupo de agentes, detém. Portanto, temos a criação do conceito de campo com o intuito de:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, e explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.⁶⁸

Este *campo* por sua vez é um espaço de disputa de poder. Em cada *campo* determinado, como exemplos o *campo econômico*, o *campo intelectual* e o *campo artístico*, há disputas internas aspirando pelo domínio daquele campo. Tal domínio se dá através do controle do *capital* específico para cada *campo*. *Capital* aqui se converte, grosseiramente, no elemento que rege o campo, aquilo que serve enquanto item valorativo para mensurar o poder – ou controle – que há com relação ao *campo*. Um indivíduo que acumula *capital econômico* está disputando o poder, em alguma zona, dentro do *campo econômico* e com isso, está em busca da dominação de tal *campo*. As lutas em seu interior através da disputa por poder e controle ocorrem também para estabelecer a dominação, em que possa ressignificar em alguma medida o *capital* pertencente ao campo, como vemos em disputas de gerações, entre o novo e o velho, entre tradição e revolução.

Com *habitus* temos suas origens filosóficas e filológicas remetendo à toda uma tradição que não cabe a nossa discussão presente, portanto, resgatamos apenas as condições gerais que o autor francês nos remete ao elaborar sua concepção e futura conceitualização de *habitus*. Havia para ele a necessidade de elaborar uma nova ferramenta de análise, desenvolvida para seu próprio trabalho: "[...] uma estratégia prática do *habitus* científico, espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1989, 65-66.

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. *Op. cit.* 1989, p.69.

de maneira racional num espaço."⁶⁹. Temos assim *habitus* como uma nova criação através da necessidade de suas pesquisas.

Bourdieu resgata tal conceito aristotélico com sua própria especificidade – assim como realizado por outros filósofos antecessores, aos quais ele credita em suas formulações – e nos traz a seguinte definição em *O poder Simbólico* de 1989: “o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...]”⁷⁰ Tal categoria é marcada por ser o dispositivo no qual as instituições tornam possíveis as transmissões de suas lógicas de funcionamento, dando ao *habitus* formas de estruturas incorporadas e criando no sujeito determinadas disposições. Com as palavras do autor francês:

Sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, o *habitus*, necessidade tornada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação.⁷¹

Temos, assim, que a tendência para a ação determinada não é imposta por meio de regras, mas por meio de uma inculcação: torna-se uma categoria espontânea ao indivíduo que obedece a uma lógica prática daquilo que condiciona o *habitus* produzido por sua fonte social. Ainda sobre a relação desse conceito com o mecanismo criador temos:

O *habitus* mantém com o mundo social que o produz uma autêntica cumplicidade ontológica, origem de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção e de um domínio prático das regularidades do mundo que permite antecipar seu futuro, sem nem mesmo precisar colocar a questão nesses termos.⁷²

Para o final da exposição a respeito de *habitus*, temos a descrição de seu funcionamento com as palavras de Pierre Bourdieu:

O *habitus*, como sistema de disposições para a prática, é um fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas, e, se é possível prever as práticas (neste caso, a sanção associada a uma determinada transgressão), é porque o *habitus* faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias.⁷³

⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. *Op. cit.* 1989, p.62.

⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. *Op. cit.* 1989, p.61.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. *Op. cit.* 2004, p.23.

⁷² BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. *Op. cit.* 2004, p.24.

⁷³ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. *Op. cit.* 2004, p. 98.

Métodos

Como a produção envolvendo os autores temáticos não é recente, visto que os encontramos presentes no estudo da história intelectual, serão destinadas detidamente análises nas trajetórias do campo intelectual de cada autor central da pesquisa e como ocorrem as formas de consagrações de cada um no interior desses campos, considerando suas posições geográficas com relação aos intelectuais, trajetórias, ascensão intelectual e reconhecimento quando olharmos para as histórias nas quais cada um se insere. No que diz respeito a construção do objeto de estudo, compreendemos que um mesmo objeto possa ser passível de perspectivas diversas. Portanto, teremos, tanto no capítulo das correspondências quanto no capítulo final pontuações que tangem as biografias dos autores.

A lógica para análise do material empírico que constitui essa pesquisa trouxe certas hesitações na maneira com a qual poderíamos proceder. Diante do impasse inicial acerca de um método sociológico para o tratamento desse material, recorremos ao paradigma indiciário de Carlos Ginzburg⁷⁴, onde a metodologia se produz examinando os pormenores mais negligenciáveis, procurando indícios imperceptíveis. As disciplinas indiciárias, ou aquelas

disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade: basta pensar no peso das conjecturas [...] na medicina ou na filologia, além da arte mântica.⁷⁵

Com isso, temos a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente. Os dados são dispostos pelo observador de modo a dar lugar a uma sequência narrativa, pois através das pistas, é possível “narrar uma história”, de outra forma, uma série coerente de eventos que não são perceptíveis a qualquer um em primeiro momento.

E com o método indiciário pode-se evidenciar a dedicatória redigida por Pierre Bourdieu, naquele pequeno excerto redigido à caneta dentro de um contexto aparentemente informal. Apontaremos que a releitura de Pierre Bourdieu no país britânico enquanto um sociólogo pertencente ao campo da sociologia da cultura, através dos indícios da dedicatória. É entendendo significados que um pequeno conjunto de palavras pode conter que se

⁷⁴ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

⁷⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. *Op. cit.* 2002, p.156.

possibilita o desenvolvimento de um modo para interpretar a relação entre os dois autores temáticos.

A procura pela singularidade de cada material, pode ser entendida também através da sua própria escrita que lhe torna única. Assim como o entendimento dos corpos e seu caráter de “vivo” que o diferenciavam de cadáveres, Ginzburg nos lembra que os textos são algo inatingível e, portanto, únicos. Ao apontar para essas singularidades, a esses saberes que nascem da dimensão da experiência, onde a extensão dessa forma de saber depende integralmente da própria concretude da experiência, o limite se manifesta com a “incapacidade de servir-se do poderoso e terrível instrumento da abstração.”⁷⁶. No caso de saberes como aqueles localizados espacialmente sem uma origem nem memória ou história, muito prezados pela antropologia, a escrita ocupa-se de tentar dar um corpo, uma formulação verbal precisa a elas.

O rigor flexível do paradigma indiciário se constitui de tal forma que não seja possível suprimi-lo, pois são formas de saber silenciosas, nas quais as regras não são formalizadas ou ditas. Os ofícios de conhecedor ou de diagnosticador não se limitam em aplicar regras preexistentes, pois há também elementos imponderáveis, como a intuição ao se atentar ao que não é dito, aos seus vestígios, e não apenas ao conteúdo apresentado em primeira instância dos documentos: “como sinônimo de processos racionais, será necessário distinguir entre uma intuição baixa e uma intuição alta”⁷⁷.

Cabe, agora, entender o que se propõe localizando as correspondências entre os autores-sujeitos com a ideia de transferência cultural. Com tal termo apreendemos uma investigação que procura evidenciar “imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações.”⁷⁸.

Michel Espagne desenvolve o seu argumento através das concepções acerca da tradução que remonta a Herder; para ele a originalidade de uma tradução não é questionável quando comparada com a sua versão da língua originária. “A transposição dos objetos culturais não significa uma perda. Esta ideia [...] é um dos pressupostos básicos da pesquisa sobre as transferências culturais, que considera as transformações semânticas ligadas a uma

⁷⁶ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Op. cit. 2002, p. 167.

⁷⁷ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Op. cit. 2002, p. 179.

⁷⁸ ESPAGNE, Michel. *Transferências culturais e história do livro*. Tradução de Valéria Guimarães. Revista LIVRO, nº 2, 21-34, 2012 p.21.

tradução não como uma perda, mas como uma construção nova.”⁷⁹. Com isso, não estamos aqui nesta pesquisa sobre os autores correspondentes reivindicando a originalidade, aspectos teóricos ou linguísticos da tradução de Pierre Bourdieu para o inglês, mas apresentando a validade de uma concepção estrangeira se adequar ao contexto receptor na medida em que essa concepção de teoria metodológica – e, por sua vez, de sua argumentação – mostra-se representativa para a sociedade que está reconhecendo-a. Se pensarmos o contexto do campo intelectual que dará origem a sociologia britânica, temos influências de elementos exteriores para constitui-lo como, por exemplo, a etnografia inglesa que se sobressaiu enquanto um elemento de conhecimento fortemente estabelecido e fundado sobre os seus pilares britânicos como Radcliffe-Brown, Malinowski e – para citar um contemporâneo dos sujeitos da pesquisa – Evans-Pritchard.

O entendimento da transferência se dá pela reinterpretação do pensamento de Bourdieu dentro do contexto britânico adquirida pela leitura e disseminação de Williams e Garnham do que propriamente uma “importação” das ideias francófonas aplicadas à um contexto exterior: a transferência de ideias, e não de objetos culturais.⁸⁰

Analisar interpretações sociológicas ou interpretações sociais enquanto transferências culturais apresenta um limiar tênue entre aquilo que podemos entender como um *zeitgeist* aos moldes hegelianos e o intercâmbio de conhecimento dentro de uma ciência europeia que ainda pleiteia seu status de legitimidade na primeira metade do século XX. Tomamos como imprescindível atentar as disputas de força existentes nas relações que tocam o campo intelectual, não nos esquecendo que o próprio Bourdieu traz no íntimo de sua teoria social uma de suas instâncias enquanto teoria reflexiva a respeito dos processos de dominação simbólica e estrutural, dentro do campo intelectual, e, por extensão, ao campo acadêmico.

Mesmo com fontes de diferentes gêneros, formatos e esferas de circulação, foi possível trabalhar com os materiais compilados devido a possibilidade de construir um sentido interpretativo do diálogo intelectual estabelecido pelos autores. Essa pesquisa detém inspirações no modelo de estudo de correspondência do ensaio *L’Humaine Condition*⁸¹ de

⁷⁹ ESPAGNE, Michel. *Transferências culturais e história do livro*. Op. cit. 2012, p. 23.

⁸⁰ O trabalho de Alexandro Paixão *Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX* evoca tal concepção de transferência cultural que não é necessariamente a importação dos bens materiais franceses, mas um elemento de transformação concebido através da chegada de emigrantes franceses fundadores do *Jornal do Commercio* no Brasil do século XIX.

⁸¹ AUERBACH, Eric. *L’Humaine Condition*. In: *Mimesis*. Op. cit. 1971.

Erich Auerbach para compor o trecho de apreciação das cartas entre os autores sujeitos da pesquisa⁸².

O texto das análises de Erich Auerbach sobre Montaigne⁸³ apresenta os escritos do autor a ser discutido, seguidos de uma tradução para o idioma da edição. Montaigne apresenta o objeto de seus ensaios, que é ele mesmo, ressaltando em primeiro momento o caráter vacilante e mutável deste objeto. Descreve o processo que utiliza para tratar um objeto com tais características e por fim ventila a questão da utilidade da sua argumentação. Não diz que descreve a si próprio de forma imediata, mas se colocando em contraste com “outros”, com mais nuances do que o enunciado direto. Com isso, Auerbach identifica as premissas estipuladas no texto do filósofo francês enquanto silogismos, em que Montaigne repete pensamentos, em formulações novas, elaborando cada vez um novo ponto de vista, uma nova particularidade, uma nova imagem, de tal forma que o pensamento irradia em todas as direções. Frases que Montaigne diz sobre o que quer estudar dizem também o que não quer fazer, ou seja, estudar o mundo exterior. É possível afirmar pelo trecho que Auerbach analisa que o externo só o concerne à medida que serve de cenário e motivação para seus próprios movimentos interiores.

É a partir da análise textual primorosa de Auerbach que pensaremos o texto das correspondências de Pierre Bourdieu. Tencionar a respeito da composição de cartas não pode ser tomado como um processo passivo, uma vez que em nosso material há apenas um sujeito expondo suas ponderações a respeito de algo que conhecemos parcialmente. Um caminho adotado para organizar e interpretar as relações entre os autores será pensado também através dos textos das correspondências.

Entretanto, saliento o apontamento quanto a diferenças na forma do material de Auerbach e suas cartas com a vigente pesquisa e suas correspondências. Os *Essais* de Montaigne são escritos para serem publicizados, apesar da problemática acerca de seu novo estilo. Os trabalhos de Auerbach a respeito de Montaigne nos possibilitam trazer para a análise o formato das cartas, não as suas características de correspondências. Para tal propriedade, uma complementação para o método será desenvolvida através da leitura das

⁸² Também estamos embasados no modelo de análise realizado por Alexandre Paixão em seu trabalho *Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário do século XIX*, que identifica e caracteriza o público de leitores brasileiros do século XIX através de trocas de cartas

⁸³ Há também outro ensaio de Auerbach presente no livro *Ensaio de literatura ocidental* que versa sobre o estudo de Montaigne. Também é possível acessar a dimensão do tratamento que Auerbach atribui às cartas de Montaigne através do trabalho de Leopoldo Waizbort: WAIZBORT, Leopoldo. *Erich Auerbach sociólogo*. Tempo Social, 16(1), 61-91 2004.

análises realizadas por Alexandro Paixão, que nos auxiliam no tratamento das cartas enquanto correspondências.

O referencial metodológico apresentado por Paixão consiste na análise de cartas de leitores do jornal *Correio Mercantil* publicadas no periódico dialogando com o escritor José de Alencar, colunista do jornal. É realizada a discussão do conteúdo das cartas trocadas com Alencar, traçando um perfil para o leitor anônimo que se intitulou como o vereador Haddock Lobo. Tal situação epistolar do Brasil colonial pode ser transposta para nós da seguinte forma: temos conhecimento dos temas que circunscrevem algumas das tratativas das correspondências, e partiremos deles para desenvolver o diálogo e o processo transferencial dos autores.

CAPÍTULO I

Referências cruzadas

No quesito de estudos sobre Raymond Williams e Pierre Bourdieu temos um espaço em construção de repertório, entre materiais nacionais e internacionais, para iniciarmos sua caracterização. O presente capítulo tomou forma na medida em que foram encontradas publicações que tinham como foco os autores-sujeitos Raymond Williams e Pierre Bourdieu, enquanto as sondagens para determinar se as correspondências dos autores já haviam sido publicizadas de alguma forma. O que se segue compreende um esforço de retomada de alguns dos trabalhos que foram possíveis de mapear ao longo do processo de pesquisa e que detém como autores centrais ou tematizam a respeito de Williams e Bourdieu, com o intuito de compará-los, aproximá-los ou distanciá-los. Portanto, os trabalhos aqui resgatados estão presentes a fim de compor um panorama do estudo específico ou, se pudermos assim denominar, o início da tradição de estudo de Raymond Williams em conjunto com Pierre Bourdieu.

O processo de investigação que resultou nos trabalhos reunidos neste capítulo parte de dois momentos: o primeiro corresponde a uma sondagem através das plataformas digitais *Scholar Google* e da base de consulta dos acervos do *Journal Storage* (Jstor) de acesso livre. O segundo momento ocorre em contato com os volumes *Pierre Bourdieu I, II, III e IV* organizados por Derek Robbins, que sistematizam trabalhos, em diferentes temáticas, sobre o autor francês ou que se utilizem das ferramentas e metodologias criadas por Bourdieu. Tais volumes de compilação encontram-se na Biblioteca Octávio Ianni, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH – Unicamp).

Levando em conta, evidentemente, o ponta pé inicial da idealização e concepção da pesquisa serem originários de uma pesquisa mais ampla⁸⁴, este trabalho foi assumindo uma perspectiva própria de estudo, com fontes primárias centrada em dois intelectuais de referência no interior das ciências sociais, escolhendo dar seus primeiros passos repassando autores brasileiros que se ocuparam de Williams e Bourdieu, como Heloisa Pontes, em sua

⁸⁴ Trata-se da pesquisa Fapesp de Alexandre Henrique Paixão sobre Raymond Williams e a educação, em andamento na Faculdade de Educação da Unicamp.

tese *Destinos Mistos: o Grupo Clima no Sistema Cultural Paulista, 1940-1968*⁸⁵. Iniciamos com a autora brasileira pois foi através de seu doutoramento que nos abriu possibilidades de pensar na potencialidade de estudo que os dois autores poderiam expressar. Em seu trabalho, Pontes nos traz as palavras de Raymond Williams para sistematizar a concepção do autor sobre os elementos na cultura que designam o grupo intelectual denominado de *Bloomsbury Group*:

[...] os princípios e os valores que unem seus integrantes não são codificados institucionalmente. Eles estão ancorados num corpo de práticas e de representações e, simultaneamente, na "estrutura de sentimentos" e no "ethos" do grupo.⁸⁶

No trecho em que cita Williams, a autora traz uma análise de que a cultura moderna necessita transitar também pelos grupos de intelectuais que contribuíram para a sua própria constituição. Aquilo que os une, ou os reúne sobre determinado conhecimento, muitas das vezes não está claro ou definido para o pesquisador ou para aquele que não partilha das mesmas disposições do grupo. Recuperando ambos os autores, Raymond Williams e Pierre Bourdieu, a antropóloga brasileira mobilizou as elaborações dos autores, a saber *estrutura de sentimentos* e *campo intelectual* para tornar inteligível a categoria de intelectuais com a qual ela desenvolve sua pesquisa, pois se colocam o mesmo problema analítico: “[...] as mediações necessárias para circunscrever os intelectuais como uma categoria social específica, passível, como as demais categorias sociais, de uma análise sociológica.”⁸⁷

Como o segundo texto desta tradição, ainda no contexto nacional, evocamos *Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociobiologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*⁸⁸ de Enio Passiani que realiza uma aproximação epistemológica dos conceitos teóricos de ambos os autores-temas deste trabalho. O artigo detém como finalidade expressar como cada conceito, *habitus* e *estrutura de sentimentos*, apresentam a reprodução e a mudança social de forma dialética, através de um olhar centrado na sociologia da literatura.

Passiani compara os recursos teóricos elaborados por cada autor, a saber: o sentido e complexidade conceitual desenvolvidas por Bourdieu ao seu conceito de *campo*, que entrelaça

⁸⁵ PONTES, Heloisa Andre; ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Destinos mistos: o grupo clima no sistema cultural paulista (1940-1968)*. 1996. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

⁸⁶ WILLIAMS, Raymond. *Problems in materialism and culture*. Londres, Verso Editions. 1982, p.148 Apud PONTES, Heloisa. *Círculo de intelectuais e experiência social*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.12, nº 34, pp. 57-69 1996, p. 57.

⁸⁷ PONTES, Heloísa. *Círculos de intelectuais e experiência social Op. cit.* 1996 p. 64.

⁸⁸ PASSIANI, Enio. *Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociobiologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*. Estudos de Sociologia. 14. 2009.

as diversas esferas sociais, como o econômico, social, intelectual e simbólico. Passiani traz, por um lado, o conceito de campo de Pierre Bourdieu com a função de estabelecer uma “sociologia da leitura”, onde recorre também para a base conceitual de Raymond Williams, seu conceito chave de *estrutura de sentimentos*. Dentro desse aparato conceitual desenvolvido por Williams o autor brasileiro identifica a relação com o conceito de *campo intelectual*, pois as *estruturas de sentimentos* se inserem como a forma de análise da arte, principalmente aplicada na literatura, para entender todo o arcabouço de conceitos e práticas que constituem uma época.

Evidenciados os conceitos construídos pelos autores, Passiani articula que a mudança social para Williams se dá através de um processo,

“posição que não deixa de revelar, para além dos interesses investigativos e científicos, digamos, sua posição política e crítica: um esforço em mostrar e demonstrar que há uma alternativa à ordem social vigente – que aparece plasmada sob muitas formas, inclusive a de um discurso/texto literário.”⁸⁹

Enquanto para Bourdieu o foco encontra-se no desvelamento das estruturas dos mecanismos de reprodução e dominação de âmbito simbólico, apontando-os justamente para campos em que se cria uma áurea de transformação: o campo escolar e o campo artístico. A diferença sutil que não está presente no texto do autor brasileiro entre o movimento empreendido pelos autores decorre da crítica e da militância por parte de Williams, que estabelece uma forma de crítica militante, enquanto em seu colega francês efetua uma “militância da crítica”, o esforço contrário, em que busca separar a crítica sociológica, mas que, no texto de Passiani, evidencia ser uma posição que sofre modificações. Tal temática está presente no debate a respeito do papel do intelectual público empreendida consistentemente por Bourdieu, que mencionamos pontualmente nesta pesquisa.

Por fim, ao realizar uma retomada das questões da linguagem e seus significados para cada um dos dois autores, Passiani esboça o projeto de “sociologia da leitura” e traz que a naturalização dos processos velados responsáveis por selecionar a obra literária que Williams se dispõe à crítica (crítica a tradição seletiva) são esforços resultantes da dominação simbólica dos grupos dominantes do campo identificada por Bourdieu.

O próximo artigo nacional encontrado é o de Rosano Freire, intitulado *Nas Sociologias da Literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que espaço há para a*

⁸⁹ PASSIANI, Enio. *Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociobiologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*. Op. cit. 2009, p.296.

*análise do objeto artístico?*⁹⁰. No texto temos a confluência do autor sobre um objeto determinado, ou seja, para a análise da sociologia literária, perpassando os conceitos de *campo* e *habitus* de Bourdieu, assim como o de *estrutura de sentimentos* de Williams, o mesmo movimento de retomada por parte de Passiani. No seu desenvolvimento, coloca sob análise os conceitos de cada autor à luz do objeto de arte e à literatura, concluindo que o autor galês é definido enquanto um “sociólogo sintético” por estudar as condições de produção que levam a sua origem ao mesmo tempo em que também realiza a análise formalista do objeto artístico ou da literatura. Sua classificação do olhar do sociólogo francês é condensada em uma “abordagem externalista”, ambos conceitos vinculados a Vera Zolberg⁹¹.

O último texto publicado no Brasil é de autoria de Luiz Carlos Jackson e Ugo Rivetti, intitulado *Pierre Bourdieu e Raymond Williams. Correspondência, encontro e referências cruzadas*⁹². O artigo em questão, publicado em 2020, tem como objeto de estudo às correspondências de Pierre Bourdieu presentes no Richard Burton Archives. Este arquivo é caro para a nossa pesquisa, pois se incumbe de procurar, como o próprio título apresenta, onde há traços dos encontros entre Williams e Bourdieu, nas palavras dos autores: “O objetivo principal deste texto é recensear os contatos concretos que eles mantiveram”⁹³. Com tamanha proximidade com a pesquisa que realizamos a respeito das transferências culturais entre os autores, não é de se espantar que o artigo de Jackson e Rivetti dialogue centralmente com a pesquisa que estamos desenvolvendo, visto que os autores colocam o material das cartas em evidência, juntamente com outras seleções realizadas por eles.

Contudo, tais contatos mapeados pelos autores nos apresentam contribuições: outros vestígios deixados pela história para reconstituir os vínculos dos autores europeus. O artigo traz, por exemplo, apontamentos a menções de Bourdieu no livro *Cultura*⁹⁴ de Raymond Williams publicado na década de 1980. Temos no texto publicado pelos autores brasileiros também a diretiva a respeito da terceira correspondência, porém não são observados os rastros e indícios de tal correspondência. O movimento que apresentamos na análise desta correspondência no próximo capítulo tenciona indícios importantes a respeito da trajetória intelectual de Pierre Bourdieu. Adiantamos aqui que, analisadas as propostas apresentadas na

⁹⁰ FREIRE, Rosano. *Nas sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que espaço há para a análise do objeto artístico?* Revista Brasileira de Sociologia RBS 3.10.20336/rbs.121, 2016.

⁹¹ ZOLBERG, Vera. *Para uma sociologia das Artes*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

⁹² JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. Tempo Social, São Paulo, v. 3, n°1, p.183-204, abril 2020.

⁹³ JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. Op. cit. 2020, p.184.

⁹⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.

correspondência de 1987, o projeto editorial da *Liber* é fruto do programa contido na correspondência, ou melhor dizendo, a semente que resultará na *Liber* e nos seus futuros desdobramentos encontra-se na terceira correspondência que será apresentada no capítulo II.

Realizam o desfecho do artigo através do texto publicado por Williams e Garnham *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*⁹⁵. Com suas considerações e interpelações, Jackson e Rivetti traçam paralelismos e caminhos que tangenciam, em partes, aqueles que serão levantados aqui. Como objetivo do artigo dos escritores britânicos, os autores nacionais concluem:

Sugerimos que a relação mais direta entre ciência e política no projeto intelectual de Williams estaria por trás desse modo de se apropriar do pensamento de Bourdieu, que lhe serviria de “aliado” em seu contexto de origem nas disputas internas ao campo marxista inglês.⁹⁶

Do outro lado do canal da mancha, para o autor francês a evocação do autor galês e seus trabalhos tinham como finalidade “atenderam a um propósito predominantemente científico, o de reforçar a construção de um esquema teórico e interpretativo voltado ao problema da autonomização dos campos de produção cultural.”⁹⁷

Para além dos autores brasileiros, há também um artigo de Andrew Miller a respeito do legado deixado por Raymond Williams com a sua fundamentação acerca da cultura, denominada de materialismo cultural, em que há comparações entre elementos trabalhados pelos dois autores temáticos dessa pesquisa. O *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*⁹⁸ da década de 1990 traz a interpretação do materialismo cultural de Williams muito mais propenso a um pós-estruturalismo francês do que do marxismo e que se assemelha aos trabalhos de Foucault ou Bourdieu. Os pontos que unem Williams especificamente a Pierre Bourdieu dentro da sua interpretação das obras de cada autor-sujeito acontece através de similaridades em que

[...] at some levels readily apparent: a shared sense of the continuing importance of social class to the social structures of advanced capitalism; a shared suspicion of the

⁹⁵ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Op. cit. 1980.

⁹⁶ JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. Op. cit. 2020, p. 200.

⁹⁷ JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. Op. cit. 2020, p. 200.

⁹⁸ MILNER, Andrew. *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*. Theory, Culture & Society, 11(1), 43–73 1994.

pretensions to exclusive legitimacy of bourgeois 'high culture'; a shared sympathy for popular cultural aspirations; and a shared assessment of the centrality of culture to the social organization of contemporary capitalism.⁹⁹

Ainda apresenta que as pesquisas de Bourdieu sobre a legitimação da arte, do gosto, ressoa e confirma as formulações de Williams a respeito do modernismo, pós-modernismo e da cultura popular apresentadas em *Toward 2000*¹⁰⁰. Continua o paralelismo entre os autores relacionando uma “teoria da determinação” em Williams – não especificada no texto exatamente como essa teoria está amparada dentro dos escritos do autor – com a teoria da prática de Bourdieu:

Both attempt to theorize human sociality in terms of the strategic action of individuals within a constraining but nonetheless not determining context of values, a 'structure of feeling' in Williams, the 'habitus' in Bourdieu.¹⁰¹

Há, naturalmente, diferenças no pensamento de Bourdieu com os desenvolvimentos de Raymond Williams. Porém, situa a posição dos autores de acordo com as heranças teóricas de cada um de forma similar: a posição de Williams perante o culturalismo britânico e a posição de Bourdieu e Foucault com o estruturalismo. Nomeia o culturalismo de Williams enquanto um “pós-culturalismo”, pois não se adapta ao culturalismo (tradição que detinha F. R Leavis como principal expoente no período) nem ao culturalismo de esquerda que predominava na tradição cultural britânica. Para tal, salienta a identificação do caráter de aspiração de cientificidade do estruturalismo que não proporcionava os propósitos de Pierre Bourdieu que, para o autor, permitiram a adaptação do “pós-culturalismo” de Raymond Williams:

Before Williams the culturalist tradition had typically subscribed not to a scientism but to a kind of 'objective idealism' by which truth was judged to inhere in the cultural tradition itself. Williams's own deconstruction of this notion through the

⁹⁹ Em algumas posições rapidamente aparentes: um senso compartilhado da importância contínua da classe social para a estrutura social do capitalismo avançado; uma suspeita compartilhada das pretensões da exclusiva legitimidade da 'alta cultura' burguesa; uma simpatia compartilhada pelas aspirações da cultura popular; e uma taxa da centralidade da cultura para as organizações sociais do capitalismo contemporâneo. (tradução minha) MILNER, Andrew. *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*. Op. cit. 1994, p. 66.

¹⁰⁰ WILLIAMS, Raymond. *Toward 2000*. London, Hogarth. 1982.

¹⁰¹ Ambas as tentativas de teorizar a sociabilidade humana em termos de ação estratégica de indivíduos no interior de um contexto de valores constrito, mas ainda assim não determinante, a 'estrutura de sentimentos' em Williams, o 'habitus' em Bourdieu. (tradução minha). MILNER, Andrew. *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*. Op. cit. 1994, p.66. Apud BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

idea of the selective tradition effects a relativizing turn similar to that of post-structuralism in relation to structuralism.¹⁰²

Outro trabalho que contém aproximações teóricas ao longo de seu desenvolvimento é o artigo de Paul Filmer intitulado *Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture*¹⁰³ onde faz aproximações entre o conceito de *estruturas de sentimentos* e *habitus*. Em seus comentários a respeito do conceito de estrutura de sentimentos: “[...] structures of feeling in his analyses of the internal structures and languages of literary and other texts”¹⁰⁴ enquanto a análise de Bourdieu do *habitus* é, por definição, uma análise das estruturas sociais interrelacionadas e se dá dentro de outra elaboração conceitual sua: o campo de produção artístico. Filmer destaca três disposições de funcionamento específicas do campo artístico, que possibilitam o *habitus* estruturar de modo único as experiências dos indivíduos:

the history and contemporary position of the artistic field within the field of power; the structure of objective relations within the field between the positions occupied by individuals or groups competing for artistic legitimacy at a given moment; and the genesis of the different producer' habitus (Bourdieu 1993: 194).¹⁰⁵

A diferenciação para o autor entre os métodos está onde Williams entende o papel desempenhado pela tradição seletiva. Nas palavras de Filmer: “What Bourdieu's method shows clearly, rather, is how the codes of artistic production and interpretation reinforce and reproduce the existing order of the cultural field, not least by identifying the structure of its organization through challenging it.”¹⁰⁶. No autor galês, para Filmer, a tradição seletiva não é imutável, e apresenta formas diversificadas para estruturar a experiência:

¹⁰² Antes de Williams a tradição culturalista tinha tipicamente aderido não um cientificismo, mas a um tipo de ‘idealismo objetivo’ pelo qual a verdade foi julgada pertencer ela mesma na tradição cultural. A própria desconstrução de Williams desta noção através da ideia da tradição seletiva efetua uma mudança relativamente similar ao do pós-estruturalismo em relação ao estruturalismo. (tradução minha). MILNER, Andrew. *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*. *Op. cit.* 1994 p.70.

¹⁰³ FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture. *The British Journal of Sociology*, 54: 199-219. 2003.

¹⁰⁴ [...] estrutura de sentimento em suas análises da estrutura interna e das linguagens da literatura e de outros textos. (tradução minha). FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture *Op. cit.* 2003, p.207.

¹⁰⁵ A história e posição contemporânea do campo artístico dentro do campo de poder; a estrutura das relações objetivas dentro do campo entre as posições ocupadas por indivíduos ou grupos competindo pela legitimidade artística em um dado momento; e a gênese de diferentes produtores de habitus. (tradução minha). FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture *Op. cit.* 2003, p.207.

¹⁰⁶ O que o método de Bourdieu apresenta claramente, preferencialmente, é como os códigos de produção e interpretação artística reforçam e reproduzem a ordem existente do campo cultural, pelo menos ao identificar a

Williams saw the direction and control of social and cultural production according to the naturalized interests of an established order of power relations as operationalized by the process of what he termed the selective tradition of relations between culture and society.¹⁰⁷

Tal aproximação realizada por Filmer – que é fundamentalmente acerca do papel que a linguagem desenvolve nas interpretações de cada autor – voltará a aparecer em nosso texto, pois determina um dos tópicos discutidos nas correspondências de Pierre Bourdieu à Raymond Williams.

Como unidade final para o tópico, Craig Calhoun¹⁰⁸ realiza em seu artigo *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams*¹⁰⁹ uma reflexão – como o próprio título do texto nos conta – sobre como em ambos os autores-sujeitos a definição de “sociólogo da cultura” não dá conta de compreendê-los. Para ele, dentro de sua interpretação alocada na tradição britânica, a revitalização da sociologia da cultura fez com que a conceitualização de cultura se restringisse a tópicos, a estudos temáticos, causando uma separação entre a cultura hipostatizada, a cultura que se constitui a realidade abstrata enquanto uma cultura concreta, com as outras áreas da sociologia. Para tanto, conclui que é necessária outra noção de cultura, um outro papel para a cultura dentro da sociologia, que está presente em Raymond Williams e Pierre Bourdieu. Para Calhoun, como Michel Foucault e Jürgen Habermas, os trabalhos dos autores sujeitos dessa pesquisa são cruciais para a fundação de uma sociologia que conduz o estudo da cultura de forma séria¹¹⁰.

A sua apresentação de Bourdieu não ocorre na forma de um sociólogo da cultura, mas como um sociólogo que através da cultura entende o elemento central de toda a vida social. A

estrutura da sua organização através do seu desafio. (tradução minha). FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture *Op. cit.* 2003, p.207.

¹⁰⁷ Williams viu a direção e controle da produção social e cultural de acordo com os interesses naturais de uma ordem estabelecida de relações de poder operacionalizada pelo processo do que ele denominou de tradições seletivas das relações entre cultura e sociedade. (tradução minha). FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture *Op. cit.* 2003, p207-208.

¹⁰⁸ O nome de Craig Calhoun também foi sugerido por Michel Nicolau Netto em 2019, na mesma oportunidade em que propôs buscar o nome de Nicholas Garnham

¹⁰⁹ CALHOUN, Craig. *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams*. Contemporary Sociology, vol. 19, no. 4, 1990, pp. 500–505. In: BOURDIEU, Pierre VOL II. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.

¹¹⁰ CALHOUN, Craig. *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams*. *Op. cit.* 1990.

introdução de Williams identifica-o primariamente com a sua formação de crítico literário e enquanto um pioneiro em criar um modelo para a mídia moderna e os estudos culturais. Descreve Williams como um dos marxistas modernos importantes, que influenciam não-marxistas, que engajou politicamente e autor direto de intervenções políticas, pois sua forma escrita detém uma conotação política clara, compromissada, com referências pessoais, que se tornam uma versão prática da reflexividade de Bourdieu, elemento que Calhoun configura como a gênese do interesse de Raymond Williams na obra do autor francês.

A união de Williams e Bourdieu significa na leitura de Calhoun a convicção de que a cultura não é passivamente aceita. Ambos entendem e consideram a cultura como “ordinária”, enquanto aquilo que pertence a vida cotidiana e é manifestada em “criações de extraordinária beleza ou brilho”¹¹¹. Os autores se detêm em um mesmo objeto, embora tenham abordagens diferentes: no artigo são definidas as abordagens de Bourdieu com respeito a cultura – às atividades práticas do cotidiano – enquanto a situação de como jogar um jogo e, enquanto tal, as formas da não identificação de ações, estratégias e mobilizações de poder que pressupõe fazerem a prática ausente de sentido ou desinteressada está entre os temas centrais de Bourdieu. Na leitura de Calhoun o texto *The historical Genesis of a Pure Aesthetics*¹¹² de Pierre Bourdieu detém conclusões similares aquelas formuladas por Raymond Williams em sua análise das noções e entendimentos do bucólico¹¹³, que perpassam as construções de sentido e imagem do campo¹¹⁴.

Calhoun apresenta que para elaborar uma crítica ao conhecimento sociológico demanda uma centralidade na cultura, e ilustra essa necessidade comparando as abordagens autorreflexivas de ambos os autores com os estudos empíricos mais positivistas dos sociólogos americanos, que são limitados pelos tópicos, e não detém o potencial transformador para a sociologia. Em *Homo academicus*¹¹⁵, Pierre Bourdieu realiza um estudo da estrutura acadêmica francesa em 1967, não se tratando de uma mera descrição ou arranjo geral do campo, mas sustentando-se na tentativa de desvendar e divulgar a base dos princípios que organizam o campo acadêmico francês e sugerindo como isso afeta a produção cultural

¹¹¹ CALHOUN, Craig. *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams*. Op. cit. 1990. (tradução minha).

¹¹² BOURDIEU, Pierre. *The historical Genesis of a Pure Aesthetics*. The Journal of Aesthetics and Art Criticism vol.46, p.201-210, 1987.

¹¹³ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2011.

¹¹⁴ A respeito das tradições e imagens criadas sobre Campo e Cidade com as quais Raymond Williams discute, conferir MALANDRIN, Hiago. *Sobre Raymond Williams e a perspectiva de Natureza: A circulação transatlântica de O Campo e a Cidade no Brasil (1989 –2019)*. (Processo FAPESP nº 2019/00323-0).

¹¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Paris. Les Éditions de Minuit, 1980.

das pessoas inseridas nesse campo. A importância do livro para a sociologia consiste na discussão do problema de localizar reflexivamente o “detentor do conhecimento” e as condições que o seu conhecimento em relação a produção de saberes, com a exemplificação através de uma análise do campo juntamente com o conceito de capital cultural tornam-se centrais para o estudo da obra em questão.

Apresentando um breve panorama nacional e internacional a respeito dos movimentos empreendidos para estabelecer paralelos entre esses dois grandes autores do século XX podemos posicionar melhor nossa pesquisa que realizou um movimento similar, mas contemplando outros quesitos que se fazem necessários para realizar assertivas sobre relações na vida e obra dos dois autores. A presente pesquisa é a única que reúne os autores lado a lado com o amparo do material empírico evidenciando as correspondências – em duplo sentido –, as evidências teóricas que aproximam os autores e testemunhando a relação de proximidade dos autores. Além disso, é realizada uma análise dos campos intelectuais dos quais cada autor fez parte, tendo como epicentro desses campos nossos sujeitos de pesquisa para assim poder constituir os seus grupos intelectuais.

CAPÍTULO II

Correspondências

As correspondências localizadas entre Pierre Bourdieu e Raymond Williams constituem-se em um total de quatro materiais, todos assinados pelo autor francês. Nota-se nessas correspondências de mão única um tom de proximidade cordial com o correspondente e uma interpolação amigável. Daremos sequência na apresentação das cartas de forma intercalada com comentários em seus trechos, como forma para construção da argumentação, evidenciando os apontamentos das transferências culturais e sobre a importância de Williams na compreensão do autor francês para a sociologia inglesa. Também são pertinentes apontamentos quanto alguns dados biográficos dos autores, tendo em vista que temos uma margem de onze anos entre os materiais, compondo um conjunto de correspondências que possivelmente marcam – e demarcam temporalmente – o início dos vínculos epistolares entre Raymond Williams e Pierre Bourdieu, fazendo assim com que estes se tornem os indícios do início dessa correspondência intelectual.

Fazem parte do conjunto de correspondências um artigo cujo o título é *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*¹¹⁶ escrito em 1979 e publicado em 1980 por Nicholas Garnham e Raymond Williams, editado primeiramente em *Media, Culture and Society vol.2 nº3*. Este único item foge aos materiais escritos e datilografados por Pierre Bourdieu, mas traz ao nosso debate a interlocução que materializa a composição destas correspondências entre os autores, para além da importância temporal que o artigo carrega consigo: a apresentação do livro em lançamento de Pierre Bourdieu *La Distinction: critique sociale du jugement*¹¹⁷ acompanhada de uma síntese da produção intelectual do autor francês, tendo em vista que sua presença enquanto sociólogo da cultura dentro da sociologia britânica era inexistente¹¹⁸.

Antes de nos dedicarmos sobre o material reunido, é importante pontuar que existem outros materiais que indicam os vínculos de Pierre Bourdieu e Raymond Williams. Nos

¹¹⁶ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Op. cit. 1980. In: BOURDIEU, Pierre VOL I. Op. cit. 2000.

¹¹⁷ Obra originalmente lançada em 1979. Primeira versão traduzida para o inglês apenas em 1984: BOURDIEU, Pierre. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. trad. Richard Nice. Harvard University Press, 1984.

¹¹⁸ Para essa afirmação, ver: *Bourdieu in England, 1964–1977*. Op. cit. 1989.

referimos ao artigo de autoria de Luiz Carlos Jackson e Ugo Rivetti, intitulado *Pierre Bourdieu e Raymond Williams. Correspondência, encontro e referências cruzadas*.¹¹⁹ Que apresenta outros debates dos autores-sujeitos para além dos reunidos nesta pesquisa de mestrado. Os achados referem-se às citações de Williams realizadas por Bourdieu em *Campo Intelectual e projeto criador*¹²⁰ e, sobretudo, a localização da participação de Williams no Seminário de Sociologia da Cultura e dos Modos de Dominação ocorrido em 1976 na École Normale Supérieure. Pontuam também citações de Williams em *As Regras da Arte*¹²¹. O conjunto de citações não foram incorporados no escopo desta pesquisa, porém, artigo é referência aqui, embora esta dissertação visa abarcar outros elementos, combinando as correspondências e o artigo *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*¹²². Nossa pesquisa enfatizará fundamentalmente o caráter que as correspondências e o artigo de Garnham e Williams detém para a elaboração da revista literária capitaneada por Bourdieu.

A começar pelas cartas, temos acesso apenas a três correspondências, todas presentes no acervo do Richard Burtom Archives, localizados na Universidade de Swansea. Tais cartas indicam um fluxo de troca de correspondências entre os autores, porém não há registros no arquivo de materiais destinados a Pierre Bourdieu. Pode-se perguntar do por quê pressupor trocas, ao se questionar o número reduzido de cartas mapeadas. Ao que responderemos que o conteúdo das cartas possibilitam construir esse movimento de troca intelectual, pois está presente em cada uma delas os registros dos diálogos, conforme a análise que se segue nesse capítulo. Já a dedicatória está localizada nos acervos da Biblioteca de Nottingham, em um volume de *La Distinction: Critique sociale du jugement*¹²³ do ano de sua primeira edição em 1979. A dedicatória encerra a primeira parte dos materiais, dos acervos documentais, tendo como segundo momento o artigo publicado na revista *Media, Culture & Society* por Garnham e Williams, que compôs os materiais para estabelecer o diálogo que buscamos evidenciar. Porém, ao decorrer da pesquisa tal artigo apresentou sinais que permitiram levantarmos hipóteses sobre outros desdobramentos dos diálogos entre os correspondentes.

A limitação com relação à consulta de outros materiais encontrados em acervos

¹¹⁹ JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. Op. Cit. 2020.

¹²⁰ BOURDIEU, Pierre. *Campo intelectual e projeto criador*. In: POUILLON, Jean et al. (orgs.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968 pp. 105-145.

¹²¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras; 2005.

¹²² GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Op. cit. 1980. In: BOURDIEU, Pierre VOL I. Op. cit. 2000.

¹²³ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.

internacionais é evidente, contudo, as correspondências de sentido único não impede na validade de nossa hipótese, visto que são entendidas como elementos que preenchem o espaço ainda não desvendado de toda essa comunicação entre dois expoentes de seus espaços intelectuais. Portanto, enquanto material de análise para constituir o outro sentido das trocas de correspondência através da escrita de Williams, foi elencado o artigo de Garnham e Williams citado acima. O destaque do artigo se deve para além de um escrito sobre Pierre Bourdieu diretamente das mãos de Williams, que por si só será um apontamento de investigação, apresenta um forte indício de que o correspondente galês foi um dos responsáveis por recepcionar essa etapa do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu¹²⁴.

Das diferentes linhagens de interpretação dentro dos intelectuais ingleses que a obra do autor francês deteve, apontamos o artigo de Garnham e Williams como a primeira abordagem sobre o sociólogo francês que o destacou de suas limitações interpretativas anteriores dentro da antropologia e da sociologia da educação, inserindo-o no campo da sociologia da cultura. Também é importante pontuar que o artigo escrito a quatro mãos se encarrega de apresentar a obra *La Distinction*¹²⁵ no ano de sua publicação na França. Tal fato nos remete a dedicatória que compõe o último documento a ser analisado no primeiro bloco dos materiais empíricos, pois está presente em um exemplar do livro temático do artigo, além de estar endereçada a Raymond Williams.

A escolha do material a ser trabalhado compõe um *corpus* de análise que nos possibilita ampliar as possibilidades e perspectivas acerca do debate intelectual ocorrido entre os dois autores, nos permitindo um sentido de desenvolvimento consistente do movimento intelectual existente entre ambos, uma vez que tal material ainda não foi devidamente tratado como fonte para esta finalidade. Seguiremos com a apresentação das cartas acompanhadas com os comentários da análise, em ordem cronológica dos acontecimentos que corresponderá na seguinte organização: primeira e segunda cartas, datadas de 1976 e 1977 respectivamente; dedicatória de Pierre Bourdieu à Raymond Williams do ano de 1979; finalizando o material empírico temos a última carta de Pierre Bourdieu do ano de 1987.

A) *Primeira carta.*

¹²⁴ O trabalho *Bourdieu in England, 1964-1977* de Derek Robbins traz uma análise da recepção do autor francês na sociologia britânica, acompanhando seus processos de interpretação até o ano de 1977. ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977. Op. cit. In: BOURDIEU, Pierre VOL III. Coautoria de Derek Robbins. Op. cit. 2000.*

¹²⁵ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit. 1979.*

A correspondência que inicia a troca intelectual dos dois autores constitui-se de uma carta breve, com apenas 2 parágrafos de conteúdo, datada de 22 de dezembro de 1976, contendo os seguintes timbres na parte superior, seguidos do endereço e data de escrita:

Secrétariat D'Etat Aux Universités

ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES

CENTRE DE SOCIOLOGIE EUROPÉENNE

Sociologie de L'Éducation et de la Cultura

54, Boulevard Raspail, 75006 Paris Cedex 06

544.38.49

Paris, le 22 Décembre 1976

Com a data da redação temos algumas informações iniciais a respeito de seu destinatário importantes a pontuar. Nesta data, Raymond Williams já se destaca por ter colunas em jornais¹²⁶, se consolidando como uma das figuras intelectuais de esquerda para o público leitor. No mesmo ano, é publicado o que seriam os apêndices da obra *Cultura e Sociedade*¹²⁷, em uma edição reformulada e revista para se tornar *Keywords: a Vocabulary of Culture and Society*¹²⁸. Do outro lado da correspondência, seu remetente havia iniciado o projeto da revista *Actes de la recherche en Sciences Sociales* em 1975, até então com a editora *Éditions du Seuil*.

O primeiro parágrafo inicia com suas saudações, apresenta o início de seus contatos e transcorre citando textos de ambos os autores correspondentes:

*I am most pleased with our meeting and hope that this may be the beginning of a continued Exchange. I have sent you, this week, a series of texts which I think you will find interesting. If I seem sure of your judgment, it is because I have just read your article "Developments in the sociology of Culture". Rarely have I had the impression of so complete meeting of minds. In order for you to be convinced, I should like you to look at the text I wrote a few years ago: "Sociologie des mythologues et mytologie des sociologies".*¹²⁹

¹²⁶ WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Op. cit. 2015.

¹²⁷ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. cit. 2011.

¹²⁸ WILLIAMS, Raymond. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*. London: Routledge, 1976.

¹²⁹ Eu estou muito contente com o nosso encontro e espero que isto possa ser o início de uma troca contínua. Eu enviei a você, essa semana, uma série de textos que eu acho que você achará interessante. Se eu sou certo de seu julgamento, é porque eu acabei de ler seu artigo "Developments in the sociology of Culture" [Desenvolvimentos na Sociologia da Cultura]. Raramente eu tive a impressão de um completo encontro de pensamentos. Para que

A frase que inicia o parágrafo foi o que nos inspirou a construir a pesquisa e buscar as respostas do autor galês, pois podemos interpretar seu conteúdo como o primeiro ato epistolar de Pierre Bourdieu à Raymond Williams. Na correspondência é apontado um encontro, porém não temos elementos o suficiente para elaborar a forma deste encontro, físico, pré-estabelecido ou de outras formas que necessitem de outro elemento para estabelecerem uma correspondência posterior. Fato é que temos a menção desse material ser a carta inicial, independentemente da forma com a qual esse “encontro” [meeting] mencionado se configure, temos um ponto inicial para compreender cada um dos autores dentro de suas produções intelectuais e os temas aos quais estavam se dedicando nos anos das primeiras cartas.

O sociólogo francês segue relatando o envio de textos de sua autoria que possam interessar seu destinatário, sendo a razão dessa suposição o texto publicado por Williams no mês anterior. O artigo mencionado na carta – *Developments in the Sociology of Culture*¹³⁰ – data da primeira semana de setembro, aproximadamente cem dias da data timbrada na correspondência. O artigo não virá a tona nesse momento da pesquisa, pois é um texto extensamente trabalhado no terceiro capítulo. O que cabe apontar rapidamente no momento destas correspondências é que o nome de Pierre Bourdieu não é mencionado no texto, em trechos que o autor galês perpassa algumas formas e interpretações à respeito do estudo da cultura e do desenvolvimento de uma sociologia da cultura.

Continua relatando que a leitura do artigo despertou nele sentimentos de um encontro de mentes e, para que o seu correspondente compartilhe dessa ideia, leia seu texto *Sociologie des Mythologues et Mytologie des Sociologies*¹³¹.

O segundo parágrafo encerra o corpo da primeira carta e se inicia com um único pedido e possível pretexto para a correspondência. O pedido é a viabilização para publicar um capítulo do livro *Televisão: tecnologia e forma cultural*¹³² publicado anos antes. O Parágrafo, transcrito a seguir, enverada a um pedido editorial:

I should like to publish in “Actes de la recherché” a piece from your book Television: chapter

you be convinced, I would like you to look at the text I wrote some years ago “*Sociologie des mythologues et mytologie des sociologies*” [Sociologia dos mitologistas e mitologia da sociologia].

¹³⁰ WILLIAMS, Raymond. “*Developments in the Sociology of Culture*. *Sociology*, vol. 10, no. 3, 1976, pp. 497–506.

¹³¹ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Sociologie des mythologues et mytologie des sociologies*. *Les Temps Modernes* n° 211, 1963, pp. 998-1021.

¹³² No original: WILLIAMS, Raymond. *Television Technology and cultural form*. London: Routledge, 1971.

I, paragraph C, “The Social History of the Use of television technology”, pp. 19-31. I think it would be of great interest to our readers and I should like it to appear in one of our coming issues. Could you ask your publisher to grant us permission? As it is a short excerpt and our review is by no means wealthy, I think that it would be more expedient for us if you were to ask personally. If the publisher would prefer a more formal procedure, I could ask Edition de minuit to make the request, but I fear that it would take more time... I should be grateful if you could give me a reply as soon as possible as we need to know rapidly for our publication schedule.

With warmest regards,

Sincerely yours,¹³³

Pierre Bourdieu [à caneta]

Com a transcrição, novas informações trazem conteúdo para estreitarmos os vínculos entre os dois autores. Ao iniciar com o pedido editorial para a revista que chefiou durante sua carreira, Bourdieu apresenta uma nova pista do vínculo entre os correspondentes. O pedido tem como objetivo agilizar um processo burocrático de conversas editoriais, facilitar um pedido editorial através de um pedido amigável. Bourdieu detém especial interesse no trecho que particularmente disserta sobre a história dos meios de comunicação, pois o autor francês detém também estudos sobre as mídias, embora encontre outras abordagens para realizar sua investigação.

O trecho requisitado da publicação de Williams corresponde a última parte do primeiro capítulo de *Televisão: tecnologia e forma cultural*¹³⁴. O breve texto foi publicado com o título de *A história social dos usos da tecnologia televisiva*¹³⁵ no Brasil e trata sobre a história social das tecnologias de comunicação. Apresenta a concepção de que o sistema responsável por desenvolver os sistemas de comunicação precede os desenvolvimentos tecnológicos. Tal constatação é elaborada através da reflexão sobre as necessidades de novas

¹³³ Eu gostaria de publicar na “Actes de la recherche” um trecho do seu livro “Television” [Televisão]: capítulo I, parágrafo C, “A história social dos usos da tecnologia televisiva”, pp. 19-31. Penso que seria de grande interesse aos nossos leitores e gostaria que aparecesse em um de nossas próximas edições. Você poderia perguntar ao seu editor para nos conceder permissão? Como é um pequeno excerto e nossa revista não é de forma alguma rica, penso que seria mais conveniente para nós se você perguntar pessoalmente. Se o editor preferir um procedimento mais formal, posso pedir a “Edition de Minuit” para fazer o pedido, mas temo que isso demandaria mais tempo... Ficarei grato se você puder me dar uma resposta assim que possível como precisamos saber rapidamente para nosso cronograma de publicação. | Com calorosas saudações, | Atenciosamente,

¹³⁴ WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

¹³⁵ WILLIAMS, Raymond. *A história social dos usos da tecnologia televisiva*. In: *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Op. cit. 2016 p. 32-42.

formas de comunicação que as antigas instituições não conseguem abranger e se tornam respostas a crises políticas. Tais novas formas não são predestinações, mas um conjunto de decisões sociais particulares que foram ratificadas por seu contexto.

Para adentrar a história social da televisão perpassa o sistema de radiodifusão, examinando suas peculiaridades tecnológicas e sociais em relação à sociedade que tal concepção de comunicação era originada. O sistema de radiodifusão traz soluções para as contradições da nova sociedade capitalista industrial, uma vez que segundo Williams haveria um impulso de curiosidade independente em relação a mobilidade que foi posta com a radiodifusão trazendo o externo para o ambiente interno. Tal impulso está atrelado também as necessidades da organização industrial que se fazem presentes. Dentro destas necessidades está a grande mobilidade interna e o êxodo rural para constituírem o contingente de trabalhadores. Apresenta ainda no caso da televisão que os processos seguiram conforme a ordem da radiodifusão: a tecnologia de transmissão e a recepção de forma privada foram desenvolvidos antes mesmo do conteúdo para tal tecnologia ser pensado e elaborado.

O trecho solicitado não foi encontrado nos arquivos da revista francesa, porém, temos ciência de um trecho de outra obra de Raymond Williams que fora publicado integralmente na revista capitaneada por Bourdieu. O trecho em questão é intitulado *Plaisantes Perspectives*¹³⁶ - *Vistas agradáveis*¹³⁷ para o português – que corresponde ao capítulo doze de *O Campo e a Cidade*¹³⁸, livro publicado em 1973. Essa publicação na *Actes de la Recherche* acontece em 1977, fazendo quase um ano desde o pedido presente nesta carta. A próxima carta a ser apresentada detém maior proximidade temporal com tal publicação, apresentando data de quase 2 meses precedendo a publicação de novembro daquele ano.

Por fim, brevemente sobre a citação do único artigo que Raymond Williams escreve à revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*¹³⁹ ocorre em *Meditações Pascalianas*¹⁴⁰, de forma pontual. Tal artigo em si não contém características suficientes para ser apreciado em nossa finalidade, já que Bourdieu encabeçou a criação e o projeto da revista e sabemos ser um conteúdo já elaborado, além dos registros dos contatos entre os autores próximos a

¹³⁶ WILLIAMS, Raymond. *Plaisantes perspectives*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 17-18, novembre 1977 pp. 29-36.

¹³⁷ WILLIAMS, Raymond. *Vistas agradáveis*. In: *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit. 2011 p.201-212.

¹³⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit. 2011.

¹³⁹ WILLIAMS, Raymond. *Plaisantes perspectives*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Op. cit. 1977. pp. 29-36.

¹⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.

publicação do volume do periódico em questão. Porém, este dado nos permite a possibilidade de inferirmos que há um fluxo maior de correspondências durante as datas das duas primeiras cartas que temos como material conhecido, pois o título do artigo, ou a sua temática, não foi mencionado nas cartas presentes no Richard Burton Archives na Universidade de Swansea.

B) *Segunda Carta*

A segunda correspondência em ordem cronológica data de setembro de 1977, meses antes da publicação de um capítulo de livro de Williams na revista em que Pierre Bourdieu foi dirigente e editor chefe. Podem ser vistos os mesmos timbres da primeira carta:

Secrétariat D'Etat Aux Universités

ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES

CENTRE DE SOCIOLOGIE EUROPÉENNE

Sociologie de L'Éducation et de la Culture

54, Boulevard Raspail, 75006 Paris Cedex 06

544.38.49

Paris, le 7 septembre 1977

Professor Raymond Williams

Jesus College

CAMBRIDGE

(Grand – Bretagne)

Passados aproximadamente sete meses desde a primeira correspondência, temos novas publicações de Williams, realizadas ao longo do ano, na qual enfatizamos aqui o livro *Marxism and Literature*¹⁴¹ recém-publicado. Ao passo que Pierre Bourdieu publicou no ano da correspondência *Algérie 60: structures économiques et structures temporelles*¹⁴².

O corpo da carta inicia-se com formalidades e sua redação com um pedido de desculpa, seguidos de agradecimentos:

¹⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Toronto: Oxford University Press, 1977.

¹⁴² BOURDIEU, Pierre. *Algérie 60: structures économiques et structures temporelles*. Paris: Minituit, 1977.

Dear Raymond Williams,

Forgive me for having taken so long to reply to your kind letter. I was vacationing far from Paris and my mail was not forwarded.

I am grateful for your thoughtfulness in associating me with your project on Human Communication.¹⁴³

Tal projeto mencionado por Pierre Bourdieu se consolidou como um trabalho editorial de Raymond Williams, sob o nome de *Contact: human communication and its history*¹⁴⁴ e publicado pela primeira vez em 1981, porém não constam contribuições do autor francês para o projeto. A continuação da carta ocorre em grande parte discutindo cada ponto do projeto editorial de Williams:

*The overall plan you propose seems quite remarkable; I would be pleased to take part and to look around me for others capable of contributing material of interest (I have not yet had the occasion to talk with J. C. Chamboredon, who is still on vacation). As far as I am concerned, I see nothing in my work, past or present, which would allow me to write something pertinent on points 5, 6 or 9 as you indicate them. Concerning point 2 (language), you seem to me the logical person to write the basic texts. That being said, perhaps it would be possible to get something out of the article of which I recently sent you a reprint, “L’économie des échanges linguistiques” (I will also send you another, earlier article entitled “~~L’illusion du communisme linguistique~~” [“Le Fétichisme de la langue” à caneta]; I do not know if one of these texts could be used either as is or in a modified form in your volume. As regards point 4, there is all of my work on museums and on the perception of the work of art, but I do not see quite how it would fit into the plan proposed. Finally, the last point that you suggest, number 8, I think that something might be used from my book, a bit old by now, *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*, but once again I do not see clearly the form of the contribution. Last point: perhaps it is because I am at the moment working in this direction, but I think it would be a good idea to envisage a point on “language and politics” (*le langage et la politique*) which would of course include problems of advertising, propaganda, etc., but also the question of monopoly of the dominant political*

¹⁴³ Caro Raymond Williams, | Me desculpe por ter demorado tanto tempo para responder sua carta gentil. Eu estava de férias longe de Paris e minha correspondência não foi encaminhada. | Eu agradeço sua consideração em me associar com seu projeto em *Human Communication*. (tradução minha).

¹⁴⁴ WILLIAMS, Raymond (Ed). *Contact: human communication and its history*. London: Thames and Hudson, 1981.

*language and the political consequences of this (I will soon send you two texts, which are already written, in which I try to define these problems)*¹⁴⁵.

A partir desse fragmento da carta, podemos compreender algumas partes da estrutura do projeto editorial. Com as menções, temos 9 temáticas, sabendo nominalmente uma delas: a segunda temática correspondendo a linguagem. Além dessa descrição, está presente uma sugestão de tema, elaborando um ponto a respeito da linguagem e política, acompanhando com a sugestão a menção de dois textos a serem encaminhados a respeito das reflexões de seu remetente sobre o tema. Tal temática aponta ser pertinente, pois seu destinatário tem uma produção intelectual considerável sobre as relações entre a linguagem e comunicação com a política¹⁴⁶. Entretanto, não surge diretamente no trabalho de Raymond Williams, pois não há registros no índice da publicação.

Como a participação de Pierre Bourdieu não se concretizou com a colaboração do volume, não adentraremos a fundo em cada ponto e texto especificado no parágrafo, mas explicitaremos o que foi materializado no projeto mencionado como *Human Communication* por Bourdieu e o que foi publicado sob o nome de *Contact: Human Communication*¹⁴⁷, pois é relevante, visto que tal trabalho detinha um plano político-pedagógico, se assim podemos nomina-lo. O projeto de Williams consistia em um volume com colaborações de autores internacionais para cada tema, que resultou em um total de seis nacionalidades diferentes envolvidas. Tais temas, estavam distribuídos como: linguagem, comunicação não-verbal,

¹⁴⁵ O plano geral que você propõe parece bastante excepcional; Eu ficaria satisfeito em participar e procurar ao meu redor outros capazes de contribuir com material de interesse. (Eu ainda não tive a ocasião de conversar com J. C. Chamboredon, que ainda está de férias). No que me diz respeito, não vejo nada no meu trabalho, passado ou presente, que me permitiria escrever algo pertinente aos pontos 5, 6 ou 9 como você os indica. Com relação ao ponto 2 (linguagem), você me parece a pessoa lógica para escrever os textos básicos. Isso dito, talvez seja possível retirar algo do artigo do qual enviei recentemente uma reimpressão, “*L'économie des échanges linguistiques*” [A economia das trocas linguísticas] (Eu vou enviar também a você outro, artigo recente intitulado “*Le Fétichisme de la langue*”; eu não sei se um desses textos poderia ser usado como está ou em uma forma modificado em seu volume. Quanto ao ponto 4, há todo o meu trabalho sobre museus e a percepção do trabalho de arte, mas não vejo bem como se encaixaria no plano proposto. Finalmente, o último ponto que você sugere, número 8, penso que algo possa ser usado do meu livro, um pouco antigo hoje, *Un art Moyen sur les usages sociaux de la photographie*, mas mais uma vez não vejo bem a forma da contribuição. Último ponto: talvez seja porque estou trabalhando nessa direção, mas penso que seria uma boa ideia imaginar um ponto sobre “linguagem e política” (le langage et la politique), que, claro, inclui problemas de publicidade, propaganda, etc., mas igualmente a questão do monopólio da linguagem política dominante e as consequências políticas disso (Em breve vou enviar a você dois textos, que já estão escritos, em que tento definir esses problemas). (tradução minha).

¹⁴⁶ Notadamente temos alguns ensaios presentes em *Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo* a respeito das aproximações, mas sobretudo *Televisão: tecnologia e forma cultural* tem como condutor explicitar quais as relações e as mudanças na política que as instituições de comunicação efetivaram na história humana.

¹⁴⁷ WILLIAMS, Raymond (Ed). *Contact: human communication and its history*. Op. Cit. 1981.

signos, fotografia, filme, as tecnologias da comunicação e instituições sociais e, por fim, um capítulo reservado ao futuro da mídia. Tal projeto foi definido por seu editor como:

“*Contact* brings the whole subject out from the confines of specialist studies and places it where it belongs: as a central, perhaps the key, issue for anyone with any degree of curiosity about the factors that limit or extend his physical and mental horizons.”¹⁴⁸

Nos atentamos ao projeto editorial mencionado em carta que, além de ser o conteúdo principal desta segunda correspondência reunida, detém um projeto político de reunir pesquisadores e intelectuais de diferentes áreas de estudo, de diferentes nacionalidades para estabelecer caminhos de iniciação ao público leitor comum, tentando transformar o conhecimento pesquisado e produzido nas universidades e centros de pesquisa em material de leitura e compreensão do público leitor. Esse caráter político não nomeado na réplica de Pierre Bourdieu que transcrevemos traz pistas a respeito da próxima carta que será apresentada, uma vez que são decodificados os vestígios que esse caráter implícito da proposta editorial apresenta, como um olhar aguçado do caçador que é capaz de compreender e narrar uma história, tal caráter político revela se não a criação, mas o embrião de um projeto intelectual de Pierre Bourdieu que será desenvolvido décadas depois.

Pontuando brevemente a sugestão acerca da linguagem e a política, cabe ressaltar tal colocação tamanha é a importância da linguagem para a forma literária de Williams – que é apresentada em *Política do Modernismo*¹⁴⁹, por exemplo – para o conceito de estrutura de sentimentos. Convém destacar que Raymond Williams acabara de finalizar *Literatura e Marxismo*¹⁵⁰ – obra que será mencionada ao finalizar a carta – esclarecendo sua aproximação com Gramsci e a discussão teórica no que concerne pensar a hegemonia para a análise literária, juntamente com a retomada e discussão de conceitos básicos para a sociologia e sinalizando sua investigação em âmbitos internacionais, nomeando discussões com as produções italianas, escandinávias, francesas, norte-americanas e alemãs.¹⁵¹

A carta ainda apresenta dois pequenos parágrafos para seu fim, em que o tom polido, educado e solicitante continuam presentes. Porém, ao apresentar sua resposta final à proposta

¹⁴⁸ Citação de uma fala de Williams, retirada do *Social Science Information Studies*. vol.2 n°2. Elsevier Science, 1982. “*Contact* traz o assunto dos confinamentos dos estudos especializados e coloca-o onde pertence: como questão central, talvez a chave, para qualquer pessoa com algum grau de curiosidade sobre os fatores que limitam ou estendem seus horizontas físicos e mentais.” (tradução minha).

¹⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2011

¹⁵⁰ No original: WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Marxist Introductions Op. cit. 1977.

¹⁵¹ Aqui cito a versão brasileira, de única edição: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979 p. 11.

do projeto editorial, o autor francês propõe uma alternativa destoante com o que o projeto *Contact* se encaminhou. Os dois últimos parágrafos e o encerramento da correspondência foram escritos da seguinte forma:

There is my first reaction, a bit unorganized, but whose aim it is to express the great interest I have in your undertaking. It is obvious that among these solutions I would prefer to republish a text which is already written my book on political theory (la politique) and would like to finish before starting anything new.

I should have begun by telling you that I read your book “Marxism and Literature” with enormous interest and agree profoundly with you. (You have probably seen the extent of our agreement in my text on language. The fact is, I feel so isolated here that the extent of our agreement seems to me somewhat miraculous).

With warmest wishes,¹⁵²

Pierre Bourdieu [à caneta]

Sua predileção por republicar um texto já preparado nos anuncia o resultado dos projetos da correspondência: não foram efetivadas nenhuma das expectativas quanto aos pontos mencionados, pois na concretização do projeto, Pierre Bourdieu não consta na lista de participações e nem de contribuições, sem menções ao seu nome no índice remissivo.

Temos a possibilidade de articulação para considerar que a menção de leitura da recém-publicada obra de seu correspondente teve a polidez e atenção de seu autor quanto ao fato. Outra possibilidade que pode ser aventada é o significado da publicação de *Marxismo e Literatura*¹⁵³, que trouxe o sentido de Williams para com a estrutura do pensamento marxista. É importante salientar quanto ao posicionamento teórico dos autores, onde encontramos – de forma equivocada e posteriormente exemplificada no terceiro capítulo – a identificação de Pierre Bourdieu enquanto um intelectual marxista. Portanto, trazemos aqui a perspectiva de que a obra de Raymond Williams publicada em 1977 ocasionará um impacto ao correspondente francês em respeito à determinação e coragem do autor galês ao publicar a sua

¹⁵² Está é minha primeira impressão, um pouco desorganizada, mas cujo objetivo é de expressar o grande interesse que tenho em seu empreendimento. É óbvio que entre essas soluções eu preferiria republicar um texto que já está escrito em meu livro sobre teoria política (*la politique*) e gostaria de finalizar antes de começar qualquer coisa nova. | Eu deveria ter começado dizendo para você que li seu livro “*Marxism and Literature*” com enorme interesse e concordo profundamente com você. (Você provavelmente viu a extensão de nossa concordância em meu texto sobre linguagem. Fato é, eu me sinto tão isolado aqui que a extensão de nossa concordância me parece de alguma forma milagrosa). | Com meus calorosos cumprimentos (tradução minha).

¹⁵³ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Op. cit. 1979.

visão do marxismo em conjunto com a devida propriedade de desenvolvimento teórico presente na obra, e não uma tentativa de tracejar ou apontar possíveis momentos que possam vincular Pierre Bourdieu com a tradição marxista.

Antes de nos determos sobre a terceira carta, cabe destacar que o autor galês realiza uma publicação na *Actes de la Recherche*, mas não é um autor recorrente. Até onde conseguimos mapear através do acesso ao acervo da *Actes de la Recherche* realizado pela biblioteca digital (<https://www.persee.fr/>), Raymond Williams publica apenas na edição 17-18. A publicação não se realiza no tema proposto nas cartas, mas ainda assim, dentro de uma perspectiva primordial dentro da extensão de seus escritos. O texto em questão, já mencionado na nota 135, está intitulado *Plaisantes perspectives, Invention du Paysage et abolition du paysan*¹⁵⁴, e o volume no qual foi publicado é de novembro de 1977, poucos meses após a data da segunda correspondência conhecida e enviada por Bourdieu, que descreve a possibilidade de participação do francês no volume organizado por Williams. Tal texto, no original, faz parte do livro *O Campo e a Cidade*¹⁵⁵, publicado no vernáculo em 1973, sendo o texto o capítulo doze da obra.

C) Dedicatória em *La Distinction: critique sociale du jugement*.

O material localizado nos acervos britânicos trata-se da dedicatória de Pierre Bourdieu para Raymond Williams, em um volume de seu livro *La Distinction: Critique sociale du jugement*¹⁵⁶, presente nos acervos da biblioteca de Nottingham¹⁵⁷. O exórdio expõe, na verdade, a mesma “estrutura de sentimentos” que encontramos nas cartas, as afinidades teóricas e um anseio de estreitar laços acadêmicos e pessoais, de caráter afetivo. A dedicatória a seguir não leva nenhuma anotação extra ou marginalias e foi feita em um volume da obra mencionada de 1979, ano de publicação do livro, sendo redigida em inglês. Apesar de breve e ausente de outras anotações ao decorrer do volume, tal dedicatória revela algumas mudanças que ocorrem em outras esferas além da bem provável familiaridade que o tom do manuscrito indica ter sido construída. Estamos falando da interpretação da obra de Pierre Bourdieu na

¹⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. *Plaisantes perspectives*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 17-18, novembre 1977 pp. 29-36.

¹⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Op. cit. 2011.

¹⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Op. cit. 1979.

¹⁵⁷ É importante ressaltar que esse material também foi um achado de Alexandro Henrique Paixão, em uma outra pesquisa Fapesp realizada em novembro de 2015.

Inglaterra, ou de outra forma, das linhagens interpretativas envolvendo os autores¹⁵⁸. Segue a transcrição da dedicatória:

*For Raymond Williams, with warmist regards, to strengthen the French connection, Pierre Bourdieu.*¹⁵⁹

Com essa dedicatória extraímos sentidos externos à relação que prosperou entre as comunicações e amistosidade construída, podendo findar algumas de nossas questões iniciais. A relação acerca das linhas interpretativas de Pierre Bourdieu no campo acadêmico inglês e a centralidade de Raymond Williams para posicionar uma terceira interpretação do autor francês trata-se de torna-la presente com as pesquisas e ocupações do sociólogo francês contemporâneas a época do lançamento do texto em que foi encontrada a dedicatória. Temos através de relatos de Sergio Miceli¹⁶⁰ à respeito das aulas do curso de pós-graduação sob a orientação de Pierre Bourdieu que os autores objetos dessa pesquisa detinham relações próximas, no sentido de se encontrarem e ministrarem aulas em conjunto, bem como as proximidades intelectuais através de trechos das correspondências nas quais Pierre Bourdieu menciona as leituras de materiais de seu correspondente e identificação quanto ao posicionamento perante seu campo acadêmico conforme pontuado pelo correspondente no livro *Marxismo e Literatura*¹⁶¹. A dedicatória com saudações amistosas reforçam e contribuem para entender as conexões entre os autores que fazemos aqui, pois é um material empírico que comprova as trocas de textos mencionados nas correspondências.

Ao mencionar as linhagens interpretativas da obra de Pierre Bourdieu, nos detemos fundamentalmente no trabalho de Derek Robbins¹⁶² em seu artigo intitulado *Bourdieu in England, 1964-1977*¹⁶³. No artigo são investigadas as formas com que as obras do autor

¹⁵⁸ A respeito do termo *linhagens interpretativas* consultar referência do paper apresentado por Alexandro Henrique Paixão no 42º Encontro anual da Anpocs (2018) no GT23 – Pensamento social no Brasil, sob o título de Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams, disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicas-no-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymondwilliams/file>, consulta em setembro de 2019.

¹⁵⁹ Para Raymond Williams, com saudações calorosas, para fortalecer a conexão francesa, Pierre Bourdieu.

¹⁶⁰ Fala extraída da entrevista realizada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), datada de 10/02/2012: BARROS, Sérgio Miceli Pessoa de. Sérgio Miceli Pessoa de Barros (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 5min).

¹⁶¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Op. Cit. 1977.

¹⁶² Editor dos volumes: BOURDIEU I, II, III e IV. *Pierre Bourdieu*. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000. 4 vol.

¹⁶³ ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977*. Op. cit. 1989.

francês foram recepcionadas na sociologia inglesa. Através do prefácio da edição inglesa de *Homo academicus*¹⁶⁴ e das obras de Pierre Bourdieu anteriores ao ano de 1977, contextualiza a recepção contemporânea do que o autor intitula de “transnational transformation of his ‘meaning’ from French to English culture”¹⁶⁵. Na argumentação, o autor caracteriza três fases da recepção de Bourdieu e, como o título já nos apresenta, dentro do recorte temporal de 1964 até 1977. O espaço deixado para o tempo posterior ao recorte da pesquisa cabe a nós e ao nosso material preencher e responder.

O primeiro período da pesquisa de Robbins inicia-se na abertura dos anos 1960 e o nome de Bourdieu se torna conhecido pelos antropólogos ingleses. Seus trabalhos sobre a Argélia foram publicados juntamente com trabalhos sobre a tradição funcionalista da pesquisa antropológica. Escritos a respeito da pesquisa da educação na década de 1960 só foram traduzidos a partir de uma conferência da British Sociological Association em 1970, realizada em Durham. A segunda fase de sua recepção se dá no início dos anos 1970 quando alguns artigos são compilados em um periódico na área da sociologia da educação, que aparecem ao mesmo tempo da publicação do livro *New directions in the sociology of education*¹⁶⁶. A terceira fase abrange o período entre 1974 e 1977 em que aparecem tentativas para revisar e criar novas direções, enfatizando um caráter marxista a obra de Pierre Bourdieu, ou a tendência interacionista com o esforço de assimilar as implicações de pesquisas interpretativas em um paradigma funcionalista. Apenas após 1977, com a tradução de duas importantes obras, Bourdieu se consolida, deixando claro que detinha contribuições importantes para falar sobre o lugar da educação dentro da sociedade.

Portanto, com o artigo de Derek Robbins temos que: entre 1964 e 1977 o trabalho de Bourdieu foi monopolizado em um processo de absorção por antropólogos e por sociólogos da educação, sendo seguido com um comentário sobre a “miopia” da recepção inglesa do período. Com as traduções das obras iniciais e recentes de Bourdieu a época surgindo, entende que se tornaria claro o que não foi visto nos anos 1960 e 1970. A via de entrada do autor francês na antropologia inglesa é traçada através de duas coleções, sendo a primeira editada por Julian Pitt-Rivers¹⁶⁷ – discípulo de Evans-Pritchard – e a segunda tendo como foco central

¹⁶⁴ BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. *Op. cit.* 1980.

¹⁶⁵ “transformação transnacional de seu ‘significado’ da cultura francesa para a inglesa” (tradução minha). ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977*. *Op. cit.* 1989, p.345.

¹⁶⁶ Aqui há uma divergência entre o nome do livro de Michael Young citado por Derek Robbins. O nome da publicação de 1971 encontrada foi *Knowledge and Control: New Direction for Sociology of Education*. YOUNG, Michael. *Knowledge and Control: New Direction for Sociology of Education*. Michigan: Collier-Macmillan, 1971.

¹⁶⁷ Antropólogo britânico (1919 – 2001), autor de *The people of the Sierra*. New York: Criterion Books, 1954.

o mesmo Pitt-Rivers. Através de J.G Peristiany¹⁶⁸, organizador da segunda coleção mencionada, que trouxe a aproximação entre Pitt-Rivers e Bourdieu com a noção de honra descrita nos trabalhos de Bourdieu da Kabylia, através do papel funcional de honra observado por Pitt-Rivers em sua pesquisa na Andaluzia.

Em primeiro momento, os trabalhos sobre a Argélia ficaram sem tradução, com exceção da segunda edição da *Sociologie de L'Algérie*¹⁶⁹, publicada nos Estados Unidos em 1962 com o título de *The Algerians*¹⁷⁰ e seus escritos antropológicos foram recortados pela antropologia inglesa, para conceitualizar noções como tempo e honra, descontextualizando-as de seu trabalho. A apropriação pela sociologia da educação ocorreu em dois momentos distintos. A análise da aproximação com Bourdieu na segunda metade dos anos 1960 foi marcada negativamente, tendo *Les Héritiers: les étudiants et la culture*¹⁷¹ traduzido e publicado nos EUA apenas no ano de 1979. Bourdieu não foi associado aos estruturalistas franceses que chegaram com entusiasmo na Inglaterra no início dos anos 1970, e seu nome também não foi associado às manifestações do contexto inglês de Maio de 1968 e os seus desdobramentos.

O incentivo para a próxima apresentação de Bourdieu foi na conferência da British Sociological Association realizada na University of Durham entre 7-10 de abril de 1970, na temática da Sociologia da Educação. Michael F. D. Young apresenta no prefácio de sua obra *Knowledge and Control. New Directions for the Sociology of Education*¹⁷², em que Bourdieu foi entendido “[...] in a discussion between Pierre Bourdieu, Basil Bernstein and myself after the Durham Conference of the British Sociological Association, of April 1970.”¹⁷³ Portanto, o texto de Bourdieu foi apropriado para uma tentativa de redirecionar o foco da sociologia da educação: passar da atenção do currículo ao conhecimento educacional: “This was partly an attempt to redirect attention towards the place of the educational system within industrialized

¹⁶⁸ Antropólogo grego (1911 – 1987) editor de *Honour and Shame: The Values of Mediterranean Society*. London – UK. Weidenfeld and Nicolson, 1966.

¹⁶⁹ A obra teve sua primeira edição publicada em 1958, e a segunda em 1961. Bourdieu Pierre. *Sociologie de l'Algérie*. Paris, PUF, 1958.

¹⁷⁰ Versão norte-americana: BOURDIEU, Pierre. *The Algerians*. Boston. Beacon Press, 1962.

¹⁷¹ Referência do original: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les héritiers : les étudiants et la culture*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1964.

¹⁷² YOUNG, Michael. *Knowledge and Control: New Direction for Sociology of Education*. Op. cit. 1971.

¹⁷³ [...] em uma discussão entre Eu, Pierre Bourdieu e Basil Bernstein após a conferência de Durham da British Sociological Association, em abril de 1970. (tradução minha). YOUNG, Michael. *Knowledge and Control: New Directions in the Sociology of Education* 1971, p. vi APUD ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977*. Op. cit. 1989, p.350.

Society rather than as a system in its own right.”¹⁷⁴ Os textos de Bourdieu, portanto, foram vinculados a esse sentido durante o período.

Uma segunda interpretação de Bourdieu foi feita dentro da sociologia da educação. Dois de seus textos já publicados no Reino Unido foram associados a *Schooling and Capitalism*, uma revista de viés abertamente marxista. O primeiro texto associado corresponde ao *The school as a conservative force: scholastic and cultural inequalities*¹⁷⁵ que foi publicado em uma seção intitulada *The ideology of liberalism*¹⁷⁶ e o outro texto *Systems of Education and Systems of Thought*¹⁷⁷, sob a seção *Curriculum and cultural reproduction*¹⁷⁸. Tal coletânea demarca o fim do último período, marcado entre 1970 e 1977 no qual a sociologia da educação inglesa tenta apropriar-se de Pierre Bourdieu para seus propósitos. Temos como outro ponto também que há uma vertente de interpretação a partir de 1977 que demarca o fim da “sociologia da educação” inglesa, em favor de uma abordagem macrosociológica que define propriamente a sociologia – a sociologia da educação até então praticada se limitava a uma abordagem funcionalista, e buscava resolver problemas que encontravam no trabalho docente. O consenso é de que essa sociologia tenha entrado em colapso e, posteriormente, foi guiada por forças políticas e econômicas mais do que propriamente uma teoria científica¹⁷⁹.

Enquanto isso, 1977 se torna um ponto de virada para a apresentação dos trabalhos de Pierre Bourdieu. Nesse ano foram publicados no inglês *Outline of a Theory of Practice*¹⁸⁰ e *Reproduction in Education, Society and Culture*¹⁸¹, com datas de publicação originais de 1972 e 1970 respectivamente. Na conclusão de Robbins:

¹⁷⁴ Isso foi, em parte, uma tentativa de redirecionar a atenção em direção ao lugar do sistema educacional dentro da sociedade industrializada ao invés de como um sistema em seus próprios termos. (tradução minha). ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977. Op. cit.* 1989, p.356.

¹⁷⁵ Publicado originalmente: BOURDIEU, Pierre. *L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et l'aculture*. Revue française de sociologie, Paris, 7 (3), 1996, p.325-347. No Brasil: BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Organização de Maria Alice Nogueira, Afrânio Mendes Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

¹⁷⁶ A ideologia do liberalismo (tradução minha)

¹⁷⁷ Publicado originalmente: BOURDIEU, Pierre. *Système d'enseignement et système de pensée*. Revue internationale des sciences sociales, XIX, 3, 1967, pp. 367-388. Texto no Brasil: BOURDIEU, Pierre. *Sistemas de ensino e sistemas de pensamento*. In: MICELI, S. (Org.). *Pierre Bourdieu: a economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 203-230.

¹⁷⁸ Curriculum e reprodução cultural (tradução minha).

¹⁷⁹ ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977. Op. cit.* 1989.

¹⁸⁰ Publicado originalmente: BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz, 1972.

¹⁸¹ Publicado originalmente: BOURDIEU, Pierre et PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction : Éléments d'une théorie du système d'enseignement*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1970.

Taken together, these two books for the first time enabled the English reader to associate Bourdieu's anthropological and educational work and to relate both strands to wider cultural enquiries. The years since 1977 have witnessed the presentation of Bourdieu within a range of different fields.¹⁸²

Com a finalização da pesquisa de buscas não há evidentemente o final da influência do autor francês na sociologia e ciências sociais inglesas. Muito pelo contrário, algumas de suas obras capitais ainda estavam para serem publicadas e produzidas. Especificamente a próxima publicação do autor seria *La Distinction. Critique sociale du jugement*¹⁸³ que tem sua data de publicação no ano de 1979. Tal obra culminou em uma outra interpretação do autor, revigorada dos vícios passados e realizada fundamentalmente por Raymond Williams e Nicholas Garnham através do artigo escrito no mesmo ano da publicação do original em francês e publicado um ano depois, em 1980.

Partindo desses objetos empíricos, temos evidências documentais que reafirmam o contato entre ambos os autores, como, mais um exemplo, nas entrevistas de *A política e as letras*¹⁸⁴, Williams menciona Bourdieu em suas respostas, indicando a leitura dos escritos do autor francês sobre a desigualdade escolar na França. Sabemos que a menção nas entrevistas presentes em *A política e as letras*¹⁸⁵ pelo então comitê editorial da *New Left Review* ocorrem entre 1977 e 1978, datas onde há também trocas de correspondências entre Pierre Bourdieu e o autor galês.

Com as duas primeiras correspondências nos fornecendo materiais temporais acerca das relações entre os autores, podemos tomá-las como testemunhas das relações pessoais e editoriais entre os sujeitos, possibilitando concluirmos que o volume onde encontra-se esta dedicatória foi o livro no qual Williams se fundamentou para a escrita do artigo *Pierre Bourdieu and the sociology of Culture: An Introduction*¹⁸⁶, que compõem a segunda parte deste capítulo, pois não havendo acordos editoriais amplamente firmados entre as editoras que publicaram ambos os autores, a aquisição em primeira mão do livro *La Distinction*¹⁸⁷ por

¹⁸² Juntos, esses dois livros pela primeira vez permite ao leitor inglês a associar o trabalho antropológico e educacional de Bourdieu e relacionar ambos com investigações culturais mais amplas. Os anos desde 1977 testemunharam a apresentação de Bourdieu dentro de uma série de diferentes campos. (tradução minha). ROBBINS, Derek. *Bourdieu in England, 1964-1977. Op. cit.* 1989, p.362.

¹⁸³ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

¹⁸⁴ WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review.* Tradução André Glaser. *Op. cit.* 2013.

¹⁸⁵ WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review.* Tradução André Glaser. *Op. cit.* 2013.

¹⁸⁶ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction. Op. cit.* 1980.

¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

parte de Raymond Williams se dá exclusivamente pelas mãos do seu autor. Temos Bourdieu como um agente de si mesmo em sua reinterpretação na sociologia britânica.

D) *Terceira Carta*

A última carta presente nos acervos da Universidade de Swansea consiste em uma outra configuração, diferindo ao tom das outras correspondências. Trata-se de um convite para colaboração na criação de um suplemento literário, vinculado a revista literária italiana *L'Indice De libri del Mese*. O cabeçalho da carta difere das duas anteriores:

COLLÈGE

DE

FRANCE

Chaire de Sociologie

Paris, le 8 avril 1987

Tais registros indicam que, passados dez anos desde a última carta, Bourdieu estava ocupando um espaço social diferente, como podemos observar através de seu timbre do Collège de France, ocupando a cátedra da instituição a partir de 1981. Tal instituição representa, em termos intelectuais e políticos, uma nova posição dentro do campo intelectual e esfera política francesa. Destaca-se o fato de que apenas esta correspondência detém o registro em duas línguas: a apresentação de Bourdieu redigida em francês, enquanto a proposta que apontamos como motivo principal do envio da carta está em inglês. Esse projeto se baseia em grande parte na ideia da formulação de um suplemento literário dentro da revista que percorreria todo o continente, tomando formas nacionais e internacionais.

Seu correspondente, por outro lado, também ocupa uma posição de prestígio, em contextos nacionais e internacionais. Temos, como um exemplo, a ampla tradução de seus trabalhos, variando desde o dinamarquês¹⁸⁸ e o finlandês¹⁸⁹, além de versões dos livros *Long*

¹⁸⁸ Temos o registro do livro *Communications* de 1962 [sem tradução para o português] editado pela editora Remads Fokusbøger, em 1963 com o título *Massemedierne*.

¹⁸⁹ Sob o título *Marxismi, kulttuuri ja kirjallisuus* a tradução de *Marxism e Literature* [Marxismo e Literatura] de 1977 foi editado pela editora Vastapaino em 1988.

Revolution em 1983¹⁹⁰ e *Cultura e Sociedade* para o japonês em 1985¹⁹¹.

A interlocução realizada na carta é sucinta, com uma interpelação impessoal, que remete à uma correspondência sem um destinatário específico definido. Sua escrita está em francês, sendo o único texto francófono presente nas cartas encontradas:

Voici l'exposé d'un projet de supplément européen de la revue italienne Indice, qui pourrait être le point de départ d'une revue européenne en plusieurs langues.

*Amitié.*¹⁹²

Pierre Bourdieu (à caneta)

Iniciando a leitura da carta necessita-se distinguir o que ela detém de significativo em sua forma e conteúdo para que seja a única redigida em francês. Em um primeiro momento de leitura, dada as identificações do remetente da carta, é possível realizar uma leitura onde Pierre Bourdieu ascendeu na posição do campo intelectual francês. Mas determinar que tal fato por si só é evidência e fundamentação para pressupor a caracterização da carta é ser demasiadamente reducionista. Porém, os movimentos das disputas simbólicas estão em constante atuação: tais forças “determinam os que falam e os que escutam, sendo que o princípio de autoridade é reforçado no momento em que a comunicação se completa”¹⁹³. O idioma inglês cumpre uma função própria na comunicação dentro da ciência e em um contexto de relação internacional. Seu caráter não é mais de um elemento de imposição exterior, mas corresponde a um elemento internalizado a condição da modernidade¹⁹⁴

A escrita da carta passa a ser um dos elementos destacados, como já mencionado e tal acontecimento se deve à sua redação em francês. Talvez sendo uma prática no idioma com o consenso de seu correspondente, fato é que traz à tona seu caráter de diferenciação pela escrita. Podemos nos atentar que Bourdieu possui domínio sobre a proposta da revista, transmitindo certa administração sobre o que está sendo apresentado e com sua interlocução demonstra já possuir um interesse na revista, no sentido de que há direcionamentos para a elaboração de tal edição. Para tal item, nos interessa também pensar que posteriormente as

¹⁹⁰ Sob o título de *Nagai kakumei* editado em 1983 pela editora Minerva Publications

¹⁹¹ Sob o título de *Bunka to wa* editado em 1985 pela editora Shobun-sha.

¹⁹² Aqui está a apresentação de um projeto de suplemento europeu da revista italiana *Indice*, que poderia o ponto de partida de uma revista europeia em várias línguas. | Do amigo

¹⁹³ ORTIS, Renato. *As ciências sociais e o inglês*. RBCS Vol.19, nº25 fevereiro de 2004 p.11.

¹⁹⁴ ORTIS, Renato. *As ciências sociais e o inglês*. *Op. cit.* 2004 p. 10.

suas contribuições a revista italiana, surge a *Liber*¹⁹⁵ no ano de 1989, com propostas alinhadas e muito similares ao projeto do suplemento apresentado nesta carta.

Sobre a revista mencionada na carta cabe uma descrição, pois nas pesquisas prévias dos conteúdos disponibilizados no acervo online, não houve registros da participação de Raymond Williams no seu projeto editorial e nos textos enquanto redator, apenas de Pierre Bourdieu. O projeto da publicação buscava estabelecer edições de um suplemento literário dentro da revista *L'Indice* em diferentes nações. Serão transmitidas aqui as aspirações de tal suplemento, pois, mais tarde, Bourdieu elabora a revista *Liber*¹⁹⁶, editada no Brasil em colaboração com Sergio Miceli e que identificamos conter em seu formato as pretensões com as quais o suplemento literário da revista italiana se apresenta. Tal ideia apontava para uma construção de informações unificadas e compreensivas sobre a produção intelectual das diversas nações e disciplinas, partindo das humanidades às ciências exatas. Como característica que a difere dos periódicos americanos e britânicos, seria o fato desta trabalhar com literaturas de todas as nações europeias, tendo também intelectuais de diversas culturas.

O suplemento teria o intuito de reunir intelectuais europeus discutindo seus trabalhos de forma a serem contemplados por um público amplo e na apresentação que acompanha a carta de Bourdieu é enfatizada a pretensão de um projeto que compreenda uma concepção abrangente de unidade europeia. Cada edição seria composta por tiragens nacionais (na própria língua) e dividida em duas partes: uma específica para cada país e outra igual para todas as edições, com as críticas e análises de um mesmo livro e abordando questões de interesse geral da Europa. Como ponto de partida, a revista italiana *L'Indice* recém fundada em 1984 representava a forma de publicação pretendida. Também seria ela o veículo para testes preliminares na forma de suplemento, com planos para lançamento do suplemento em outubro de 1987. Instituições como The Maison des Sciences de l'Homme e o Collège de France possibilitariam custos iniciais de tradução, enquanto a revista e ajudas governamentais de cada país ficariam responsáveis pelas impressões.

Temos então com essa terceira carta o modelo de convite que Pierre Bourdieu e Gian Giacomo Migone¹⁹⁷ elaboraram para prospectar colaboradores e colaborações ao projeto editorial que apresentou seu resultado final a revista *Liber*, mas que transitou através de diversos veículos enquanto suplemento literário, marcadamente, no hoje internacional, *Le*

¹⁹⁵ BOURDIEU, Pierre e MICELI, Sergio (orgs.) *Liber 1. Op. cit.* 1997.

¹⁹⁶ BOURDIEU, Pierre e MICELI, Sergio (orgs.) *Liber 1. Op. cit.* 1997.

¹⁹⁷ Migone foi um dos responsáveis por fundar a revista *L'Indice* em 1984, sendo seu diretor e permaneceu no cargo de editor-chefe entre os anos de 1984 e 1990.

Monde e no *The Times Literacy Supplement*. A proposta, datada de 1987 para Raymond Williams, se concretiza em 1989, sendo anunciada à época internacionalmente como:

After two years of preparation, four prominent European publications plan to start a literary and cultural review this fall whose contents and design will be identical in its English, German, French and Italian editions. A participating editor described it as "an attempt at a multinational operation that deals in ideas rather than in fast food or consumer products."¹⁹⁸

Com essa informação acompanha os moldes com os quais o suplemento se concretizou: foi um empenho em conjunto dos quatro veículos de comunicação, que abrangiam assim os quatro idiomas mencionados. Seguindo a ordem dos “patrocinadores” – termo caracterizado no jornal da citação anterior – são eles: *The Times Literary Supplement of London*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Le Monde* e por fim *L’Indice*.

Internacionalmente são creditados a Gian Migone e a Pierre Bourdieu a ideia originária do suplemento: “Professors Migone and Bourdieu originated the idea for the review at literary conferences in France and Australia, and the other participants joined.”¹⁹⁹. O suplemento *Liber: A European book review*²⁰⁰ manteve sua publicação enquanto suplemento literário iniciando no mês de Outubro de 1989 até o ano de 1991, tendo como editor chefe da revista o sociólogo francês temático desta pesquisa. Em seu sexto número, a *Liber* torna-se um suplemento da *Actes de la recherche en sciences sociales*, também sob a tutela editorial de Pierre Bourdieu, mantendo-se ativa até o ano de 1995.

A relevância da proposta de uma revista com preocupações extranacionais nas correspondências entre os autores-sujeitos não pode ser mensurada, uma vez que não foram deixados vestígios nos acervos referentes a Raymond Williams consultados. Porém, temos ciência do falecimento de Raymond Williams no início do ano de 1988, nos dando pistas para entender a ausência do correspondente galês na revista. O cerne da revista apresentava concepções de nacionalidade e preocupações que cabiam aos textos editoriais nos jornais britânicos que seu correspondente manteve até a data de falecimento. Se entendermos as críticas à tradição seletiva de Williams de modo que podemos aproximar a noção de campo de

¹⁹⁸ Após dois anos de preparação, quatro proeminentes publicações europeias planejam iniciar uma publicação literária e cultural neste outono, do qual o conteúdo e projeto será idêntico nas edições inglesa, alemã, francesa e italiana. Um editor participante descreveu como uma “tentativa de uma operação multinacional que lida com ideias em vez de *fast food* ou produtos de consumo.”. (tradução minha) MCDOWELL, Edwin. *Literary Journal is Planned in 4 languages*. The New York Times, New York, June 6, 1989. Section C, Page 19

¹⁹⁹ Professor Migone e Bourdieu originaram a ideia para o periódico em conferências literárias na França e Austrália, e os outros participantes ingressaram. (tradução minha). MCDOWELL, Edwin. *Literary Journal is Planned in 4 languages*. *Op. cit.* 1989. Section C, Page 19.

²⁰⁰ No francês publicada sob o título de *Liber: Revue européenne des livres*.

Bourdieu, a terceira carta é particularmente singular: uma tentativa de projeto editorial que permeia a concepção de um fazer literário que não seja excludente e, para além da noção de união europeia, o sentido de entender e legitimar concepções e visões de mundo distintas desponta como para além de uma concepção literária, mas uma posição política ao se enxergar as políticas nacionais européias no panorama político dos anos 1980.

A época dos estudos sobre educação e legitimação dos conhecimentos que Bourdieu perpassa, temos a elaboração de que os detentores da legitimação do cânone literário fundamentam seu domínio dentro do campo cultural através da concepção dos padrões que configuram o cânone. Tal postura de compreensão do processo do cânone literário é familiar à Raymond Williams por um lado, quando localiza a gênese do estabelecimento do cânone literário em seus embates com F. R. Leavis, figura que personificava a crítica literária vigente e representava o ensino da tradição canônica, a qual também manteve laços acadêmicos, mas começou a se distanciar das concepções de Leavis e seu grupo que compunha a revista de crítica literária *Scrutiny*²⁰¹. A naturalização dos processos velados que selecionam a obra literária que Williams se dispõe à crítica são esforços resultantes da dominação simbólica dos grupos dominantes do campo identificada por Bourdieu. A apresentação da revista se encerra com um recado para os seus convidados: buscam sugestões de ideias e temas para o seu início, assim como disposição para colaborar com o projeto. Após o encerramento da apresentação do projeto editorial da revista, a resposta é sugerida para dois destinatários: Pierre Bourdieu (endereçada ao Collège de France) e para Gian Giacomo Migone endereçada à *L'Indice*). É importante destacar que Gian Giacomo Migone foi o primeiro editor da revista italiana, mantendo-se no cargo entre os anos 1984 e 1990. Toda a proposta do projeto do suplemento literário redigida em inglês está transcrita nos anexos, como item I.

A hipótese de interpretação levantada anteriormente na pesquisa a respeito da proposta da carta ser, no fim de suas transformações, o projeto editorial da *Liber* encontra respaldo em seu segundo momento de publicação dentro das pretensões da *Actes de la recherche*, onde havia intenções que o periódico se tornaria um meio para os intelectuais se engajarem, contemplando assim o sentido político nesse engajamento, tendo em vista a problemática estrutural na França²⁰² em que a revista francesa fundada por Bourdieu é concebida. A

²⁰¹ A respeito das relações entre Raymond Williams e Frank Raymond Leavis a pesquisa *O gosto literário como um problema sociológico: Raymond Williams em perspectiva* de Yasmin Camardelli (processo FAPESP 16/14835-5) é a principal referência brasileira sobre a temática.

²⁰² Temos a descrição por Michael Grenfell: “Bourdieu made the point that *Actes* appeared at a period which saw the first shocks of the energy crisis. The Journal set itself the mission of dealing with both finished texts and ‘work in progress’ on a range of topical issues events.” (Bourdieu apontou que a *Actes* apareceu em um período

orientação da revista se torna delimitar-se quanto a abordagem de seus conteúdos, no intuito de romper com a forma que o “intelectual universal” que constituía o meio intelectual francês não encontrasse um caminho em que suas credenciais universais o permitissem adentrar exclusivamente pelo valor simbólico *per si* atribuídas a tais credenciais. Brevemente com uma passagem da obra de Grenfell que se esquadriha uma biografia de Pierre Bourdieu, temos uma síntese honesta para com a intenção da quebra com o modelo de intelectual criticado, que será retomado na próxima etapa da pesquisa:

Drawing a distinction between the ‘intellectual of universality’ – of whom Sartre was the perfect example – Bourdieu argued that: ‘They [intellectual] are not the spokesmen of the universal, still less a “universal class”, but they find, for historical reasons, that often they have an *interest in the universal*’ [...] By intellectual, he intended not simply academic writers and philosophers, but a veritable “international” of artists and scientists able to offer recommendations and reflections on and to the political powers that be.²⁰³

Através da citação indireta, o projeto político de Bourdieu para dismantelar o discurso presente nos “intelectuais públicos” pode ser concretizado através de uma publicação que apresente espaço para posicionamentos sobre determinados temas de quem tem a competência e capacidade para desenvolver a problemática em questão.

Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An introduction.

Para compor o diálogo que resultará nas transferências culturais, é necessária – enquanto característica do diálogo – a interação dos dois participantes. Para isso, elencamos o material publicado na revista *Media, Culture & Society* uma vez que não dispomos de materiais empíricos redigidos por Raymond Williams presentes nos acervos consultados. O artigo *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*²⁰⁴ já mencionado no decorrer desta pesquisa compõe o último acervo do material reunido, sendo um texto composto por Raymond Williams e Nicholas Garnham e estabelece um diálogo intrínseco

que viu os primeiros impactos da crise energética. A revista definiu para ela a missão de lidar igualmente os textos finalizados e ‘em progresso’ em uma amplitude de eventos atuais pontuais). (tradução minha). GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur. Op. cit.* 2004, p. 146.

²⁰³ Desenhando uma distinção entre o ‘intelectual da universalidade’ – de quem Sartre foi o exemplo perfeito – Bourdieu argumenta que: ‘Eles [intelectuais] não são os porta-vozes do universal, menos ainda uma “classe universal”, mas eles acham, por razões históricas, que muitas vezes tem um *interesse no universal*’ [...] Por intelectuais, ele destinava não apenas escritores acadêmicos e filósofos, mas um verdadeiro “internacional” de artistas e cientistas capazes de oferecer recomendações e reflexões sobre e para os poderes políticos constituídos. (tradução minha). GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur. Op. cit.* 2004, p. 146.

²⁰⁴ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction. Op. cit.* 1980.

com a figura de Pierre Bourdieu, bem como com sua produção intelectual à época. Portanto o diálogo é construído com o texto redigido a quatro mãos, contando com comentários acerca de posicionamentos do sociólogo francês, assim como realizando uma síntese dos métodos e ferramentas teóricas elaboradas em produções passadas e contemporâneas ao texto. A leitura e consulta do texto em questão foram realizados através da compilação *Bourdieu*²⁰⁵, sendo publicado originalmente no periódico editado por Garnham *Media, Culture and Society* de 1980, chamando atenção a proximidade com a data de publicação da obra a ser discutida dentro do artigo, o livro *La Distinction. Critique sociale du jugement*²⁰⁶, originalmente publicada em 1979, mesmo ano da dedicatória de Pierre Bourdieu no volume presenteado a Raymond Williams.

O coautor do artigo, Nicholas Garnham, se torna um peça que liga Bourdieu à Williams através da perspectiva dos estudos de mídias. Em 1958 inicia seus estudos em Cambridge sobre a literatura inglesa, se tornando um indivíduo ativo e significativo em áreas distintas para a cultura britânica. Foi diretor e editor de filme no canal estatal BBC, iniciando sua carreira como professor acadêmico através da então Polytechnic of Central London (Universidade de Westminster a partir de 1992) para lecionar produção de cinema e teoria de cinema, fundando o Departamento de estudos de comunicação da instituição. Para além de sua biografia foi o fundador e editor-chefe do periódico *Journal Media, Culture and Society* em 1979. Suas produções mencionados por Raymond Williams consistem em análises econômicas sobre as organizações culturais modernas e como os meios de comunicação de massa possibilitam perceber o desenvolvimento da economia política da cultura.

Como não é possível reproduzir o texto para o trabalho, uma exposição seguida de comentários é pertinente, visto que temos posições e considerações no texto que retomaremos ao traçarmos os elementos que vinculam tais autores. Como foi descrito na trajetória da recepção de Pierre Bourdieu na Grã-Bretanha, a influência do autor francês no pensamento anglo-saxão parecia estar limitada à área da antropologia e a subárea da sociologia da educação. Segundo Garnham e Williams essas influências deviam à publicação de *Outlines of a theory of practice*²⁰⁷ e *The Reproduction*²⁰⁸. Houve uma inserção do pensamento bourdieusiano nos estudos de mídias britânicos, sendo ele pensado também através dos

²⁰⁵ Pierre Bourdieu VOL III. Coautoria de Derek Robbins. *Op. cit.* 2000.

²⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

²⁰⁷ Originalmente publicado: BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique précédé de Trois études d'ethnologie kabyle*, Genève, Droz, 1972.

²⁰⁸ Originalmente publicado: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction : Éléments d'une théorie du système d'enseignement. Op. cit.* 1970.

estudos culturais. Esses estudos apresentam dois estágios de desenvolvimentos, o primeiro vislumbrou o crescimento dos estudos de literatura do marxismo culturalista em oposição do subjetivismo da crítica literária de F.R. Leavis e aquela da sociologia de comunicação de massa e cultura popular empíricas que tem raízes na sociologia americana. Temos no pequeno comentário dos autores, sobretudo, o fato de que estão dialogando com a obra *La Distinction*²⁰⁹ de 1979, logo após a data de lançamento do livro, chegando a similaridades de uma resenha, escapando ao gênero por empreenderem um trabalho que compreende o autor francês para além da obra em questão.

Ainda sobre *La Distinction*²¹⁰, os autores britânicos apresentam o livro como uma forma de afrontamento a todas as teorias essencialistas da apropriação da cultura (gosto) e da produção cultural (criatividade) e a todas as noções absolutas de cultura universal e autonomia dos determinantes econômicos e políticos, criados pela *intelligentsia* para defender seus interesses materiais e simbólicos. Um outro ponto importante entre os trabalhos de Bourdieu e a tradição central do materialismo histórico é realizada na forma de crítica no sentido clássico, como feita por Marx. Portanto, não se pode apropriar de sua análise teórica e empírica do poder simbólico com subdisciplinas marginais como a sociologia da cultura e do conhecimento.

Bourdieu e sua teoria da prática se concentram nos modos de dominação, denominando de *poder simbólico*. Sua teoria é moldada em termos materialistas na interpretação dos autores, ligando uma análise propriamente econômica, ao modo de produção da vida material. A apresentação da centralidade do poder simbólico na teoria geral de Bourdieu é comparada com a teoria da fetichização e ideologia em Marx, pois é através do entendimento de *poder simbólico* que as condições para o seu potencial de análise do social está amparado. Para os autores, a visão de Bourdieu da sociologia se dá com a definição da “ciência das condições sociais determinantes das práticas humanas” e a sociologia do poder simbólico é a “ciência das condições sociais determinantes da prática intelectual”, condições essas que são sempre concretas e especificadas historicamente.

Para o pensamento intelectual francês, posicionam Pierre Bourdieu enquanto um contrassenso as figuras de Sartre e Levi-Strauss. Dentro do discurso teórico do autor, realizam a definição dos termos subjetivismo e objetivismo que estabelecem o campo intelectual francês. Sua sociologia desenvolveu críticas específicas a cada uma dessas escolas de

²⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

²¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

pensamento, que entende como momentos dialéticos no desenvolvimento de uma verdadeira teoria da prática científica, enquanto condições para se escapar do ciclo de reprodução inconsciente. Definem subjetivismo para o autor francês como:

Subjectivism, or as he calls it ‘the phenomenal form of knowledge’, by which he refers to such tendencies as social psychology, ethnomethodology as well as existentialism and phenomenology, focuses upon the individual actor and upon the experiential reality of social action. It is, according to Bourdieu, a characteristic tendency of sociology which studies its own Society and within therefore the observer is himself or herself also a participant.²¹¹

Enquanto o objetivismo que rege o campo intelectual é identificado como:

Objectivism on the other hand, by which in particular Bourdieu refers to all types of structuralism and functionalism, but especially to Lévi-Strauss and Althusser, goes beyond the immediate experience of the individual actor to identify the ‘social facts’, the observable regularities of social action, but in doing so has a tendency to fetishize the structures, making the agents mere performers of preordained scores or bearers of the structure. This Bourdieu sees as a tendency to which anthropologists are especially prone as observers of societies of which they are not a part.²¹²

No conflito entre as duas forças (subjetivismo e objetivismo) dentro do campo é fundada uma relação de antagonismos, proporcionando relativa correlação de forças dentro da disputa interna pelo controle do poder do campo intelectual. Na interpretação dos autores britânicos essas relações de forças dentro do escopo teórico de Bourdieu detém a seguinte configuração:

While Subjectivism cannot recognize the social determinants of human action, the Objectivists have a tendency to succumb to that blindness to which intellectuals are particularly prone, indeed it is the ideology specific to wielders of symbolic power, namely the failure to recognize the social conditions of their own practice

²¹¹ Subjetivismo, ou como ele denomina é ‘a forma fenomenológica do conhecimento, pela qual ele se refere a tais tendências como psicologia social, etnometodologia, assim como existencialismo e fenomenologia, focam no ator individual e na realidade experimental das ações sociais. Isto é, de acordo com Bourdieu, a tendência característica da sociologia que estuda sua própria sociedade e dentro, portanto, o observador é ele mesmo ou ela mesma também um participante. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000. P.203-204

²¹² Objetivismo por outro lado, pelo qual Bourdieu em particular refere-se a todos os tipos de estruturalismo e funcionalismo, mas especialmente a Lévi-Strauss e Althusser, vai além da experiência imediata do ator individual para identificar os ‘fatos sociais’, as regularidades observáveis da ação social, mas ao fazê-lo tem a tendência em fetichizar as estruturas, fazendo os agentes meros performers de *** ou portadores da estrutura. Esse Bourdieu enxerga como uma tendência ao qual antropólogos são especialmente propensos como observadores de sociedades nas quais eles não são parte. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture. *Op. cit.* 2000, p.204.

by failing to recognize the socially and historically specific conditions determining all human practice.²¹³

No discurso do autor francês está presente a sua teoria da prática, ou “ciência da economia das práticas humanas”, que coloca para si a tarefa de superar a oposição entre o subjetivismo e o objetivismo através da explicação da relação entre a observação das regularidades da ação social, da estrutura e da experiência da realidade independente de propósitos, dando sentido aos atores humanos. Além disso, sua teoria coloca que qualquer solução para esse problema sociológico necessariamente providencie uma explicação histórica, especificando as condições sociais com as quais as estruturas serão reproduzidas ou, inversamente, serão mais ou menos rápidas na transformação. Para isso, apontam para o *habitus* como o mecanismo regulador identificado por Bourdieu. A seguinte descrição para o conceito de *habitus* é feita por Garnham e Williams através de uma citação direta de Pierre Bourdieu, porém, sem referências:

The strategy-generating principle enabling agents to cope with unforeseen and ever-changing situations... a system of lasting, transposable, dispositions which, integrating past experiences, functions at every moment as a matrix of perceptions, appreciations and actions and makes possible the achievement of infinitely diversified tasks, thanks to the analogical transfer of schemes permitting the solution of similarly shaped problems²¹⁴

Para compor a lógica da prática de Pierre Bourdieu na interpretação dos autores, o *habitus* não deve ser entendido como uma série aleatória de disposições, mas enquanto uma série de disposições que operam de acordo com a coerência lógica relativa. Após a introdução sobre o *habitus* e sua lógica, descrevem que seu funcionamento ocorre através dos seus mecanismos de inculcação e atuação: na infância, nas instituições como a família e a escola, seus métodos de reprodução e a sua lógica inconsciente. Portanto, aventam que a definição de classe do autor francês é baseada no *habitus*.

Sendo assim, os autores concluem que sobre essa ótica, a prática individual é regulada

²¹³ Enquanto o Subjetivismo não pode reconhecer os determinantes sociais das ações humanas, os Objetivistas têm a tendência de sucumbir a essa cegueira na qual intelectuais são particularmente propensos, na verdade, é a ideologia específica dos detentores do poder simbólico, a saber a falha em reconhecer as condições sociais e historicamente específicas que determinam toda prática humana. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. p.204.

²¹⁴ O princípio gerador de estratégia possibilitando agentes a competir com o imprevisto e as situações em constante mudança... um sistema de disposições durável, transponível que, integrando experiências passadas, funciona a cada momento como a matriz das percepções, apreciações e ações e possibilita a conquista de tarefas infinitamente diversificada, graças aos esquemas de transferência analógica permitindo a solução de problemas de formas semelhantes. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. *Op. cit.* 1980. p.212-213.

pela lógica da prática, e sempre variante estrutural de um grupo e especialmente um componente da prática de classe. Porém, desde que o *habitus* regule a prática de acordo com a lógica probabilística, significa dizer que a prática em uma determinada situação é condicionada pelas expectativas do resultado de um percurso, baseando-se através do *habitus* e com experiência de resultados passados – enquanto a origem de classe está superdeterminando a estrutura do *habitus* – a prática também é determinada pela trajetória.

Para os britânicos, Bourdieu está se referindo às mobilidades da família ou de uma fração de classe ou ainda da classe em uma determinada hierarquia dentro de um espectro de classe, e citam o exemplo de Bourdieu sobre os efeitos das expectativas nas atitudes dos trabalhadores que envolvem a educação formal sendo a causa dessa expectativa sob a classe dos trabalhadores fundada no:

The point about these expectations is that like other aspects of the logic of practice they reflect not just random individual reactions to the social environment but on the contrary they are realistic assessments in terms of the habitus of the objective probabilities offered by a given state of the social field to an actor in a given class position.²¹⁵

Seguem mencionando que a análise de Bourdieu sobre as especificidades concretas das práticas culturais da França contemporânea (a França de 1980) é parte de sua teoria do poder simbólico mais abrangente, a validação empírica e ao mesmo tempo uma intervenção política na luta de classes simbólica. Ao pensar suas pesquisas de padrões de gostos²¹⁶, não está preocupado em revelá-los, mas sim pensar a lógica que explica as relações particulares entre uma variedade de práticas culturais e uma variedade de *habitus* de classe.

Enquanto um durkheimiano na concepção dos autores, Bourdieu observa os sistemas simbólicos como arbitrários, taxonomias indeterminadas, estruturas estruturantes no sentido de que não refletem ou representam a realidade, mas elas mesmas estruturam a realidade. Porém, fazem a ressalva de que Bourdieu crítica o idealismo da tradição de Durkheim por enfatizar que esses sistemas, embora arbitrários em si mesmos, não são arbitrários em suas

²¹⁵ O ponto sobre essas expectativas é de que outros aspectos da lógica da prática refletem não apenas reações individuais aleatórias para o ambiente social, mas, pelo contrário, são ASSESSMENTS realistas nos termos do *habitus* das probabilidades objetivas oferecidas por um determinado estado do campo social para um ator em uma determinada posição de classe. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. Op. cit. 1980. p.213.

GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robins, Op. cit. 2000, pp.205-206.

²¹⁶ Como exemplo de tais pesquisas o livro que tematiza o artigo ocupa-se em entender tais padrões de gostos: BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, SP: Porto Alegre, RS: Edusp: Zouk, 2006.

funções sociais de representar a estrutura de relações de classe, sendo sua própria arbitrariedade que as possibilitem realizar este feito, já que caso não fosse seu caráter arbitrário não poderiam ser objetos de luta de classe. Representam relações de classe e no mesmo movimento disfarçam essa representação porque sua lógica é a da “distinção”. Garnham e Williams atentam para o fato de que a palavra no inglês e no francês detém um duplo sentido: “In English as in French the double meaning of that word, both a categorical and a social term, precisely mirrors the function of symbolic power.”²¹⁷

Em seguida, exploram a relação da luta de classes para o sociólogo francês e escrevem que tal relação da luta de classes com a sociedade é caracterizada por um embate entre grupos e/ou classes com uma fração de classe para maximizar seus interesses e garantir a sua reprodução de poder. A formação social para tal autor é uma configuração de uma série de campos organizados hierarquicamente, em que dentro desses campos agentes humanos envolvem-se em lutas específicas para maximizar seu controle sobre os recursos sociais daquele campo e dentro do qual a posição do agente social é uma posição relativa, determinada através do entrelaçamento de forças específicas do campo em questão. Tais campos são hierarquicamente organizados em uma estrutura superdeterminada pelo campo da luta de classes, sobre a produção e distribuição de recursos materiais e cada campo subordinado reproduz dentro de sua própria lógica estrutural, a lógica do campo da luta de classes.

Os autores continuam com a assertiva de que Bourdieu também está trabalhando com um modelo de desenvolvimento histórico. Até mesmo em seus trabalhos de campo com os Kabyles na Argélia o modelo de produção e o modo de dominação não podem ser separados. Em sociedades com baixos recursos materiais, o poder simbólico tem funcionalidade direta na economia e a violência simbólica é o modelo por excelência para se exercer o poder, pois diferenças evidentes nos luxos não podem ser toleráveis em tais sociedades. Quando não há instituições que objetificam o poder, como a objetificação do poder através da escrita, as relações de poder devem ser reafirmadas constantemente dentro das relações humanas. Tal estado das relações nas sociedades é intitulado de *Doxa*, onde o sistema simbólico é comum a todos e dado como certo porque existem em um nível implícito como lógica da prática e não como um discurso explícito.

Como próximo passo do desenvolvimento histórico de Bourdieu, os autores identificam

²¹⁷ No inglês assim como no francês o duplo significado daquela palavra, ambos um termo categórico e social, reflete precisamente a função do poder simbólico. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robbins. *Op. cit.* 2000. P.207.

que os desenvolvimentos econômicos levam a um crescimento de autonomia da esfera econômica relacionada ao desenvolvimento das relações de troca e no mesmo movimento ocorre a quebra da servidão imposta pela Doxa, criando uma esfera simbólica de autonomia relativa que, tornando o sistema simbólico mais explícito, formam uma luta de classes dentro da esfera simbólica entre indivíduos ortodoxos e heterodoxos. Com isso, é criado – ao mesmo tempo – um grupo especializado de produtores de poder simbólico, com o interesse de assegurar o monopólio dos instrumentos objetificados da luta simbólica, especialmente a língua escrita, que os colocam contra a classe econômica dominante. Tal conflito é interpretado como: “what Bourdieu describes as ‘the hierarchization of the principles of hierarchization’.”²¹⁸

Na argumentação de Bourdieu, a criação do mercado econômico e do capitalismo competitivo levam a um exercício de poder material de classe, entretanto isso volta a oposições revolucionárias e reformistas, as quais a classe dominante é forçada para manter sua dominância e progressivamente voltar ao uso do poder simbólico como modo de dominação preferido. Para os autores britânicos, são nessas modalidades contemporâneas e com essas bases históricas no século XIX que Bourdieu está principalmente interessado.

Ao abordarem as práticas culturais, atentam para o envolvimento da apropriação ao invés de mero ato de consumo. Os autores realizam a analogia com o processo de digestão: o ato de ingerir é apenas a condição necessária para o processo de digestão que permite o organismo extrair os ingredientes necessários para a reprodução física e expelir o resto. O campo cultural serve como marcador e reforçador de relações de classe, por duas razões:

First because a field occupied by objects and practices with minimal use-value, indeed in the sub-field of art with a positive rejection of use value, is a field in which *par excellence* the struggle is governed by a pure logic of difference or distinction, a pure logic of positionality. Secondly because the specifically historical creation of art as a special category of social object and social practice defined by its difference from and distance from everyday material reality and indeed its superiority to it, together with its matching ideology, namely the post-Kantian aesthetics of ‘pure’ form and ‘disinterestedness’, are an expression of and objectively actually depend upon the relative distance from economic necessity provided by the bourgeois possession of economic capital.²¹⁹

²¹⁸ O que Bourdieu descreve como ‘a hierarquização dos princípios de hierarquização’. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robbins. *Op. cit.* 2000. P.208

²¹⁹ Primeiro porque um campo ocupado por objetos e práticas com valor-de-uso mínimo, de fato no subcampo da arte com rejeições positivas do valor de uso, é um campo em que *por excelência* a luta é governada pela lógica pura da diferença ou distinção, a pura lógica da posicionalidade. Em segundo porque a criação especificamente histórica da arte como uma categoria especial de objeto social e prática social definida por sua diferença e distância do cotidiano da realidade material e, certamente sua superioridade em relação a ela, juntamente com

Continuam a exposição sobre a cultura adentrando a lógica do campo cultural, que opera de forma a criar, reproduzir e legitimar um conjunto de relações de classe estruturadas em volta de duas divisões: aquelas entre classes dominante e dominados e dentro da classe, as frações dominantes. Para os autores, Bourdieu vê claramente seu trabalho como parte de um esforço essencialmente político de legitimar a estética implícita contra o que Bourdieu nominou de “racismo de classe”, sendo “which dismisses working class taste as beyond redemption by culture and against a naive populism that tries to assimilate that taste to the norms of legitimate culture, seeing miners banners as works of art.”²²⁰. Williams e Garnham apontam como algo severo a desconstrução realizada pela esquerda, em que as práticas e teorias de Bourdieu indicam como as últimas e mais efetivas das ideologias daqueles que monopolizam o capital cultural, a fração dominada dentro da classe dominante, ideologias que sempre servem para reforçar “through misrecognition the dominance of the dominant class.”²²¹.

Esse esforço de Bourdieu é compreendido através de um desenvolvimento histórico, do qual a classe dominante estava dividida em dois grupos especializados. Os dominantes dentro dessa classe se preocupam com a reprodução material dentro da esfera de reprodução, e os dominados com a preocupação de legitimação da reprodução material através do exercício do poder simbólico. O novo participante dessa classe dominante, as novas gerações herdeiras de potenciais produtores do poder simbólico, já se configuram enquanto uma classe com potencial determinado fortemente que enfrenta um campo em que as posições dominantes já estão ocupadas. Mesmo no campo do poder simbólico a sua hierarquia de dominação é determinada pelo mercado econômico, fazendo com que os bens simbólicos produzidos possam ser formas diferentes para a fração dominante realizar a transferência de capital cultural para capital econômico. Para tanto, os autores retomam que o entendimento de Bourdieu sobre o campo intelectual francês perpassa esse conflito, através do texto *The*

sua ideologia correspondente, a saber, a estética pós-kantiana de 'pura' forma e 'desinteresse' são uma expressão e dependem objetivamente da distância relativa da necessidade econômica proporcionada pela posse burguesa do capital econômico. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robbins. *Op. cit.* 2000. P.210

²²⁰ que dispensa o gosto da classe trabalhadora como além da redenção pela cultura e contra um populismo simples que tenta assimilar aquele gosto às normas da cultura legitimada, vendo os cartazes dos mineradores como obras de arte. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robbins. *Op. cit.* 2000. P.212.

²²¹ através do não reconhecimento do domínio da classe dominante. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robbins. *Op. cit.* 2000, p.212.

*specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason*²²²:

Bourdieu argues on the basis of detailed studies of the class origins, cultural practices and associated ideologies (i.e. critical theories) of French intellectuals in the nineteenth and twentieth centuries and of the corresponding consumption patterns among the dominant class as a whole that the struggle between the fractions takes the form of a struggle between intellectuals for dominance within their specific subfield i.e. painting, literature, social science, the academic world etc. and for the dominance of their subfield within the intellectual field as a whole. It is this constant struggle that explains sociologically and historically that process of constant renewal, or at least change, that the Russian Formalists identified as the dynamic principle of art itself. The notion of ‘making new’.²²³

Os trabalhos de Bourdieu suscitam algumas ponderações entre os autores. A primeira e mais óbvia para eles, da necessidade – com relação a teoria – de estudos comparativos para analisar as similaridades e diferenças inscritas em diferentes histórias das estratégias de dominação e resistência empregada pelas classes dominantes e dominadas e entre as frações de classe dominante na Britânia em oposição a França. Os trabalhos realizados por Francis Mulhern em *The moment of Scrutiny*²²⁴ é evidenciado como exemplo de caso pelos britânicos. Outro problema de pesquisa levantado por Murdoch e Golding, Garnham e Miege et al²²⁵ é o efeito sobre as operações do poder simbólico da crescente intervenção do capital econômico diretamente no campo da produção dos bens simbólicos através do que os autores denominam de indústria cultural em conjunto das formas que isso pode afetar o campo de forças na luta entre as frações da classe dominante, na situação em que os interesses econômicos da fração dominante ameaçam diretamente os interesses culturais da fração dominada.

A respeito sobre a abordagem política que Pierre Bourdieu confere aos seus escritos, os autores citam Paul DiMaggio²²⁶ e sua descrição da posição de Bourdieu enquanto um “Durkheimian anthropologist rather than a Marxist revolutionary and the French Marxists,

²²² PIERRE, Bourdieu. *The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason*. Social Science Information XIV December 1975 p.19-47.

²²³ Bourdieu argumenta embasado em estudos detalhados das origens de classe, práticas culturais e ideologias associadas (i.e teorias críticas) dos intelectuais franceses do século dezanove e vinte e dos correspondentes padrões de consumo entre a classe dominante como um todo que a luta entre as frações toma a forma de uma luta entre intelectuais pela dominância dentro de seus subcampos específicos i.e pintura, literatura, ciências sociais, o mundo acadêmico etc. e para a dominação de seu subcampo dentro dos campos intelectuais como um todo. É essa constante luta que explica sociologicamente e historicamente aquele processo de constante renovação, ou ao menos mudança, que os formalistas russos identificaram como o princípio dinâmico próprio da arte. A noção de ‘fazendo o novo’. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.213.

²²⁴ MULHERN, Francis. *The moment of Scrutiny*. NLB, 1979.

²²⁵ Não constam referências do nome e ano da publicação no artigo de Garnham e Williams.

²²⁶ Paul DiMaggio obteve seu doutoramento no ano desta publicação, 1979. Foi professor das universidades de Yale, Princeton e Nova York.

who are so often the target of his attacks, have in return accused him of a relativistic pessimism.”²²⁷. Os autores se posicionam quanto a alcunha atribuída ao sociólogo francês, que se o fato de se assumir as possibilidades de uma grande e imediata transformação da formação social no capitalismo avançado for uma posição pessimista, então, “Bourdieu is, rightly in our view, pessimistic.”²²⁸. Entretanto entendem que ele está comprometido com uma teoria de luta de classe materialista e da posição da luta simbólica dentro da luta de classes e especificamente na obra *La Distinction*²²⁹ demonstra um atributo raro nos intelectuais de esquerda, em que no livro recém publicado apresenta uma “positive and unpatronizing valuation of the cultural values and aspirations of the working class which at the same time never lapses into naïve populism or workerism”.²³⁰

Por fim, entendem que mesmo o foco de sua teoria sendo os problemas relacionados ao poder simbólico, permite a análise concreta das contradições entre as condições sociais objetivas do modo de produção e a consciência e práticas das classes, e na concepção dos autores tal contradição possibilita uma mobilização e ação revolucionária. Os autores apresentam também que há um resíduo funcionalista/determinista no conceito da reprodução, que o leva a não destacar possibilidades de mudanças e inovações reais que suas pesquisas empíricas colocam como necessárias. Realizam uma diferenciação entre os processos de revolução e reformação. O processo de reformação apresenta a situação em que a classe dominante tem seu poder enfraquecido e em decorrência dessa conjuntura oferece oportunidades para inovação da estrutura social, enquanto revolução, no sentido clássico, é um processo de importância histórica substancial e objetivamente revolucionário, de longo ritmo histórico.

Aos autores, parece que Bourdieu aponta apenas para um potencial reformista nas análises das contradições advindas das relações de classes, especificamente no campo da educação e emprego da França. Nesse ponto, o autor francês argumenta que “the dominant class, as part of the wider historical movement towards the use of symbolic power as the

²²⁷ Antropólogo durkheimiano ao invés de um revolucionário marxista e os marxistas franceses, que são frequentemente alvo de seus ataques, tem o acusado em retorno como de um pessimismo relativista. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.215.

²²⁸ Bourdieu é, certamente em nossa visão, pessimista. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.216.

²²⁹ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

²³⁰ avaliação positiva e não condescendente dos valores culturais e aspirações da classe trabalhadora a qual ao mesmo tempo nunca cai em um populismo ingênuo ou do trabalho. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.216

preferred mode of domination, has increasingly shifted from economic to cultural capital as its preferred mode of accumulation”.²³¹ Como resultado de uma democratização do ensino, advinda das concessões reformistas, as expectativas da educação para a classe trabalhadora foram aumentadas, devido também à ligação necessária entre a escola e a expectativa do mercado de trabalho com o emprego associado com esse nível educacional alcançado. É com tal mecanismo que a classe dominante foi forçada a desvalorizar as qualificações educacionais, enquanto ao mesmo tempo realizam desenvolvimentos objetivos no campo da produção material, produzindo a desqualificação de setores do trabalho mental tradicional. E, como forma de finalização do argumento, fazem a ressalva: “What is not clear is the extent to which Bourdieu himself would draw these conclusions from his own concrete analysis.”²³²

Como último elemento do artigo, os autores destacam um problema epistemológico na prática intelectual de Bourdieu. Se referem às condições sociais das práticas do autor francês, que no fundo retomam o problema já apresentado, sobre as questões relacionadas às mudanças sociais advindas com o reformismo. Dito isso, há o questionamento de que se Bourdieu é um intervencionista político progressista, como ele se posiciona e como os autores também acreditam, a estrutura do campo simbólico – como coloca sua própria formulação – condena a intervenção para uma melhoria no quadro social ou, do outro lado, existem condições nas quais a lógica própria do campo simbólico possa produzir contradições no nível simbólico de tal modo que elas não tendem mais a reproduzir a disposição existentes das relações de classe.

Finalizando a discussão do artigo de Garnham e Williams fazemos assim uma síntese do seu conteúdo em um primeiro momento, mas também, ao enfatizarmos as ponderações que os autores britânicos fazem a respeito da fortuna crítica de Pierre Bourdieu são descobertas algumas concepções que o destinatário das correspondências elaborou ao longo das cartas e principalmente a respeito do livro enviado a ele em primeira mão. É, assim, que apontamos Williams como um dos primeiros autores a recepcionar a obra de Pierre Bourdieu não enquanto um intelectual marxista, ligado somente aos estudos da sociologia da educação, mas enquanto um sociólogo da cultura. Tal posicionamento é estendido em algumas outras obras

²³¹ a classe dominante, como parte de um movimento histórico mais amplo em direção ao uso do poder simbólico como o modelo preferido de dominação, tem cada vez mais deslocado do capital econômico para ao capital cultural como seu modo de acumulação preferido. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.216.

²³² O que não está claro é a extensão na qual o próprio Bourdieu desenharia essas conclusões de sua própria análise concreta. (tradução minha). GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction. In: Bourdieu Volume III. DEREK, Robins. *Op. cit.* 2000. P.217.

que estarão presentes nas discussões do capítulo III, mas o cerne das ponderações da obra teórica do autor foram condensadas em um único artigo que ao mesmo tempo traz uma espécie de defesa de Bourdieu perante o seus interlocutores britânicos conjuntamente com críticas assertivas aos posicionamentos sob determinados elementos da sociedade, como exemplificado a respeito de seu entendimento sobre os mecanismos reprodutores da reprodução do poder simbólico.

No artigo escrito a quatro mãos já no ano de 1979 há a defesa de que o sociólogo francês reivindica quanto a sua desvinculação com determinadas tradições teóricas, tanto no contexto do campo intelectual francês – se desvincilhando da categoria de estruturalista – quanto em âmbito internacional, realizando contatos com intelectuais reconhecidamente marxistas, como Raymond Williams e E. P. Thompson. Garnham e Williams ressaltam a defesa de Pierre Bourdieu em não se vincular a tradição marxista, enfatizando na breve introdução do autor os contornos durkheimianos que seu pensamento intelectual apresenta. Contudo, fazem a distinção da produção do trabalho de Bourdieu não se assentar em bases funcionalistas como é atribuído a Durkheim. A perpetuação da categorização de Pierre Bourdieu como um nome alinhado ao marxismo ocorre, como exemplo, no documentário de Pierre Bourdieu: *La sociologie est un sport de combat*²³³ em que ele rebate as sucessivas atribuições reducionistas direcionadas a sua figura e obra, dizendo que não é durkheimiano e não é marxista, mas um pesquisador que se apropria dos clássicos a sua maneira para desenvolver seu trabalho sociológico. Raymond Williams e Nicholas Garnham identificam em Bourdieu aproximações com o estruturalismo no modo que sua lógica própria assim o faz, mas desvinculando-o tanto da figura de Levi-Strauss quanto a de Althusser.

²³³ *La sociologie est un sport de combat*. Pierre Carles. Annie Gonzalez and Veronique Fregosi. França: C-P Productions et VF Films, 2001 (146min).

CAPÍTULO III

Transferências Culturais

Para falarmos sobre transferências culturais, temos que identificar os sujeitos participantes destas transferências dentro de seus campos intelectuais. Com isso temos o intuito de compreender as reverberações de tais processos dentro de seu contexto intelectual, ou seja, entender quais os impactos que o fenômeno gerou para a estrutura de poderes dentro do campo intelectual que cada autor estava inserido. Dizemos com isso que entendemos a existência de Pierre Bourdieu através de sua formação em filosofia e transição nas esferas da antropologia e sociologia francesas, assim como Raymond Williams em sua formação em língua inglesa, professor de artes dramáticas, passagem pela crítica literária e colunista de jornais britânicos, mas aqui, devido ao recorte temporal que permeia as correspondências e trocas intelectuais dos sujeitos da pesquisa, olharemos para a obra de Bourdieu com as lentes da sociologia da cultura e seguiremos com tais lentes ao nos depararmos com as obras de Williams. Portanto, esse não é um esforço para apagar aspectos da vasta obra que cada autor elaborou em vida, muito menos de desvalorizar o legado que suas obras deixaram nas áreas não mencionadas que ambos os autores contribuíram, mas efetuar um recorte delimitando o período temporal que circunscrevemos os autores inseridos em seus campos.

O esforço para reconhecer as estruturas de análise da cultura desenvolvidas pelos autores não é tencionado para esse trabalho, porém entendemos que os autores desenvolvem elementos capazes de interpretar o “imaginário social” que os envolveram: o círculo de intelectuais, para usar as palavras de Heloísa Pontes, que compôs o campo intelectual de cada sujeito. Será através desta ótica que poderemos enxergar as transferências culturais em curso. Nesse sentido, localizamos as transferências culturais envolvendo Pierre Bourdieu e Raymond Williams em dois contextos: primeiro, por meio dos textos do autor galês; segundo, por meio do contexto institucional em que o autor francês está inserido.

Campo Intelectual: pontuações na sociologia britânica e na sociologia francesa.

A percepção sobre a categoria do intelectual define por si só um vasto objeto de estudo dentro da história cultural e no estudo dos intelectuais. Será trabalhado neste capítulo com as

definições apresentadas por Wolf Lepenies²³⁴ e Sofia Miguens²³⁵ a respeito da história das ciências sociais e da categoria do intelectual, respectivamente na Grã-Bretanha e França como medidas para situar os autores em seus contextos históricos e sociais, os quais influenciaram profundamente e deixaram suas marcas.

O intuito de considerar os autores temáticos da pesquisa como sujeitos-objetos históricos não remonta trabalharmos em termos de tradições intelectuais, mas sim como indivíduos posicionados dentro de contextos político-estruturais definidos à medida que os registros nos colocam. Portanto, Pierre Bourdieu será entendido com relação a outros intelectuais que compunham a sua contemporaneidade, como Jacques Derrida, Jean-Claude Passeron, Louis Althusser e em alguma medida Claude Lévi-Strauss. Para pensarmos o contexto da intelectualidade britânica em que Raymond Williams se insere, foi planejado entendê-lo dentro do contexto do marxismo ligado a literatura – e aqui temos como principal epicentro seus debates com Edward P. Thompson, Richard Hoggart e Stuart Hall, com os quais iremos compor o núcleo da *New Left Review* ao longo da trajetória de Raymond Williams. Não podemos nos furtar de mencionar também o acadêmico e crítico literário F.R. Leavis que, em conjunto de sua revista de crítica literária *Scrutiny*, influenciou profundamente Williams. Temos como principais referenciais os textos publicados na coletânea *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*²³⁶, ensaios em sua homenagem e biografias póstumas.

Ao se discutir um campo, como o campo intelectual, é necessário estabelecer que não estamos olhando para tal campo com aspectos macroscópicos. A discussão proposta quanto a cada campo intelectual reside sobre o que se configura enquanto a sociologia da cultura no contexto de Raymond Williams e no de Pierre Bourdieu. Para falar sobre a constituição da sociologia da cultura, Williams remonta a tradição teórica da qual o significado da palavra cultura tem origem. No artigo *Developments in the Sociology of Culture*²³⁷, bem como em *Cultura*²³⁸, a construção desse significado que posteriormente a teoria de Weber constrói, tem raízes em Vico, Herder e Dilthey. Dentro dessa sociologia derivada do estudo da cultura, Williams identifica que se concentravam em três áreas: 1) o estudo das instituições sociais e

²³⁴ LEPENIES, Wolf. *As tres culturas*. São Paulo, SP: Edusp, 1996.

²³⁵ MIGUENS, Sofia. *A razão, a Europa e os intelectuais (sobre B. Monteiro – V. B. Pereira, org., Intelectuais Europeus no século XX – exercícios de objectivação sócio-histórica)*. Filosofia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 161-169.

²³⁶ WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Op. cit. 2015.

²³⁷ WILLIAMS, Raymond. *Developments in the Sociology of Culture*. Op. cit. 1976, pp. 497–506.

²³⁸ WILLIAMS, Raymond. *Com vistas a uma sociologia da cultura*. In: *Cultura*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.

econômicas de cultura em conjunto com os seus resultados; 2) o conteúdo dessas instituições sociais e econômicas; e 3) os efeitos decorrentes de seu desenrolar. Afora essas três áreas majoritárias, se encontravam, ainda de forma marginalizada, os estudos de novas instituições, e conseqüentemente, de novos produtos, como o rádio e o cinema.

Com o tempo e presença cada vez mais abrangente das novas instituições, Williams aponta que são poucos os trabalhos, à época de preparação e redação do livro que não estudam o rádio ou a imprensa, como seu trabalho em *The Long Revolution*²³⁹, um estudo com procedimentos históricos e sociológicos, oriundos de um trabalho empírico com instituições culturais que não estão mais sobre a crista do tempo. Pontua estudos norte-americanos que refletiram na sociologia britânica formando o que Williams nomeia como a “sociologia ortodoxa da cultura”²⁴⁰ com conceitos acrílicos de sociedade, se referindo a uma sociedade de mercado. Nesse contexto, no livro *Cultura*²⁴¹ apresenta seu livro *Television*²⁴² como um modelo de crítica ao conceito e entendimento dessa sociologia que se utilizava do termo “sociedade de massa”, confundindo elementos como a impessoalidade de transmissão e o anonimato da recepção com aquilo que está se buscando compreender.

Uma observação pertinente dentro da análise de Williams se organiza sob a ausência de seu livro *Communications*²⁴³ ao apresentar os exemplos dos estudos dos meios de comunicação. Tal observação segue ainda ao não apresentar seu debate construído em torno da leitura, público leitor e educação, pontos chaves para entender a relação entre tais instituições, como cinema, rádio e imprensa, com a educação, que constitui parcela significativa do debate presente em *The Long Revolution*²⁴⁴. A pesquisa *Para uma análise e tradução do livro Communications de Raymond Williams*²⁴⁵ além de traduzir para o vernáculo um livro de publicação inédito no Brasil, traz a vinculação das formulações sobre a educação e o desenvolvimento de um olhar crítico sob o conceito de cultura que se constituem nas bases para uma análise sociológica da cultura, e estão ausente nas ponderações de Williams a respeito de um panorama de sua obra de análise sob as instituições culturais como os meios de comunicação compostas em *Cultura*²⁴⁶.

²³⁹ WILLIAMS, Raymond. *The long revolution. Op. cit.* 1984.

²⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992 p.17.

²⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992.

²⁴² WILLIAMS, Raymond. *Television Technology and cultural form. Op. cit.* 1971.

²⁴³ WILLIAMS, Raymond. *Communications.* Harmondsworth, London: Penguin Books, 1962.

²⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. *The long revolution. Op. cit.* 1984.

²⁴⁵ Pesquisa de mestrado em andamento de Yasmim Camardelli (Processo FAPESP nº 2020/04285-3).

²⁴⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992.

Partindo do contexto britânico temos o conturbado e relativamente recente percurso da sociologia institucionalmente estabelecida. Para não alongarmos sobre as hipóteses advindas do trajeto da ciência no país, elencamos uma interpretação de Lepenies a respeito dos percalços dentro do campo intelectual no continente britânico, que atravessa intensas disputas com a literatura para institucionalizar-se:

Confronto entre a fria razão e a cultura dos sentimentos, que caracteriza a concorrência entre as ciências sociais e a literatura, não permanece limitado ao âmbito das publicações científicas e literárias: ele marca também as biografias públicas e pessoais dos escritores e intelectuais dos quais tratamos aqui. A isso se vincula o fato de que nesse embate, que a meu ver representa uma espécie de “história secreta” das modernas ciências sociais, as mulheres desempenham um papel muito importante: Clotilde de Vaux, Harriet Taylor, Beatrice Webb.²⁴⁷

Com os trabalhos do autor acima citado, temos que a sociologia na Inglaterra se torna imbuída de elementos literários durante suas primeiras manifestações e será apenas com o advento da London School of Economics (LSE) em 1895, através dos esforços de Beatrice Webb e Sidney Webb, que se dará início a cátedra institucionalizada de sociologia. Data também do mesmo período e ambiente intelectual a fundação da Sociological Society em 1903. Contudo, a despeito dos empenhos mencionados, a única cátedra consolidada nos contextos acadêmicos e universitários permaneceu sendo a de Martin White, na própria LSE, enquanto a Sociological Society entra em declínio em 1907, ressurgindo apenas na década de 1950.

Com a chegada de Karl Mannheim na década de 1930 à LSE, Peter Burke nos aponta que o autor húngaro encontrou dificuldades de levar a sociologia para a Grã-Bretanha por questões de resistências culturais, diferentemente de Friederich Antal, juntamente com seus discípulos Francis Klingender, autor *de Art and the Industrial Revolution*²⁴⁸, Anthony Blunt e John Berger que fazem da arte e seu contexto social como principal instrumento e objeto de análise. Mannheim adentrou alguns círculos intelectuais preparados para receber suas ideias: um grupo de marxista entre as décadas de 1930 – 1940, como mostra Burke em *O que é história cultural?*²⁴⁹. A recente institucionalização da sociologia inglesa surge apenas após a segunda guerra mundial, e seu desenvolvimento acontece vinculado aos autores do núcleo da *New Left Review*:

Em comparação com a formação de escolas de sociologia americanas, francesas e alemãs, a sociologia inglesa permanecia ainda peculiarmente insípida e com pouca

²⁴⁷ LEPENIES, Wolf. *As três Culturas. Op. cit.* 1996, p. 26.

²⁴⁸ KLINGENDER, Francis. *Art and the Industrial Revolution*. London: N. Carrington, 1947.

²⁴⁹ BURKE, Peter. *O que é história cultural? Op. cit.* 2008.

identidade. As disciplinas que se formaram na Inglaterra nos anos do pós-guerra e que influenciaram fundamentalmente as polêmicas intelectuais, tanto no próprio país como no exterior, eram os chamados “cultural studies” [estudos culturais] representados por nomes como Richard Hoggart e Raymond Williams. A rápida caracterização do que constitui a especificidade dos “english studies” [estudos ingleses] fornece um esboço da história intelectual inglesa desde Matthew Arnold: ela é uma mistura de sociologia e crítica literária.²⁵⁰

Raymond Williams em *Cultura*²⁵¹ apresenta diferenciação do conteúdo que essa sociologia desenvolve de áreas como literatura e história das artes pelos seus pressupostos metodológicos, sendo um exemplo para a argumentação seu livro *Communications*²⁵² em que debate o conteúdo das variadas formas de comunicação. Reconhece também estudos alternativos dentro da sociologia da cultura, uma “tradição alternativa”: estudos de condições sociais da arte, o material social nas obras de arte e relações sociais dentro de tais obras.

A sociologia da cultura praticada até então se ocupava dos processos produtivos da produção cultural. Tais processos concretos produzem a cultura e ideologia, porém recaem apenas no estudo da ideologia ou da cultura e seus produtos, que significam o mesmo que recair sob uma filosofia idealista da cultura ou recair em descrições redundantes de que toda produção cultural é ideologia²⁵³ para Williams. Assim, define que a sociologia da cultura estuda

as práticas sociais e as relações culturais que produzem não só “uma cultura” ou “uma ideologia” mas, coisa muito mais significativa, aqueles modos de ser e aquelas obras dinâmicas e concretas em cujo interior não há apenas continuidades e determinações constantes, mas também tensões, conflitos, resoluções, inovações e mudanças reais.²⁵⁴

Preocupa-se com formas artísticas, podendo haver uma sobreposição com análise crítica e estudos de sistemas de sinais (semiótica). Tal estudo das formas culturais, observando o social e o sistemas de sinais, agregam a sociologia da cultura trazendo dimensões sociais ampliadas. Por fim, compete a sociologia da cultura especialmente a preocupação com os processos de reprodução cultural e social, atentando-se aos problemas gerais e específicos da organização cultural, no aspecto de sistemas de significações dos tipos de formação social, como a designação de “intelectuais”. É nesse processo que interpelações com análises econômicas

²⁵⁰ LEPENIES, Wolf. *As três Culturas. Op. cit.* 1996, p. 195.

²⁵¹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992.

²⁵² WILLIAMS, Raymond. *Communications. Op. cit.* 1962.

²⁵³ Ideologia tem aqui o sentido de produções culturais coletivas e por conta disso não podem ser generalizadas sob um “espírito formador”, não servindo como termo categorizador para tais práticas culturais.

²⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992 p.29

sobre as organizações culturais modernas, como os meios de comunicação de massa, possibilitam perceber o desenvolvimento da economia política da cultura²⁵⁵.

A colaboração com Thompson, Hoggart e Hall são cruciais para fundar não só a revista, mas também o vínculo intelectual que os estabelecem enquanto um grupo intelectual. Originado por essa composição de autores procede também a origem dos “Cultural Studies”²⁵⁶ que hoje constitui-se como uma área diversificada como pensada pelo grupo, tendo sua importância principalmente para a antropologia contemporânea. Os estudos culturais conquistaram, pelas mãos de Hoggart, o amparo institucional na Universidade de Birmingham, com a criação do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS).

O grupo intelectual, sendo mediador entre os indivíduos e as ideias que preenchem o mundo social²⁵⁷, deteve com os elementos pertencentes a análise particular de cada um de seus membros, como o olhar de Williams para outras formas de experiências, Hall pensando em questões de raça e gênero e Hoggart apontando para questões voltadas a cultura popular, possibilitaram a consolidação dos estudos culturais, por exemplo. Com o encontro desses intelectuais uma ideia pode prosperar, cabendo a cada um contribuir com a sua formação de maneira única, ao mesmo tempo que plural: [...] é suficiente dizer que o grupo é apenas aquela união de pessoas com a mesma constituição espiritual necessária para a realização de ideias; não é uma associação arbitrária -de indivíduos espiritualmente indeterminados.²⁵⁸

Os diferentes impulsos que surgem nos atores desses grupos levam a outros caminhos, a estabelecer novos trabalhos que produzem um movimento de impulso, podendo transferir seus membros a outras atividades dentro da trajetória de cada autor. Temos, como exemplo, o movimento realizado por Williams, juntamente com Thompson e Hall, através do May Day Manifesto²⁵⁹, que influencia em alguma medida a sua mobilidade para os estudos culturais.

A fim de focalizar em nossos sujeitos de pesquisa, localizamos Raymond Williams no contexto da sociologia britânica, fundamentalmente no que se constitui enquanto uma

²⁵⁵ Williams cita aqui a exemplo o trabalho de Garnham já em 1977 *Towards a Political Economy of Culture*. GARNHAM, Nicholas. *Towards a political economy of Culture*. Higher Education Quarterly vol. 31, issue 3, June 1977, p. 341-357.

²⁵⁶ O debate sobre Estudos Culturais no Brasil deve em grande parte as contribuições de Maria Elisa Cevalco ao introduzir o debate sobre os estudos culturais no Brasil. Para a apresentação de Raymond Williams e os estudos culturais, assim como para tradição acerca dos estudos culturais e uma das tradições de leitura do autor galês no país, conferir: CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: SP. Boitempo Editorial, 2003.

²⁵⁷ KRACAUER. S.O grupo como portador de ideias. In: O ornamento da massa. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado, Marlene Holzhausen. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2009.

²⁵⁸ KRACAUER, Siegfried. O grupo como portador de ideias. In: O ornamento das massas. *Op.Cit.* 2009, p. 168-169.

²⁵⁹ HALL, Stuart; WILLIAMS, Raymond; THOMPSON, Edward. *New Left May Day Manifesto*. *Op. Cit.* 1967.

sociologia da cultura. Em seu artigo publicado e mencionado por Pierre Bourdieu na primeira carta apresentada, intitulado *Developments in the sociology of Culture*²⁶⁰, de 1976, o autor britânico efetua um balanço no desenvolvimento do campo da sociologia da cultura, traçando áreas que detiveram influência dentro deste campo, como os estudos dos efeitos, de estruturas institucionais explícitas e das formações intelectuais. Sua leitura expressa que houve transformações no campo, pois essas diferentes formas de estudo se apresentavam de maneira desiguais e dispersas. Tais categorias usadas por Williams dizem respeito a alguns termos que se referem a autores como Althusser, com o marxismo estruturalista proposto por ele e ao estruturalismo literário elaborado por Goldmann. Há entrelaçamentos também entre as categorias que Williams se utiliza para dar forma ao desenvolvimento que está evidenciando com o sentido de tradição presente nos textos de Pierre Bourdieu, em que disputam espaço e poder dentro do campo, colocado por Williams como sendo um campo comum à essas tradições apresentadas.

Apresenta o lugar que Bourdieu desempenha em sua interpretação deste campo, tanto no artigo *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*²⁶¹, quanto no livro *Cultura*²⁶² vinculando suas pesquisas sobre as características da reprodução da Educação, citando *A Reprodução*²⁶³ da qual enfatiza:

[...] que há relações fundamentais e necessárias entre essa versão seletiva e as relações sociais predominantes em vigor. Pode-se perceber isso no arranjo de um dado currículo, nas modalidades de seleção dos que devem ser instruídos e de que maneira, e nas definições da autoridade educacional (pedagógica)²⁶⁴

Para a produção de uma noção a respeito do contexto da sociologia francesa, temos diferentes fontes que faremos uso na tentativa de contornar o cenário no qual nosso autor temático adentrou e posteriormente se posicionou. Ao iniciar um panorama sobre o campo intelectual francês temos as formulações por Lepenies²⁶⁵, em que o campo intelectual francês estava dividido em três lados: as *ciências morais* (os homens de letras e críticos literários), as *ciências sociais* que se definem nas *ciências dos homens* e as *ciências naturais*, que envolve a

²⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. “*Developments in the Sociology of Culture*. *Sociology*, *Op. cit.* 1976, pp. 497–506

²⁶¹ GARNHAM, Nicholas., & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. *Op. cit.* 1980.

²⁶² WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. *Op. cit.* 1992.

²⁶³ BOURDIEU, Pierre; PASSERON Jean-Claude. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d’enseignement*. *Op. cit.* 1970.

²⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. *Op. cit.* 1992 p. 184.

²⁶⁵ LEPENIES, Wolf. *As três Culturas*. *Op. cit.* 1996.

biologia e a física²⁶⁶. Compreendendo o campo intelectual e da crítica literária, temos as formulações de Joseph Jurt²⁶⁷ em que sintetiza as abordagens sobre tal campo enquanto a tradição francesa positivista, a escola de Genebra, a abordagem Sartriana, o Estruturalismo Genético de Lucien Goldmann, a teoria das formas literárias (estruturalismo), a crítica genética e, por fim, a teoria do campo literário de Pierre Bourdieu.

Iniciando o debate sobre o campo intelectual francês temos as produções de Gisèle Sapiro, especificamente evocamos o artigo *Elementos para uma história do processo de autonomização*²⁶⁸ onde a autora reúne elementos de síntese e reflexões acerca dos marcos históricos dos trabalhos sobre o campo literário francês, realizados por aqueles que o estudaram em diferentes períodos históricos, sendo eles Robert Darnton, Roger Chartier, Anna Boschetti, Christophe Charle e Alain Viala, objetivando com a abordagem “[...] relacionar o exercício da atividade literária às suas condições sociais e aos tipos de constrações estruturais que pesam sobre ela.”²⁶⁹.

Citando Bourdieu²⁷⁰ a autora destaca os princípios que permitem a autonomização do campo literário e derivando das condições sociais que atuam sobre o campo aponta para o que ela denomina de “princípios de estruturação” do universo literário decorrentes das respectivas instituições literárias, sendo transmutadas em: o escritor artista, escritor de Estado, escritor intelectual e o escritor profissional. Reconhecendo o surgimento da Academia Francesa no grupo de letrados vinculados ao Estado – à época o absolutismo francês – que independia dos universitários eclesiásticos²⁷¹ decorre com essa instituição o poder para se legislar com a linguagem e o processo de autonomização do escritor torna-se relativo, pois passa das mãos de seus encomendadores privados às mãos do Estado, sendo somente com o surgimento do mercado literário²⁷² que o domínio do Estado sobre o escritor é desfeito.

²⁶⁶ Definições articuladas em: JURT, J. *De Lanson à teoria do campo literário*. Tempo Social, v. 16, n. 1, 2004, p. 29-59.

²⁶⁷ JURT, Joseph. *De Lanson à teoria do campo literário*. Op. cit. 2004.

²⁶⁸ SAPIRO, Gisèle. *Éléments pour une histoire du processus d'autonomisation : l'exemple du champ littéraire français*, colloque « Text und Feld », Berlin, 4-8 février 2004. Utilizamos para a pesquisa a tradução realizada por Sergio Miceli: SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização*. Tempo Social, v. 16 m. 1, 2004, p. 93-105.

²⁶⁹ SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização*. Op. cit. p.93.

²⁷⁰ “a emergência de um corpo de produtores especializados; e a existência de instâncias de consagração específicas; a existência de um mercado (Bourdieu, 1971^a pp.1.345-1.378; 1971b, pp. 49-126; 1992)” BOURDIEU, Pierre *Disposition esthétique et compétence artistique*. Les Temps Modernes 295 Apud SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização* Op. cit.2004.

²⁷¹ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain: sociologie de la littérature à l'âge classique*. Paris, Minuit, 1985.

²⁷² O estudo sobre o surgimento do mercado literário encontra-se em CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo, SP: UNESP, 2009.

Sobre a disposição do campo acadêmico na França durante a formação de Bourdieu, temos seu relato em *Esboços de uma Auto-Análise*²⁷³, onde o ingresso no campo na década de 1950 ocorre enquanto a aura sobre a posição do filósofo ainda era mantida como a consagração do pináculo de prestígio social deste campo. Nessa época, o campo cultural era dominado por Sartre, tendo nos *khâgnes*²⁷⁴ o espaço de produção da ambição intelectual para carreira de filósofo. A figura do intelectual total representada por Sartre, ou seja, uma formação versada em diversas áreas diferentes, tendo como modelo de estudos nas *khâgnes* as “[...] disciplinas de filosofia, literatura, história, línguas antigas e modernas, e encorajava, por meio da aprendizagem “dissertação de *omni re scibili*”²⁷⁵ [...] cerne de todo o dispositivo”²⁷⁶.

Com as manifestações de maio de 1968 a geração dos filósofos formados pelos *khâgnes* se dão conta de sua fragilidade na estrutura de poder e dentro da estrutura política. Inspirados e reivindicando espaço para tradições teóricas abandonadas pela estrutura dominante no campo intelectual francês, o movimento alça nomes de novos intelectuais, como o de Foucault, com as revoltas estudantis, abrindo espaços para tais tradições relegadas surgirem em posições de destaque, como ocorre com o marxismo e a análise das instituições escolares de viés sociológico. Havia, como apresenta Bourdieu, uma resistência ao existencialismo – encarnado na figura de Sartre – dentro do campo acadêmico filosófico. Compreende a sua própria posição inicialmente, bem como Martial Guéroult²⁷⁷ e Jules Vuillemin²⁷⁸, ambos de uma tradição da história das ciências. Gaston Bachelard²⁷⁹, Georges Canguilhem²⁸⁰ e Alexandre Koyré²⁸¹ também estabeleciam oposição ao existencialismo, sendo nomes dentro da história das ciências, porém com menos potências institucionais que Guéroult e Vuillemin.

Uma das lideranças da reação ao existencialismo estava na figura de Claude Lévi-Strauss durante os anos 60, reivindicando através de sua antropologia (do que viria a ser

²⁷³ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²⁷⁴ São “classes preparatórias literárias” com o funcionamento institucional como escola preparatória para ingresso às grandes escolas (Grandes Écoles).

²⁷⁵ Expressão que Bourdieu atribui o a tradição a Durkheim, uma expressão para designar o modelo da “grande tese”.

²⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. *Op. cit.* 2005, p.41-42.

²⁷⁷ Compôs o quadro de professores estrangeiros que se comprometeram a fundar o departamento de ciências sociais na USP. Foi posteriormente professor no Collège de France até 1962.

²⁷⁸ Jovem assistente na Sorbonne, vindo a ser o sucessor de Guéroult para a cátedra no Collège de France.

²⁷⁹ Bachelard influenciou, através de sua epistemologia das ciências, autores como Althusser e Foucault e iniciou uma tradição do estudo da filosofia e epistemologia da ciência.

²⁸⁰ Canguilhem foi colega de Sartre e Raymond Aron durante suas formações na Escola Normal.

²⁸¹ Professor na École Pratique des Hautes Études.

denominada como antropologia estrutural) uma filosofia sem sujeito²⁸². Há, todavia, uma tentativa, um movimento de retorno ao sujeito empreendido por Ferry²⁸³ e Renaut²⁸⁴, apoiados através da revista *Le Débat*²⁸⁵ assim como por François Furet²⁸⁶ e a revista *Le Nouvel Observateur*²⁸⁷. Tais configurações do campo intelectual, porém, não abriram caminhos para a sociologia, até então relegada a uma

[...] espécie de jornalismo por conta de seu objeto, a sociologia é ainda desvalorizada perante a filosofia por sua feição de vulgaridade cientificista, inclusive positivista, que avulta mais ainda quando ela atinge as crenças mais indiscutíveis do mundo intelectual, como as que dizem respeito à arte e à literatura, ou, então, quando ameaça “reduzir” um dos efeitos ou desfeitos com mais frequência imputados ao “sociologismo” os valores sagrados da pessoa e da cultura, em suma da pessoa cultivada.²⁸⁸

Bourdieu aponta também para um posicionamento contrário a Sartre na postura de Merleau-Ponty, deixando de lado a escola durkheimiana, que já não detinha mais força institucional à época. Em sua leitura identifica a origem do termo “etnologia” como um empréstimo da antropologia anglo-saxã e sobre o campo da sociologia antecessora a ele e Levi Strauss indica o início do princípio da ruptura:

This challenge comes out into the open in the confrontation between Lévi-Strauss and Sartre, in the first real protest against its undivided rule over the whole intellectual field for a quarter of a century. Indeed, although Sartre and Merleau-Ponty also had to take the social sciences into account during the preceding generation, they were in an incomparably easier situation, since, because of the extreme decadence of the Durkheimian school and the very inferior status of an empirical sociology still in its infancy and ‘compromised’, in those highly politicized times, by its American origins, they were confronted with only a ‘scientific’

²⁸² Sobre a posição filosófica levantada por Levi-Strauss, ver: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Sociology and philosophy in France since 1945: death and resurrection of philosophy without subject*. *Social Research*, xxxiv, 1, primavera de 1967, pp.162-212

²⁸³ Luc Ferry Formado na Paris-IV, foi professor na Escola Normal de Arras, pesquisador associado no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e membro da Fundação Saint Simon até sua dissolução. Compôs o quadro de Ministros do governo francês, sendo Ministro da Educação Nacional da França nos anos de 2002 a 2004.

²⁸⁴ Alain Renaut é professor de filosofia política e ética na Universidade Paris IV, participando de seminários na Sciences-Po. Sua produção está centrada na filosofia da moral e filosofia política, sendo tradutor de Kant na França, traduzindo títulos como *Crítica da Razão Pura* e *Crítica da Faculdade de Julgar*.

²⁸⁵ Revista criada na década de 1980 por Pierre Nora e Marcel Gauchet, de viés político de esquerda, tendo dentro do seu quadro de editores intelectuais detentores de grande prestígio como Raymond Aron, Michel Foucault e Jacques Le Goff.

²⁸⁶ Historiador criador da Fondation Saint-Simon e detentor de um prêmio Gobert (Grand Prix Gobert concedido pela Academia Francesa [Académie Française], a instituição francesa de maior tradição. É interpretado como principal articulador dos estudos quantitativos dentro do método histórico, movimento que utilizada das análises de dados estatísticos para pensar a história.

²⁸⁷ Revista de notícias, fundada em 1964 e veículo impresso de informação de maior circulação na França e detém uma rica história, remetendo aos movimentos de resistência francesa durante a segunda guerra-mundial.

²⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. *Op. cit.* 2005, 49-50.

psychology (albeit with the exception of Piaget) and a psychoanalysis with no influence (despite the presence at the Sorbonne of Lagache, a fellow student of Sartre and Merleau-Ponty at the Ecole Normale). [...] Merleau-Ponty, who played an important part in the transition between the two intellectual generations because of his particular open and comprehensive attitude towards the social sciences, notably biology, psychology and linguistic, had written an article entitled ‘From Mauss to Lévi-Strauss’.²⁸⁹

Dentro dos escritos de Pierre Bourdieu temos a descrição sobre o panorama do campo intelectual que o perpassa. Em suas descrições equiparava os campos acadêmicos franceses – enquanto o funcionamento do âmbito universitário – aos ingleses. Em uma explicação a pesquisadores norte-americanos sobre a posição marginal de nomes distintos como Barthes, Deleuze, Foucault, Althusser e Derrida até o início dos anos 70, Bourdieu apresenta em um dos prefácios de *Homo Academicus*²⁹⁰:

If we linger a while over the case of these philosophers, who are the most likely to be familiar to Anglo-Saxon readers, we see that knowing the structure of the overall space in which they are situated enables us to ourselves so to speak *in their place* in the social space, through a genuinely ‘participant objectification’ which has nothing reductively polemical about it, and to reconstruct the point of view from which their intellectual Project was defined²⁹¹

Ainda nos *Esboços de uma Auto-Análise*²⁹² o autor francês mapeia o campo acadêmico de forma a posicionar Geroges Gurvitch²⁹³ como a autoridade dentro da Sorbonne; Jean Stoetzel²⁹⁴ o dirigente do Centro de Estudos Sociológicos, do IFOP (Instituto Francês de

²⁸⁹ Esse desafio surge na confrontação aberta entre Levi-Strauss e Sartre, no primeiro protesto real contra sua regra indivisa sobre todo campo intelectual por um quarto de século. De fato, apesar de Sartre e Merleau-Ponty também teve que levar em conta as ciências sociais durante a geração anterior, elas estavam em uma situação incomparavelmente mais fácil, pois, por causa da decadência extrema da escola durkheimiana e do status bem inferior de uma sociologia empírica ainda em sua infância e ‘comprometida’, naqueles tempos altamente politizados, por suas origens americanas, foram confrontados com apenas uma psicologia ‘cientificista’ (embora com exceção de Piaget) e uma psicanálise sem influência (a despeito da presença na Sorbonne de Lagache, um companheiro de Sartre e Merleau-Ponty na Ecole Normale). [...] Merleau-Ponty, que desempenhou uma parte importante na transição entre as duas tradições intelectuais por causa de sua atitude particularmente aberta e compreensiva em relação as ciências sociais, notavelmente biologia, psicologia e linguística, tendo escrito um artigo intitulado ‘De Mauss para Lévi-Strauss’. (tradução minha). BOURDIEU, Pierre. *Preface to the English Edition of Homo Academicus* Op. cit. 2000 p.312-314.

²⁹⁰ Prefácio da edição inglesa da obra.

²⁹¹ Se nos delongamos um pouco no caso desses filósofos, que são os mais prováveis de serem familiares aos leitores anglo-saxões, vemos que conhecer a estrutura do espaço total em que eles estão situados permitem nos colocarmos, por assim dizer, em seu lugar no espaço social, através de uma genuína ‘objetivação participante’ que não tem nada de reductivamente polêmico sobre, e reconstruir de vista do qual seu projeto intelectual foi definido. (tradução minha). BOURDIEU, Pierre. *Preface to the English Edition of Homo Academicus In: Pierre Bourdieu*. Coautoria de Derek Robbins Op. cit. 2000, p.311

²⁹² BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. Op. cit. 2005.

²⁹³ Fundador da revista *Les Cahiers internationaux de sociologie* que detém destaque mesmo após a saída de Gurvitch do quadro editorial.

²⁹⁴ Sociólogo francês fundador do Instituto francês de Opinião Pública em 1938. Formou-se em filosofia pela Escola Normal Superior e foi professor de sociologia na Universidade de Bordeaux entre 1943-1954 e posteriormente professor de psicologia social na Universidade de Paris entre 1955-1978.

Opinião Pública) e do CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa Científica); Raymond Aron como um novo nome em ascensão na Sorbonne e fundando a *Archives européennes de sociologie*²⁹⁵. Posteriormente, em sua geração, apresenta Alain Touraine²⁹⁶, Jean-Daniel Reynaud²⁹⁷ e Jean-René Tréanton²⁹⁸ dentro do que se constituiria como sociologia do trabalho, Viviane Isambert²⁹⁹ na sociologia da educação, François-André Isambert³⁰⁰ na sociologia da religião, Henri Mendras³⁰¹ na sociologia rural e Paul-Henry Chombart de Lauwe³⁰² na sociologia urbana³⁰³. Ao passo que Fernand Braudel, dentro da Escola Prática de Altos Estudos³⁰⁴, reunia as novas manifestações dentro das ciências sociais, tendo Bourdieu como uma dessas manifestações.

Institucionalmente a sociologia ainda não era reconhecida, mesmo com o advento da etnografia e a luta de Levi-Strauss associada ao movimento da sociologia. Bourdieu, citando Yvette Delsaut relata que a etnologia daquele momento enquanto uma “disciplina-refúgio” e descreve a posição rebaixada que a sociologia se encontrava dentro do campo acadêmico francês:

E não existe filósofo, escritor ou jornalista que, por mais minúsculo que seja, não se sinta autorizado a dar aula ao sociólogo, sobretudo, claro, quando se trata de arte ou de literatura, achando-se no direito de ignorar as conquistas mais elementares da sociologia, ainda quando se trata de falar do mundo social, ou não esteja profundamente convicto de que, qualquer que seja o problema, cumpre “ir além da

²⁹⁵ Iniciada em 1960 e auxiliada pelo CNRS tem como fundadores ao lado de Aron, Ralf Dahrendorf, Thomas Bottomore, Michel Crozier e Eric de Dampierre.

²⁹⁶ Sociólogo do trabalho, é um dos principais intelectuais que se opõem a sociologia de Bourdieu. Fundador do Centro de estudos dos movimentos sociais na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Detém toda trajetória dos mais prestigiados intelectuais franceses, iniciando no *khâgne* Lycée Louis-le-Grand e adentrando a Escola Normal Superior.

²⁹⁷ Foi diretor da *Revue Française de sociologie* por quase uma década, com formação em filosofia na Escola Normal Superior, se dedicando a sociologia do trabalho.

²⁹⁸ Formado em ciências políticas formado pela Escola Livre de Ciências Políticas, ingressa ao Centre d'Études Sociologiques do CNRS. Crítico ao “marxismo universitário” realizou a ponte com a sociologia norte-americana, através das ideias de Paul Lazarsfeld e David Matza.

²⁹⁹ Foi professora e socióloga da educação na Universidade de Paris-Descartes entre 1976-1990, se concentrando na área de trabalho e educação. Formada em filosofia na Universidade de Sorbonne, foi ativa nos movimentos de resistência durante a segunda guerra-mundial. Iniciou sua carreira como professora universitária através da nomeação na Universidade Paris-5 na área da ciência da educação.

³⁰⁰ Figura como um dos fundadores do Groupe de sociologie des religions do CNRS, grupo que também fundou a revista *Archives de sociologie des religions* que se tornou a *Archives de Sociologie des Religions* na década de 1970. Atuou nos movimentos de resistência durante a segunda guerra-mundial. Foi diretor da Escola Prática de Estudos Superiores em 1971.

³⁰¹ Se concentrou sobre a sociologia rural, onde estudou o campesinato em sociedades rurais. Foi diretor do CNRS em 1954 e fundador-diretor do Observatoire français des conjonctures économiques (OFCE) em 1981.

³⁰² Sociólogo urbano com influências da Escola de Chicago. Graduado em filosofia, adentrando ao movimento de resistência durante a segunda guerra-mundial.

³⁰³ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. Op. cit. 2005, p.62.

³⁰⁴ École Pratique des Hautes Études.

sociologia” ou “superar a explicação puramente sociológica”, como se tal superação estivesse ao alcance do recém-chegado.³⁰⁵

Em termos de marxismo enquanto vertente teórica, o marxismo inglês estuda autores que estão estabelecidos no campo intelectual francês, sendo o pilar central destes Louis Althusser. Podemos remontar a nossa história ao nos depararmos com as transferências culturais por alguns caminhos. Há uma sedução para pensarmos o campo intelectual muitas vezes através das lentes do marxismo, essa opção renderia frutos, mas não exatamente aqueles que esperamos identificar. Não será através das lentes do marxismo inglês e francês que seguiremos, pois nos apresentaria taxativas que não buscamos, principalmente quando se volta a figura de Pierre Bourdieu, tanto em sua disputa de espaço e poder no campo intelectual francês, como em sua própria dedicação em se desvencilhar à imagem de intelectual marxista.

Por exemplo, ao se recorrer as lentes do marxismo para Williams, uma possibilidade se apresenta quando partimos da ótica de sua entrada no corpo editorial da *New Left Review* de viés manifestamente marxista e seu eventual reconhecimento enquanto marxista em seus artigos à essa revista e em *Marxismo e Literatura*³⁰⁶. Ao nos voltarmos para Pierre Bourdieu, o caminho a se tomar passaria pelo olhar da obra *A reprodução*³⁰⁷ com o debate que apresenta a tradição que Althusser levanta através de *Aparelhos ideológicos de Estado*³⁰⁸ até ao ponto de os sociólogos da educação ingleses vincularem seus escritos acerca da educação a revistas marxistas e entendê-lo também enquanto intelectual marxista por seus estudos e críticas a respeito dos aparatos de reprodução do Estado.

Porém, o caminho a ser seguido para acessar as transferências culturais pode ser visto no livro *Cultura*³⁰⁹ de Raymond Williams. Tal capítulo aparece de forma embrionária, em que há presente a maior parte da estrutura das categorias e formas de estudo da cultura através do artigo *Developments in the Sociology of Culture*³¹⁰. Não por acaso, a versão norte-americana do livro foi renomeada para *The sociology of Culture*³¹¹, porém ao tomar fôlego na composição do livro em 1981 é inserida a percepção a respeito da educação no processo de

³⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. Op. cit. 2005, p.68.

³⁰⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Op. cit. 1979.

³⁰⁷ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

³⁰⁸ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 10 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2007.

³⁰⁹ Publicado originalmente: WILLIAMS, Raymond. *Culture*. Fontana New Sociology Series, Glasgow, Collins, 1981.

³¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *Developments in the Sociology of Culture*. Sociology. Op. cit. 1976

³¹¹ WILLIAMS, Raymond. *The Sociology of Culture*. New York, Schocken, 1982.

reprodução da cultura e a demonstração dessa relação é feita tendo como fundamento a obra de Bourdieu e Passeron, *A Reprodução*³¹².

Para descrever os estudos da cultura dentro da sociologia, Williams apresenta que novos conceitos nas relações entre os diferentes tipos de instituições e práticas, sociais e culturais, estão circulando, descrevendo-os através de um mesmo ponto de partida. No artigo *Developments in the Sociology of Culture*³¹³ denomina uma versão estruturalista do marxismo, representada por Althusser, citando *For Marx*³¹⁴ como referência, estabelecida na antropologia e na linguística. Essa tendência – denominação utilizada pelo autor – teceu críticas aos conceitos de estrutura e prática, sobretudo realizando um deslocamento teórico para a real prática cultural, perguntando-se o que é uma tecnologia. Porém, sua preocupação particular retoma um objetivo idealista que sempre esteve presente na análise cultural. Traz um reducionismo diferente das outras análises marxistas anteriores: o observador privilegiado reduz todas as práticas à configurações sistemáticas. Apresenta o estruturalismo genético de Lucian Goldmann como um primo da teoria althusseriana, destacando as limitações analíticas que o trabalho de Goldmann atinge, em que apenas “grandes obras” literárias foram apreciadas. Abarca também outra teoria importante para a sociologia da cultura com as contribuições da Escola de Frankfurt, focando os trabalhos sobre mediação, que estudam as formações específicas, comparando-os com a ideia de projeto de Sartre. Traz ainda que a Escola de Frankfurt entrou em uma simbiose com teorias americanas sobre cultura de massa, adentrando a posição de menosprezar potenciais movimentos de resiliência e de criações alternativas.

A receptividade do trabalho de Bourdieu resenhado anos antes por Williams, mostra suas dimensões nos trabalhos posteriores de Williams. Podemos entender tais dimensões através do seu último parágrafo de *Cultura*³¹⁵:

Desse modo, embora a sociologia da cultura tenha muitos tipos de trabalho a seu alcance imediato – no estudo das instituições e formações e de sistemas e formas significativas – deve também, necessariamente, envolver-se com essas relações contemporâneas em ação, numa ordem social hoje baseada de maneira mais direta numa generalização prática de seus processos e preocupações específicas. Uma sociologia plenamente responsável, ela mesma desenvolvendo-se significativamente até exatamente este ponto de mudança geral, deve, pois, ser analiticamente construtiva, bem como construtivamente analítica. Mas ela pode ainda ser apenas

³¹² BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Op. cit. 2014.

³¹³ WILLIAMS, Raymond. *Developments in the Sociology of Culture*. Op. cit. 1976, pp. 497–506.

³¹⁴ ALTHUSSER, Louis. *For Marx*. London: NLB, 1970.

³¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Op. cit. 1992.

uma coisa ou outra, se, ampliando o trabalho colaborativo, aprender a se tornar, vencendo muitas dificuldades e resistências, uma nova e importante disciplina.³¹⁶

No fundo, a investigação da cultura transpassa as delimitações de cada sistema, englobando a esfera do sistema social para a análise. Com isso, quer dizer que sistemas econômicos, políticos e geracionais são inter-relacionados e mobilizados, organizando um outro sistema muito maior e abrangente, denominado como sistema social. Tais características remetem aos marcadores advindos das pesquisas que compõem *A distinção*³¹⁷, onde foram necessários constructos analíticos para, por exemplo, investigar o gosto estético que se manifestava até então enquanto uma característica intrinsecamente ligada a subjetividade.

Ao estruturar toda a complexa gama de fatores que compõem o estudo da cultura, Raymond Williams retoma os trabalhos de Bourdieu acerca da reprodução da cultura através da educação. Vincula um processo essencial e ativo do entendimento da cultura pelas vias sociológicas com a análise bourdieusiana, enfatizando os papéis das ações pedagógicas:

[...] há relações fundamentais e necessárias entre essa versão seletiva e as relações sociais predominantes em vigor. Pode-se perceber isso no arranjo de um dado currículo, nas modalidades de seleção dos que devem ser instruídos e de que maneira, e nas definições da autoridade educacional (pedagógica).³¹⁸

Existem algumas similaridades nos discursos de Williams e Bourdieu a respeito do comprometimento social que suas práticas intelectuais visavam. Bourdieu apresenta a sociologia como instrumento de autovigilância, não como uma arma contra outros ou a si próprio, e leva esse aparato instrumental até o ponto de colocar a si próprio em processo de objetificação, permitindo se colocar em uma posição social e não utiliza-la como autodefesa para se afastar de tal posição de objeto. Williams, por outro lado, apresenta que a crítica é necessária para a inclusão de todos, inclusive do próprio crítico, a esfera da sociedade. Em suas posições quanto o aspecto apolítico da crítica literária de F.R. Leavis e sua revista *Scrutiny*, destaca que estes estabelecem barreiras para se inserirem enquanto elemento pertencente a esfera social e enxerga a possibilidade de se trabalhar tendo em vista sua própria posição de pertencimento, desdobrando para as noções dentro do arcabouço da cultura sobre a dimensão da experiência em suas produções.

Tais similaridades continuam também quando ambos reconhecem a pobreza da sociologia publicada até os meados dos anos 1960. As percepções de Raymond Williams já

³¹⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992, p.231.

³¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento. Op. cit.* 2007.

³¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Cultura. Op. cit.* 1992, p.184.

apresentadas no artigo supracitado de Williams estão em sintonia com os juízos de Bourdieu, nos quais observamos uma crítica direta à alguns autores, mas segue resumida em uma entrevista como: “Na época, existia apenas uma sociologia empírica medíocre, sem inspiração nem teórica nem empírica.”³¹⁹

As transferências culturais se concretizam então nos textos de apresentação de Pierre Bourdieu enquanto sociólogo da cultura para o campo intelectual britânico, realizados fundamentalmente por Raymond Williams. Ademais, a introdução de Bourdieu, como os autores intitulam o artigo³²⁰, realiza uma espécie de defesa do pesquisador que era entendido como um pessimista dentro da ilha britânica, por não aventar hipóteses de transformações no sistema de dominação que estudou sistematicamente. O artigo ainda permite margem para encontrar os rastros dessa transferência cultural a partir de seu conteúdo se entendermos que o primeiro contato no continente britânico com as novas pesquisas do autor francês ocorre com o volume que se encontra a dedicatória apresentada nesta pesquisa.

Uma outra forma para se trabalhar as transferências culturais poderia ser baseada no mapeamento da tradução e circulação da obra *La Distinction*³²¹ em solo britânico, movimento que não foi possível por nossas limitações a consultas e acessos de acervos documentais britânicos. Pontuamos por fim que tais transferências culturais foram efetuadas na reinterpretação do pensamento de Bourdieu promovida por Williams e Garnham e não em um formato de importação de teorias sociais francófonas aplicadas ao contexto britânico. A presença marcante de Bourdieu para a definição dos estudos da sociologia da cultura empreendida por Williams apontam também para tais transferências, uma vez que temos dois momentos de investigação deste campo da sociologia por Raymond Williams e se destaca a presença do autor francês apenas em suas elaborações posteriores³²²

³¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Op. cit. 2004, p. 17.

³²⁰ GARNHAM, Nicholas, & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Op. cit. 1980.

³²¹ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Op. cit. 1979.

³²² WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Op. cit. 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou compreender e apresentar o vínculo entre dois intelectuais fundamentalmente importantes para as ciências sociais que influenciaram internacionalmente os estudos de diferentes áreas de pesquisa e que se tornaram referências fundamentais para o debate de cultura e sociedade. Tendo como ponto de partida cartas de Bourdieu a Williams, uma dedicatória de Bourdieu a Williams e um artigo de Williams e Garnham sobre Bourdieu, iniciamos os contornos da relação entre os autores, transitando entre suas correspondências, citações e trajetórias para assim possibilitar os apontamentos da importância dessa relação para cada um dos autores, assim como apontar as observações das transferências culturais que ocorreram.

Essas interações que corporificam as transferências culturais entre os intelectuais nos dois lados do Canal da Mancha são reveladoras das disputas intelectuais em andamento nas duas sociedades, a inglesa e a francesa, e reforçam a hipótese de que houve uma comunicação intensa entre ambos, sendo esse processo algo produtor de ideias, disputas e práticas importantes para a constituição do pensamento intelectual contemporâneo.

Nas palavras de Michel Espagne, as *transferências culturais* não tratam de determinar as fontes de exportação e importação, mas demonstrar a conjuntura do contexto de acolhimento em dois diferentes países, através de dois diferentes intelectuais, que, a despeito da diversidade e diferença, compartilham de experiências em comum quando o assunto é o desenvolvimento do debate de cultura e sociedade. Através deles também apresentamos um certo número de relações e ligações sociais nos universos intelectuais, evidenciando que a difusão de determinada visão de mundo sobre cultura e sociedade parece também ter dependido deste intercâmbio cultural, criando um espaço de comunicação delimitado pelo encontro de Williams e Bourdieu.

Temos em evidência a afirmação devidamente amparada por nosso material empírico de que houve uma nova linhagem interpretativa de Pierre Bourdieu através das mãos de Raymond Williams e Nicholas Garnham, ocorrida em conjunto com o lançamento de seu livro *La Distinction*³²³. Através do destinatário de suas cartas, Bourdieu adentra à sociologia britânica que se ocupava com o estudo da cultura, conduzido em conjunto com uma apresentação e fundamentação de sua presença na sociologia da cultura através do artigo

³²³ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement. Op. cit.* 1979.

*Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An introduction*³²⁴ de 1976, pois atentando a primeira tradução do livro, vemos que foi concretizada passados quatro anos desde a publicação no original e da apresentação de Garnham e Williams.

Com a totalidade do nosso material e pesquisa, conseguimos reconstruir também os contornos da relação entre os autores, se mostrando um vínculo mais próximo e amistoso que superou a relação de meros colaboradores. Os fragmentos dos contatos mapeados, a hipótese a respeito de seus laços serem mais próximos do que aqueles até então descritos na literatura científica se fundamentam uma vez que os registros dessa forma de relação são conectados. O pedido para agilizar uma possível licença para republicação de um texto, a comunicação sobre reconhecimento com o seu correspondente, o pedido para contato com um colega de instituição do correspondente, juntamente com uma dedicatória da primeira versão de publicação de um de seus livros seminiais, todos esses elementos indiciários, residuais tomam forma em convites editoriais prestigiados.

Alguns questionamentos ainda permanecem no percurso do vínculo dos autores. Um elemento que não tomou forma em nossa pesquisa e não foi encontrado nenhum lastro nos documentos empíricos acessados foi a discussão sobre a temática da educação. Sabemos que a preocupação sobre a educação na vida e obra de Williams perpassa todas as esferas de sua produção, porém, não foram encontradas citações ou menções à obra bourdieusiana sobre os escritos da sociologia da educação de Bourdieu da forma com que foram importados pelos sociólogos da educação britânicos. Para esta esfera de compreensão, acreditamos ser necessário perpassar a relação que o autor galês manteve com este campo da sociologia, já que não é mencionado em sua vasta produção.

Outro aspecto que contribuirá profundamente para conhecer as extensões dos vínculos entre os autores sujeitos são a localização e consulta de um material ainda inédito: as correspondências enviadas à Bourdieu por Raymond Williams. Esses materiais, que podem ou não serem recuperados, podem lançar luz a uma outra preocupação que esta pesquisa não foi capaz de responder: qual foi a repercussão de Williams no campo intelectual francês e como isso atuou dentro da disputa de poder no campo intelectual e acadêmico em que Bourdieu estava inserido.

As correspondências de Pierre Bourdieu também apresentam o embrião de um importante projeto editorial com seu correspondente, que não podemos determinar ao certo o

³²⁴ GARNHAM, Nicholas, & WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction*. Op. cit. 1976.

motivo, mas os prazos de respostas da época nos dizem que a resposta ao sociólogo francês não ocorreu, decorrente do falecimento de Williams oito meses após a data de redação da correspondência.

Tal seleção que aqui denominamos de literatura científica foi também outro aspecto a ser ressaltado: foram encontrados e mapeados trabalhos nacionais e internacionais que procuram relacionar de alguma forma nossos autores-sujeitos, sempre em movimentos de posicionar cada teoria sob um mesmo objeto ou em movimentos comparativos, mas nunca em um formato de associação. Reunimos tais textos para compor o primeiro capítulo, no intuito de criar um universo de sentido sobre Williams e Bourdieu, possibilitando, além de uma revisão bibliográfica, um caminho para expor as aproximações e dessemelhanças que esses dois autores influentes detinham através de seus conceitos e representações. Contudo, temos a ciência de que nem todos os trabalhos publicizados que envolveram ambos autores foram compreendidos em sua totalidade, não encerrando, portanto, tal movimento de construção desta fortuna crítica e o mapeamento de seus autores.

Com as produções tematizadas sobre os dois autores sujeitos desta pesquisa em reflexão, o material de correspondência apresentado na pesquisa estava inédito e carecia de tratamentos apropriados para compreender o que seus fragmentos nos mostram. Realizadas as devidas contextualizações e relações, os materiais do segundo capítulo estruturaram as bases para hipótese central da pesquisa: Pierre Bourdieu e Raymond Williams mantiveram vínculos que perpetuaram para além de uma década, reverberando em cada sujeito de forma particular, assim como aos seus respectivos campos acadêmicos. Dos materiais reunidos, pode ser afirmado que a presença de Bourdieu em outras áreas de estudo para além da sociologia da educação começa através das mãos de Raymond Williams e Nicholas Garnham.

O movimento das transferências culturais que poderiam ser pensadas em primeiro momento ocorrerem preferencialmente de Williams promover influências à Bourdieu, se interpretarmos cada sujeito dentro das disputas de poder de seus campos intelectuais associados as projeções internacionais que o sociólogo francês se dedicava, não foi encontrada. É importante atentar qual Raymond Williams que é correspondente: é o autor de *Culture*³²⁵, um autor que está empenhado em decodificar a cultura comum presente no cotidiano através das lentes da sociologia, o Williams que estabeleceu uma tradição para o estudo de cultura de autores ingleses e constrói uma tradição de estudos da sociologia da cultura europeia, inserindo-se como pertencente a essa tradição.

³²⁵ WILLIAMS, Raymond. *Culture*. *Op. cit.* 1981.

Ainda há um movimento que pode ser feito – e deverá ser feito – de mapear cada vestígio dessas transferências culturais dentro da produção de Bourdieu, contando que a leitura de Williams se torna assídua em algum momento de sua biografia, como a segunda carta nos apresenta com a data de publicação de *Marxismo e Literatura*³²⁶ e a data de leitura enunciada por Bourdieu. Com isso, pode ser compreendido movimentos de transferências culturais, anteriores ao reunidos nesta pesquisa, dentro das obras de Bourdieu que não foram encontradas aqui, visto que este trabalho de correspondências teóricas na obra dos autores demandaria uma forma e método de trabalho próprios, que fogem ao escopo da análise documental que nossa pesquisa delineou.

³²⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura. Op. cit.* 1979.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 10 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2007.
- ANDERSON, Perry. *Arguments within English marxism*. London: NLB : Verso; 1980.
- ANDERSON, Perry. *English questions*. London: Verso; 1992.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo – SP. Editora Perspectiva. 1971
- BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v.1).
- BOURDIEU, Pierre. *The historical Genesis of a Pure Aesthetics*. The Journal of Aesthetics and Art Criticism vol.46, p.201-210, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil; 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre e MICELI, Sergio (orgs.) *Liber 1*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- BOURDIEU, Pierre VOL I. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.
- BOURDIEU, Pierre VOL III. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil; 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Coautoria de Dominique Schnapper. São Paulo, SP: Edusp; 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras; 2005a.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Coautoria de Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo, SP: Perspectiva; 2005b.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, SP; Porto Alegre, RS: Edusp: Zouk, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *La Nobleza del Estado : educación de elite y espíritu de cuerpo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Coautoria de Jean-Claude Passeron; Tradução de Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Florianópolis, SC: Editora da UFSC; 2014.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Organização de Maria Alice Nogueira, Afrânio Mendes Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar; 2008.

CALHOUN, Craig. *Putting the Sociologist in the Sociology of Culture: The Self-Reflexive Scholarship of Pierre Bourdieu and Raymond Williams*. *Contemporary Sociology*, vol. 19, no. 4, 1990, pp. 500–505

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, SP: Boitempo, 2003.

CHARTIER, Roger. *Intellectual History or Sociocultural History? The French Trajectories*. In: LACAPRA, Dominick; KAPLAN, Steven L. (Orgs.). *Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Maria Rebello Nascimento. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

COLLIER, Peter. *Liber: liberty and literature*. *French Cultural Studies*, 4(12), 291–303, 1993

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

ESPAGNE, Michel. *Transferências culturais e história do livro*. Tradução de Valéria Guimarães. *Revista LIVRO*, nº 2, 21-34, 2012 p.21.

FILMER, Paul. *Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture*. *The British Journal of Sociology*, 54: 199–219, 2003.

FREIRE, Rosano. *Nas sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que espaço há para a análise do objeto artístico?* *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*. 3. 10.20336/rbs.121, 2016

GARNHAM, Nicholas. *Raymond Williams, 1921-1988: A Cultural Analyst, a Distinctive Tradition*. *Journal of Communication*, 38(4), 123–131, 1988.

GARNHAM, Nicholas; WILLIAMS, Raymond. *Pierre Bourdieu and the Sociology of Culture: An Introduction*. In: *Bourdieu Volume III*. DEREK, Robins London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: agent provocateur*. London; New York, NY: Continuum, 2004.

INGLIS, Fred. *Raymond Williams*. London: Routledge; 1998, c1995

JACKSON, Luiz Carlos; RIVETTI, Ugo. *Pierre Bourdieu e Raymond Williams: correspondência, encontro e referências cruzadas*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 3, nº1, p.183-204, abril 2020, p.184

- JONES, Paul. *Raymond Williams's Sociology of culture: a critical reconstruction*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.
- JURT, Joseph. *De Lanson à teoria do campo literário*. Revista Tempo Social, 16(1) 2004, 29-59.
- KRACAUER, Siegmund. *O grupo como portador de ideias*. In: *O ornamento da massa*. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado, Marlene Holzhausen. São Paulo, SP: CosacNaify; 2009.
- LEPENIES, Wolfgang. *As três culturas*. São Paulo, SP: Edusp; 1996.
- MCDOWELL, Edwin. *Literary Journal is Planned in 4 languages*. The New York Times, New York, June 6, 1989. Section C, Page 19.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, SP: Companhia das Letras; 2001.
- MIGUENS, Sofia. *A razão, a Europa e os intelectuais (sobre B. Monteiro – V. B. Pereira, org., Intelectuais Europeus no século XX – exercícios de objectivação sócio-histórica)*. Filosofia : Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 161-169. 10.21747/21836892/fil32a9, 2015
- MILNER, Andrew. *Cultural Materialism, Culturalism and Post-Culturalism: The Legacy of Raymond Williams*. Theory, Culture & Society, 11(1), 43–73 1994.
- MORIARTY, Michael. *The Longest Cultural Journey: Raymond Williams and French Theory*. Social Text, (30), 57, 1992.
- MULHERN, Francis. *Culture and Society Then and Now*. New Left Review nº 55, January-February 2009. Disponível: <https://newleftreview.org/II/55/francismulhernculture-and-society-then-and-now> .
- O'CONNOR, Alan. *Raymond Williams, Writing, Culture, Politics*. U.K.: Blackwell Pub, 1989.
- ORTIS, Renato. *As ciências sociais e o inglês*. RBCS Vol.19, nº25 fevereiro de 2004 p.6-23.
- PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.
- PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. 42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2018. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicasno-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymond-williams/file>> Acesso em 09 dez. 2018.
- PASSIANI, Enio. *Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*. Estudos de Sociologia, Araraquara. v13, nº27: 285-299, 2009.
- PÉCORA, Alcir, Introdutor. *Práticas da leitura*. Direção de Roger Chartier; Tradução de Cristiane Maria Rebello Nascimento; Iniciador de Alain Paire. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Estação Liberdade; c2001.
- PONTES, Heloisa. *Círculo de Intelectuais e Experiência Social*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.12, nº 34, pp. 57-69 1997.

- RINGER, Fritz. *The Intellectual Field, Intellectual History, and the Sociology of Knowledge*. Theory and Society, vol. 19, no. 3, 1990, pp. 269–294. In: *Pierre Bourdieu*. Coautoria de Derek Robbins. London; Thousand Oaks, CA: Sage/Learning Matters, 2000.
- RIVIÈRE, Marie-Christine (colab.). *Pierre Bourdieu, sociólogo*. Coautoria de Louis Pinto, Gisele Sapiro, Patrick Champagne; Tradução de Emilio Bernini. Buenos Aires: Nueva Vision, 2007.
- SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização*. *Tempo Social*, 16(1), 93-105, 2004.
- SIRINELLI, Jean-François. *Este século tinha sessenta anos: a França dos sixties revisitada*. Tempo, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 3, jan.-jun. 2004.
- SETTON, Maria da Graça. *Indústria cultural: Bourdieu e a teoria clássica*. Comunicação & Educação, (22), 26-36, 2001.
- SMITH, Dai. *Raymond Williams: a warrior's tale*. Cardigan. U.K.: Parthian, 2008
- THOMPSON, Edward. *The Long Revolution (Part I)*. New Left Review v. I/9 May-June, 1961.
- THOMPSON, Edward. *The Long Revolution (Part II)*. New Left Review v. I/10 July-Aug, 1961.
- WACQUANT, Loïc J. D. *O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal*. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, nº19, p.95-110 novembro 2002.
- WAIZBORT, Leopoldo. *Erich Auerbach sociólogo*. Tempo Social, 16(1), 61-91 2004.
- WILLIAMS, Daniel. *Introduction: Raymond Williams in Japan. Keywords: A Journal of Cultural Materialism* 9, no. 1 (2011): 40-48. Disponível em: <https://cronfa.swan.ac.uk/Record/cronfa12020>.
- WILLIAMS, Raymond. *Base e Superestrutura na teoria marxista cultural*. New Left Review, ed.82 novembro–dezembro, 1973.
- WILLIAMS, Raymond. *Developments in the sociology of culture*. Sociology, vol. 10, no. 3, 1976, pp. 497–506.
- WILLIAMS, Raymond. *Plaisantes perspectives*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 17-18, novembre 1977. La paysannerie, une classe objet. pp. 29-36.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979.
- WILLIAMS, Raymond (Ed). *Contact: human communication and its history*. London: Thames and Hudson, 1981.
- WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Middlesex: Penguin, 1984.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo, SP: Boitempo; 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2011

WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review*. Tradução André Glaser. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Lectura y crítica*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Godot, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo, SP: Editora UNESP; 2015

WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

Referências Filmográficas

La sociologie est un sport de combat. Direção: Pierre Carles. Produção: Annie Gonzalez e Veronique Fregosi. Paris (FR): 2002.

BARROS, Sérgio Miceli Pessoa de. Sérgio Miceli Pessoa de Barros (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 5min).

ANEXO 1:

COLLÈGE

DE

FRANCE

*Chaire de Sociologie**Paris, le 8 avril 1987.*

Voici l' exposé d' un projet de supplément européen de la revue italienne Indice, qui pourrait être le point de départ d' une revue européenne em plusieurs langues.

Amitié.

Assinatura

Pierre Bourdieu.

[1]

L'Indice*De Libri del Mese**1. Our purpose*

Our purpose is eventually to establish several national editions (French, German and Italian, to start with) of a European review of books. The first task of such a journal would be to meet an important need which at present is un-fulfilled in continental Europe-namely to offer unified, timely and comprehensive information about the intellectual production in the various nations and disciplines, from the humanities to the so called "exact" sciences.

Of course we are aware of the existence of American and British journals, which to a certain extent can be considered as models. But they do not entirely answer the needs we intend to cover, if for no other reason because they do not pay sufficient attention to books which are not published in English. Moreover, while the Times Literary Supplement makes a conscious effort to be asceptic, the New York Review of Books* just as consciously reflects American cultural and political priorities, which, respectable as they may be, obviously do not Always meet European needs. We believe that an important consequence of such an initiative would be to bring together European intellectuals in the most simple and practical way: discussing their work in common forum in such a way as to interest an audience going far beyond purely professional researchers and creative writers. It would be particularly important for such a Project to encompass Eastern Europe as well, using intellectual relationships for a broader conception of European unity.*

[rodapé] Società Editrice: L'Indice coop. A r.l., via Giolitti, 40 – 10123 Torino – Tel. 835809 – P. IVA 04690630019.

Amministrazione: via Romeo Romei, 27 – 00136 Roma – Tel. 3595570 [fim do rodapé]

[2]

Though this is our goal, we realize that it would be a mistake to start a review with the ambition of reflecting a unity which, as of today, Only exists as an aspiration. Na obvious this is such

an endeavour is to meet nobody's needs in the effort of pleasing everybody. We therefore prefer to envisage several national editions (in the national language), each consisting of two parts. One should be specific for each country, the other should be the same in all editions, i.e., should carry the same reviews of books and issues considered to be of a general European interest. This second part, initially quite modest in size, would have an obvious tendency to grow in proportion to the growth of a truly European readership.

2. Criteria

The review (or rather, the reviews) will reflect the point of view of those who make it. We hardly believe in the cultural and political neutrality of this kind of publication. However, it is very important that those who start it should produce a conscious effort of making it as representative as possible of different intellectual and methodological approaches as well as ideological slants.

The choice of the books to be reviewed and of the reviewers should reflect the pursuit of intellectual quality and pluralism. One of the weaknesses of our culture is to be divided and fragmented by a sectarian mentality. While no artificial pursuit of unity is desirable, a forum for a varied and lively discussion is certainly necessary. In one particular respect there is a lot to learn from what – for

[rodapé]] Società Editrice: L'Indice coop. A r.l., via Giolitti, 40 – 10123 Torino – Tel. 835809 – P. IVA 04690630019.

Amministrazione: via Romeo Romei, 27 – 00136 Roma – Tel. 3595570 [fim do rodapé]

[3]

The sake of brevity – we might call Anglo-Saxon culture: an intellectual clarity which constantly tries to widen its audience, without talking down to it. There are specialized journals, within each academic sector, for those who want to communicate in professional shorthand. Here our purpose is to favour communication between the most varied sector, without leaving those who are not professional intellectuals out in the cold.

In order to do this, we need writers specifically competent to review the book they are discussing (ideally they ought to know as much about the subject of the book as its author) but also to make themselves understood by a wider public.

3. A starting point.

The build up three national editions with a joint European section takes careful planning, time, money. Probably the most important asset would be the existence, for each national edition, of a group of people committed to the same goal, and sharing similar or compatible views as to the criteria and means with which to pursue it. Such commitment cannot be created overnight. It would be a mistake simply to select a team and then turn to practical tasks of publishing a review. It is necessary to follow a gradual approach, in which people learn to work together in a preliminary phase.

Therefore, what already exists can be used as a starting point. "L'Indice" (published in Italy since October 1984) roughly reflects the sort of review in mind. As a first and preliminary step we are planning to publish three or four annual European

[rodapé]] Società Editrice: L'Indice coop. A r.l., via Giolitti, 40 – 10123 Torino – Tel. 835809 – P. IVA 04690630019.

Amministrazione: via Romeo Romei, 27 – 00136 Roma – Tel. 3595570 [fim do rodapé]

[4]

Supplements to “L’Indice” (8 to 16 pages) in Italian. Ideally, each supplement should have a main theme reflecting a common European issue (for examples, US-European relations, or the European right, or the relationship between sociology and history of art, or the debate on alternative patterns of explanation in the social and historical sciences, and so forth), but also other reviews on other subjects. Each supplement should be prepared by a meeting (initially in Paris) of coordinators and specialists in the subject under discussion. Texts used in the “L’Indice” supplement in Italian, could be freely used by their authors in other languages.

Naturally, this would be a first step providing so to speak the training ground for establishment of the groups of reviewers we have in mind in each country. It would have the advantage of flexibility in the use of what already exists, without excessive costs. We are planning to publish the first supplement in October 1987 (the Frankfurt Buchmesse could be used as a springboard).

4. Initial costs.

The Maison des Sciences de l’Homme has offered to cover translation costs for the first year. Also the MSH and the Collège de France are willing to cover expenses for Paris meetings. “L’Indice”, possibly with the help of some government agency, will take care of printing as well as general expenses. Also a select group of European publishers could be asked to advertise as a form of initial support of the supplement.

[rodapé]] Società Editrice: L’Indice coop. A r.l., via Giolitti, 40 – 10123 Torino – Tel. 835809 – P. IVA 04690630019.

Amministrazione: via Romeo Romei, 27 – 00136 Roma – Tel. 3595570 [fim do rodapé]

[5]

Other funds, yet to be found, should cover travel expenses and a minimal organizational structure.

5. To the recipients of this paper:

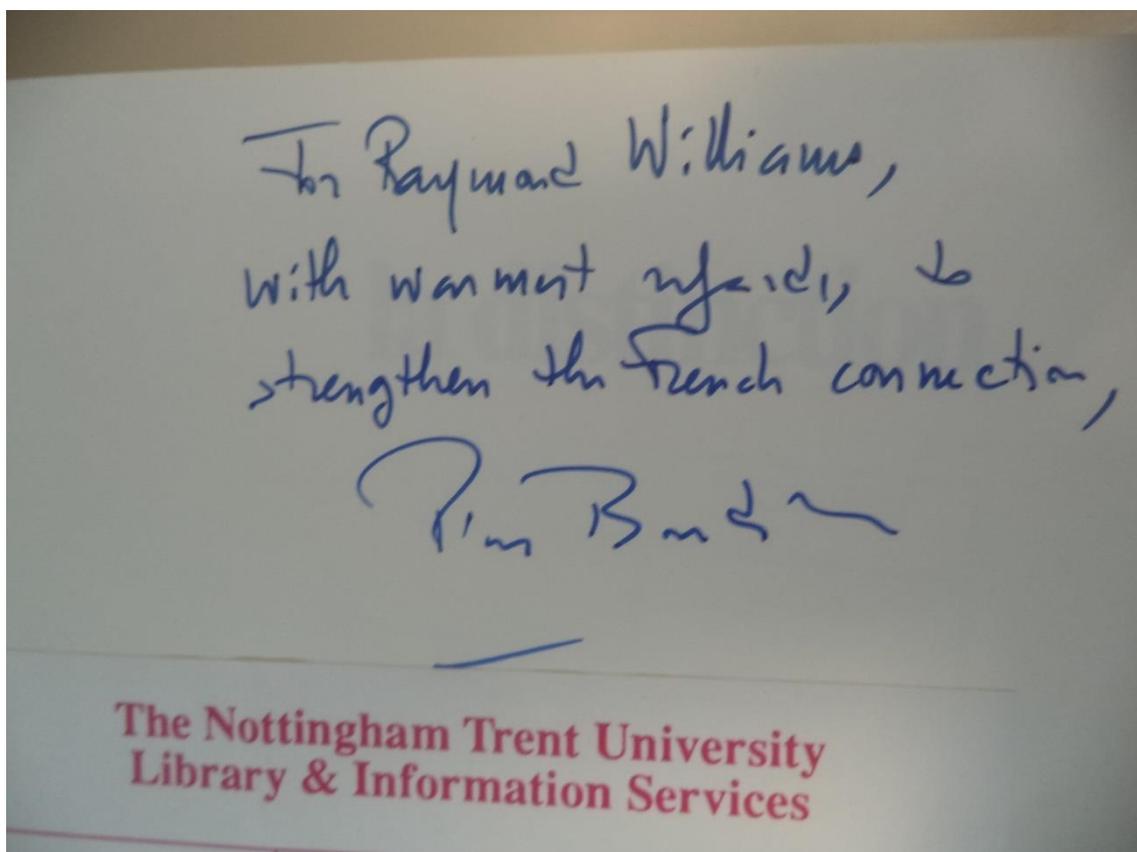
Please let us know what you think of the idea and more specifically you are willing to contribute. Do you have any themes to suggest for our initial supplements? If so, what books and reviewers would you select, as of today?

(----)

Please write two copies of your answer. Send one to Pierre Bourdieu (Collège de France, 11 Place Marcelin – Berthelot, 75005 Paris – France) and one to Gian Giacomo Migone (L’Indice, Via Giolitti, 40, 10123 Torino – Italy).

[rodapé]] Società Editrice: L’Indice coop. A r.l., via Giolitti, 40 – 10123 Torino – Tel. 835809 – P. IVA 04690630019.

Amministrazione: via Romeo Romei, 27 – 00136 Roma – Tel. 3595570 [fim do rodapé]

Anexo II

1. Pierre Bourdieu, *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les éditions de Minuit, 1979. Dedicatória de Bourdieu para Williams: "For Raymond Williams, with warmest regards, to strengthen the French connection, Pierre Bourdieu".